



**Trancoso, aldeia histórica, vila medieval
e cidade contemporânea**

Mariana Lima Miranda



Trancoso, aldeia histórica, vila medieval e cidade contemporânea

Mariana Lima Miranda

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura

Setembro 2020



Trancoso, aldeia histórica, vila medieval e cidade contemporânea

Mariana Lima Miranda

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
Mestrado Integrado

Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

Setembro de 2020

*“O passado é um prólogo”
William Shakespeare*

Aos meus, Carlos e Paula.

Agradecimentos

Na realização de mais uma etapa da minha vida, repleta de momentos felizes, mas desafiantes, queria deixar o meu agradecimento a todos os quantos me apoiaram e ajudaram neste percurso.

Em especial, queria agradecer.

Ao meu orientador, Professor Doutor Miguel Santiago, pela sua orientação, ajuda e paciência, mas principalmente por acreditar em mim.

À Ana, por todo o apoio, dedicação, companheirismo e amizade ao longo destes anos. Sem ela todo este trajeto não teria a mesma cor.

À Mariana, por ser a companheira desta longa viagem que é a vida e por todo o apoio na realização deste percurso.

Ao André, à Maria, à Ana, ao Pedro, à Jessica, à Luísa e à Catarina, pela amizade e carinho durante todo este processo.

À minha família, por estar sempre presente.

E por fim, aos que devo tudo, os meus pais, um enorme obrigada pelo incondicional apoio e confiança em todas as etapas da minha vida.

Obrigada a todos.

Resumo

A vontade de conhecer o passado e o património deixado já vem de algum tempo, no entanto, nos últimos anos o interesse por estes temas tem vindo a aumentar. Por esse motivo surgiu Trancoso, um lugar repleto de história e património. Este ocupou uma posição de grande importância em vários momentos da história de Portugal.

Trancoso era uma das mais notáveis vilas na idade média, com um centro urbano de relevância no norte do país. A cidade distingue-se pelo seu centro histórico que ainda hoje é rodeado por uma muralha praticamente intacta, que abraça todo um vasto património de arquitetura civil e religiosa, mas também pela riqueza das suas paisagens, pelo seu património natural e por todo o seu potencial. São um conjunto de elementos únicos que ligam o homem ao património, ao passado, à sua história.

A cidade destaca-se pelo seu distinto traçado urbanístico, no entanto, devido à sua posição no interior do país, ao envelhecimento da população e à emigração, esta cidade tal como outras do interior de Portugal, foram esquecidas, deixando toda essa herança ao abandono.

Perante isto, e querendo combater os efeitos da passagem do tempo e da desertificação, Trancoso entrou para um programa das 12 Aldeias Históricas de Portugal, que deu à Beira Interior um plano de evolução e reconhecimento, valorizando assim a história, a cultura e o património desta região.

Assim sendo, os principais objetivos desta dissertação passam por conhecer um pouco da história da cidade e a relevância de alguns edifícios e locais mais marcantes, mas também, perceber a influência da presença judaica e de como as vilas medievais surgiram e em que circunstâncias. Posteriormente, e para conhecer esta cidade medieval no seu interior, será feita uma análise morfológica. Será também abordado o tema da reabilitação em espaços urbanos, terminando com um projeto de reabilitação de um espaço público no interior do centro histórico de Trancoso.

Palavras-chave

Centro Histórico; Comunidade Judaica; História; Património; Reabilitação Urbana; Trancoso.

Abstract

The desire to know the past and heritage left behind has been going on for some time, however, in recent years, interest in these themes has been increasing. For this reason Trancoso comes up, a place full of history and heritage. This city, occupied a position of great importance in several moments in the history of Portugal.

Trancoso was one of the most notable villages in the Middle Ages, with an important urban center in the north of the country. The city is distinguished by its historic center, which today is still surrounded by a practically intact wall, which embraces a vast heritage of civil and religious architecture, but also by the richness of its landscapes, its natural heritage and all its potential. They are a set of unique elements that unifies man to heritage, to the past, to its history.

The city stands out for its distinctive urban design, however, due to its position in the interior of the country, the aging of population and the emigration, this city, like others in the interior of Portugal, has been forgotten, leaving all this legacy to abandonment.

In view of this, and wanting to combat the effects of the passage of time and desertification, Trancoso joined a program of the 12 Aldeias Históricas de Portugal, which gave Beira Interior a plan for evolution and recognition, valuing history, culture and heritage this region.

Therefore, the main objectives of this dissertation intends to know a little about the history of the city and the relevance of some of the most striking buildings and places, but also to understand the influence of Jewish presence and how medieval villages begun and under what circumstances. Later, and to get to know this medieval city inside, a morphological analysis will be made. The theme of rehabilitation in urban spaces will also be addressed, ending with a project for the rehabilitation of a public space within the historic center of Trancoso.

Keywords

Heritage; Historic Center; History; Jewish Community; Trancoso; Urban rehabilitation.

Índice

Parte I – Introdução.....	1
1. Contextualização.....	1
2. Justificação do tema.....	1
3. Objetivos.....	2
4. Metodologia.....	2
Parte II – Passado.....	5
1. Enquadramento Histórico.....	7
1.1. Do século XIX a.C. ao século XII d.C.....	7
1.2. Século XIII ao século XV.....	8
1.3. Século XVI ao século XVIII.....	9
1.4. Século XIX ao século XXI.....	10
2. Património.....	13
2.1. Património presente.....	18
2.1.1. Castelo e Muralhas.....	21
2.1.2. Portas.....	23
2.1.3. Pelourinho de Trancoso.....	25
2.1.4. Igreja de São Pedro.....	27
2.1.5. Igreja da Misericórdia.....	29
2.1.6. Casa dos Arcos.....	30
2.1.7. Palácio Ducal.....	31
2.1.8. Igreja de Santa Maria de Guimarães.....	33
2.1.9. Casa do Gato Preto.....	34
2.1.10. Poço do Mestre.....	35
2.1.11. Casa dos Arcos.....	36
2.1.12. Paços do Concelho.....	37
2.1.13. Quartel-General de Beresford.....	38
2.1.14. Igreja de Nossa Senhora da Fresta.....	39
2.1.15. Capela do Senhor da Calçada.....	40
2.1.16. Fonte da Vide.....	41
2.1.17. Convento dos Frades Franciscanos.....	42
2.1.18. Capela de Santa Eufémia.....	43
2.1.19. Capela de São Bartolomeu.....	44
2.1.20. Fonte Nova.....	45
2.1.21. Cruzeiro do Senhor da Boa Morte.....	46
2.1.22. Capela de Santa Luzia.....	47
3. Judaísmo.....	48
3.1. Contextualização Histórica.....	48
3.2. Princípios e Práticas do Judaísmo.....	49
3.3. Judaísmo em Portugal.....	51
3.4. Influências judaicas na cultura Portuguesa.....	53
3.5. Presença Judaica em Trancoso.....	54
4. Cidades Medievais.....	60
4.1. Origem das cidades.....	60
4.2. Cidades medievais portuguesas com fundação em civilizações Romana e Muçulmana.....	62
4.3. Cidade Medieval Portuguesa.....	64
4.4. Bastides.....	65

4.5.	Trancoso – Vila Medieval	68
5.	Aldeias Históricas	72
5.1.	Programa de Recuperação das Aldeias Históricas de Portugal	72
5.2.	Intervenções efetuadas nas aldeias no âmbito do programa das Aldeias Históricas de Portugal	75
5.2.1.	Trancoso	75
5.2.2.	Marialva.....	76
5.2.3.	Castelo Rodrigo	77
5.2.4.	Almeida	78
5.2.5.	Castelo Mendo.....	79
5.2.6.	Linhares da Beira.....	80
5.2.7.	Belmonte.....	81
5.2.8.	Sortelha.....	82
5.2.9.	Piódão	83
5.2.10.	Monsanto.....	84
5.2.11.	Castelo Novo.....	85
5.2.12.	Idanha-a-Velha.....	86
	Parte III – Presente	89
1.	Enquadramento geral da cidade	91
2.	Análise Morfologia	95
2.1.	Acessos e vias	97
2.2.	Tipos de pavimento	98
2.3.	Espaço não edificado	100
2.4.	Espaço Edificado	103
2.5.	Funções do Edificado	105
2.5.1.	Função – Habitação	106
2.5.2.	Função – Comércio.....	107
2.5.3.	Função – Serviços.....	108
2.5.4.	Função – Indústria	109
2.6.	Altura do Edificado	110
2.7.	Materiais de Construção	111
2.7.1.	Material revestimento do edificado	112
2.7.2.	Material das portas.....	113
2.7.3.	Material das janelas	114
2.8.	Estado de conservação.....	115
2.9.	Valor arquitetónico	117
	Parte IV – Futuro.....	121
1.	Intervenções em Espaços Urbanos.....	123
1.1.	Reabilitação Urbana em Portugal	123
1.2.	Conceitos	125
1.2.1.	Reabilitação Urbana:	125
1.2.2.	Requalificação Urbana:	125
1.2.3.	Revitalização Urbana:.....	126
1.2.4.	Renovação Urbana:.....	126
1.3.	Intervenções em Espaços Urbanos em Trancoso.....	127
2.	Memória Descritiva.....	131
2.1.	Conceito.....	132
	Conclusão	151
	Bibliografia.....	155
	Webgrafia	159

Anexos	161
Anexo 1 – Descrição das peças desenhadas	162
Anexo 2 – Levantamento do edificado: Representação e Tabelas	163

Lista de Figuras

Fig. 1 Poço da Roseira. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	18
Fig. 2 Poço das Águas Claras. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	18
Fig. 3 Casa do Correio Mor. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	18
Fig. 4 Solar Moutinho Garcez. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	19
Fig. 5 Casa das Oliveiras. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	19
Fig. 6 Cruzeiro do Senhor da Agonia. Fonte: https://www.google.pt/maps/@40.7754837,7.3515942,3a,45y,329.84h,91.4t/data=!3m6!1e1!3m4!1sDhHCEH1TIuAc-9F-1-bzRQ!2e0!7i13312!8i6656	19
Fig. 7 Necrópole. Fonte: https://www.google.pt/maps/@40.7800321,7.3501318,3a,74y,333.02h,96.06t/data=!3m6!1e1!3m4!1syv6rHgBQY6zBUjkICmuleg!2e0!7i13312!8i6656	19
Fig. 8 Barbacã. Fonte: https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/barbaca/	19
Fig. 9 Freixo. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	19
Fig. 10 Tília. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	19
Fig. 11 Parque Municipal. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	19
Fig. 12 Imagem de localização dos pontos de interesse. Fonte: Autora, Fevereiro de 2020.....	20
Fig. 13 Entrada do Castelo. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	21
Fig. 14 Interior do Castelo. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	21
Fig. 15 Torre de Menagem. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	21
Fig. 16 Torre de Menagem. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	21
Fig. 17. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	22
Fig. 18 Rua dos Cavaleiros. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	22
Fig. 19 Rua dos Cavaleiros. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	22
Fig. 20 Porta d’El Rei. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	23
Fig. 21 Porta do Prado. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	23
Fig. 22 Porta do Carvalho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	24
Fig. 23 Porta de São João. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	24
Fig. 24 Portas da Traição. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	24
Fig. 25 Boeirinho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	24
Fig. 26 Olhinho do sol. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	24
Fig. 27 Pelourinho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	26
Fig. 28 Pelourinho. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	26
Fig. 29 Igreja de São Pedro. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	28
Fig. 30 Interior da Igreja de São Pedro. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	28

Fig. 31 Igreja da Misericórdia. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	29
Fig. 32 Interior da Igreja da Misericórdia. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	29
Fig. 33 Casa dos Arcos. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	30
Fig. 34 Símbolos na Casa dos Arcos. Fonte: http://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/trancoso	30
Fig. 35 Palácio Ducal. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	32
Fig. 36 Fachada do Palácio Ducal. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	32
Fig. 37 Fachada do Palácio Ducal. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	32
Fig. 38 Igreja de Santa Maria de Guimarães. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	33
Fig. 39 Interior da Igreja de Santa Maria de Guimarães. Fonte: http://monumentos.pt/Site/APPPagesUser/SIPA.aspx?id=2991	33
Fig. 40 Casa do Gato Preto. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	34
Fig. 41 Portas de Jerusalém. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	34
Fig. 42 Preguiça. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	34
Fig. 43 Leão de Judah. Fonte: Autora, Outubro de 2019.	34
Fig. 44 Poço do Mestre. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	35
Fig. 45 Poço do Mestre. Fonte: Autora, Outubro de 2019.	35
Fig. 46 Casa dos Arcos. Fonte: Autora, Outubro de 2019.	36
Fig. 47 Paços do Concelho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.	37
Fig. 48 Quartel-General de Beresford. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	38
Fig. 49 Quartel-General de Beresford. Fonte: Autora, Outubro de 2019.	38
Fig. 50 Igreja de Nossa Senhora da Fresta. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	39
Fig. 51 Interior da Igreja de Nossa Senhora da Fresta. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	39
Fig. 52 Capela do Senhor da Calçada. Fonte: Autora, Outubro de 2019.	40
Fig. 53 Fonte da Vide. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	41
Fig. 54 Fonte da Vide. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.	41
Fig. 55 Convento dos Frades Franciscanos. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	42
Fig. 56 Convento dos Frades Franciscanos. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	42
Fig. 57 Capela de Santa Eufémia. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	43
Fig. 58 Capela de Santo Bartolomeu. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	44
Fig. 59 Pannel em azulejo da Capela de Santo Bartolomeu. Fonte: Autora, Outubro de 2019.	44
Fig. 60 Fonte Nova. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	45
Fig. 61 Inscrição na Fonte Nova. Fonte: Autora, Outubro de 2019.	45
Fig. 62 Cruzeiro Senhor da Boa Morte. Fonte: http://patrimonioxxi.blogspot.com/p/patrimonio-religioso.html	46

Fig. 63 Imagem de Cristo Crucificado do Cruzeiro Senhor da Boa Morte. Fonte: http://patrimonioxxi.blogspot.com/p/patrimonio-religioso.html ...	46
Fig. 64 Capela de Santa Luzia. Fonte: http://photos1.blogger.com/blogger/2532/3607/1600/Capela%20St%20Luzia.jpg ...	47
Fig. 65 Cornija com uma cachorrada da Capela de Santa Luzia. Fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74633 .	47
Fig. 66 Rotas da diáspora. Fonte: https://musicinisrael.wordpress.com/2013/09/03/everything-we-know-about-history-we-can-learn-from-hollywood-and-tedtalks/	49
Fig. 67 Sinagoga em Trancoso. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-168137/centro-de-interpretacao-da-cultura-judaica-isaac-cardoso-slash-goncalo-byrne-arquitectos-plus-oficina-ideias-em-linha?ad_medium=gallery	49
Fig. 68 Sinagoga em Trancoso. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-168137/centro-de-interpretacao-da-cultura-judaica-isaac-cardoso-slash-goncalo-byrne-arquitectos-plus-oficina-ideias-em-linha?ad_medium=gallery	49
Fig. 69 Sinagoga em Trancoso. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-168137/centro-de-interpretacao-da-cultura-judaica-isaac-cardoso-slash-goncalo-byrne-arquitectos-plus-oficina-ideias-em-linha?ad_medium=gallery	50
Fig. 70 Rolos de Torah. Fonte: http://casadosanussim.shavei.org/2018/04/16/visita-ao-sefer-tora-de-trancoso-portugal/	50
Fig. 71 Lápide Fúnebre coma menorah em Mértola. Fonte: http://www.camertola.pt/sites/default/files/image001_15.jpg	51
Fig. 72 Brasões e símbolos com motivos ligados ao judaísmo. Fonte: https://www.facebook.com/policiasegurancapublica/photos/a.118723868183136/1681473398574834/?type=1&theater , https://pt.wikipedia.org/wiki/Viana_do_Alentejo#/media/Ficheiro:VNT.png , https://www.heraldry-wiki.com/arms/websites/Portugal/www.fisicohomepage.hpg.ig.com.br/lsd-boim.htm	53
Fig. 73 Rua da Alegria. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	54
Fig. 74 Casa do Gato Preto. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	54
Fig. 75 Esculturas da fachada da Casa do Gato Preto. Fonte: Autora, Outubro de 2019 e do Livro Trancoso – Uma Monografia, Saraiva e Cameijo, 2016.....	55
Fig. 76 Rua da Corredoura. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....	55
Fig. 77 Rua da Alegria. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	56
Fig. 78 Possível antiga sinagoga. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	56

Fig. 79 Imagem da localização das marcas religiosas. Fonte: Autora, Abril de 2020.....57

Fig. 80 Imagem da localização das marcas religiosas na Rua do Pincho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019 e Abril de 2020.....57

Fig. 81 Imagem da localização das marcas religiosas na Rua da Alegria. Fonte: Autora, Dezembro de 2019 e Abril de 2020.....58

Fig. 82 Imagem da localização das marcas religiosas na Rua do Poço Mestre. Fonte: Autora, Dezembro de 2019 e Abril de 2020.....58

Fig. 83 Imagem da localização das marcas religiosas na Rua do Pintor. Fonte: Autora, Dezembro de 2019 e Abril de 2020.....58

Fig. 84 Centro de Interpretação da Cultura Judaica Isaac Cardoso. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....59

Fig. 85 Casa do Bandarra. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.....59

Fig. 86 Primeiras cidades – Ur, Mesopotâmia. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ur_from_the_Air.jpg.....61

Fig. 87 Primeiras cidades – Paquistão. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Paquist%C3%A3o>61

Fig. 88 Monforte. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Monforte/@39.0279556,7.5731618,45967m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd17oad3off9370d:oxd6d38ed2756dc2d8!8m2!3d39.053627!4d-7.4395911?hl=pt-PT>.....63

Fig. 89 Serpa. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Serpa/@37.9385188,-7.5974791,2390m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1soxd1090627353f547:oxac4c50037757fc10!8m2!3d37.9443447!4d-7.5978743?hl=pt-PT>.....63

Fig. 90 Marvão. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Marv%C3%A3o/@39.3944048,7.3772669,816m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1soxd17bf15of248c4f:oxbegafob9e8c640d6!8m2!3d39.3939447!4d-7.3765363?hl=pt-PT>.....63

Fig. 91 Mértola. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/M%C3%A9rtola/@37.6375079,-7.6647994,965m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1soxd107dbb4664ccab:ox24c06972823ba698!8m2!3d37.6415148!4d-7.6606665?hl=pt-PT>63

Fig. 92 Áquila. Fonte: <http://www.vdpsrl.it/progetti/187/comune-di-laquila-classificazione-acustica/>.....66

Fig. 93 Áquila. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/67100+%C3%81quila,+It%C3%A1lia/@42.3634428,13.3507466,10930m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1sox132fd2f005cfeba1:ox4f8e9dac999fif8d!8m2!3d42.3498479!4d13.3995091?hl=pt-PT>.....66

Fig.	94	Aigues-Mortes.	Fonte:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/16/Plan.Aigues.Mortes.png66			
Fig.	95	Aigues-Mortes.	Fonte: https://www.google.com/maps/place/30220+Aigues-Mortes,+Fran%C3%A7a/@43.5637123,4.1740145,6496m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x12b690b7992e6105:0x4078821166b4870!8m2!3d43.567172!4d4.1925869?hl=pt-PT66
Fig.	96	Libourne.	Fonte: https://www.bastides33.fr/libourne/66
Fig.	97	Libourne.	Fonte: https://www.google.com/maps/place/33500+Libourne,+Fran%C3%A7a/@45.0674111,-0.5446929,113708m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd55494f167006fb:0x40665174816e1fo!8m2!3d44.912998!4d-0.243985?hl=pt-PT66
Fig.	98	Reguengos de Monsaraz.	Fonte: https://www.google.com/maps/place/Reguengos+de+Monsaraz/@38.4434903,-7.3807349,348m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd174cbb9cff1b1d:0x30cd776ff4487346!8m2!3d38.4252655!4d-7.5344352?hl=pt-PT67
Fig.	99	Redondo.	Fonte: https://www.google.com/maps/place/Redondo/@38.6492156,-7.543209,211m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd1744147d9793d5:0x97506790b3c67f48!8m2!3d38.6490041!4d-7.5436514?hl=pt-PT67
Fig.	100	Imagem de localização da vila velha, vila nova e o traçado da antiga muralha.	Fonte: Autora, Junho de 2020.....68
Fig.	101	Imagem de localização de Trancoso.	Fonte: https://www.google.com/maps/place/Trancoso/@39.9991256,-8.6773783,784294m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd3c938bfo6d5ffd:0xdcc7aeea5aoda11!8m2!3d40.7787604!4d-7.3491442?hl=pt-PT69
Fig.	102	Imagem de representação do padrão geométrico de Trancoso.	Fonte: Autora, Junho de 2020.....69
Fig.	103	Localização do Castelo sobre a cidade.	Fonte: https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/546070
Fig.	104	Imagem de representação da rua direita.	Fonte: Autora, Junho de 2020.....70
Fig.	105	Imagem de representação da rua direita que se abre num largo.	Fonte: Autora, Junho de 2020.....71
Fig.	106	Imagem de representação das ruas paralelas e perpendiculares em relação à rua direita.	Fonte: Autora, Junho de 2020.....71
Fig.	107	Imagem de localização das Aldeias Históricas.	Fonte: Autora, Abril de 2020.....73
Fig.	108	Imagem de localização das intervenções efetuadas em Trancoso.	

Fonte:	https://www.google.com/maps/place/Trancoso/@40.7783817,-7.3497252,506m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1soxd3c938bfo6d5ffd:oxdcc7aeea5aoda11!8m2!3d40.7787604!4d-7.3491442?hl=pt-PT	75
Fig. 109	Imagem de localização das intervenções efetuadas em Marialva. Fonte: https://www.google.com/maps/place/Marialva/@40.9120854,-7.2677823,11179m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd3c856d4623af97:ox500ebbbe490cbco!8m2!3d40.9034022!4d-7.2329255?hl=pt-PT	76
Fig. 110	Igreja de São Pedro. Fonte: Autora, Dezembro, 2019	76
Fig. 111	Interior do Castelo. Fonte: https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/castelo-3/	76
Fig. 112	Capela Senhor dos Passos. Fonte: Autora, Dezembro, 2019	76
Fig. 113	Imagem de localização das intervenções efetuadas em Castelo Rodrigo. Fonte: https://www.google.com/maps/place/Castelo+Rodrigo/@40.8683911,-6.9743996,11187m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd3c65a28ed6803b:ox500ebbbe490c7do!8m2!3d40.8628504!4d-6.9101806?hl=pt-PT	77
Fig. 114	Igreja Reclamador. Fonte: Autora, Dezembro, 2019	77
Fig. 115	Palácio Cristóvão de Moura. Fonte: Autora, Dezembro, 2019	77
Fig. 116	Muralhas. Fonte: https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/muralha-seteiras-e-troneiras/	77
Fig. 117	Imagem de localização das intervenções efetuadas em Almeida. Fonte: https://www.google.com/maps/place/Almeida/@40.7302654,-6.9392507,11210m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd3c42c12d537ed7:ox1a0c5b4f6fcfb331!8m2!3d40.7254048!4d-6.9055942?hl=pt-PT	78
Fig. 118	Casamatas e Baluarte. Fonte: Autora, Dezembro, 2019	78
Fig. 119	Portas de São Francisco. Fonte: https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/portas-duplas-de-sao-francisco-da-cruz/	78
Fig. 120	Portas Santo António. Fonte: https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/portas-duplas-de-santo-antonio/	78
Fig. 121	Imagem de localização das intervenções efetuadas em Castelo Mendo. Fonte: https://www.google.com/maps/place/Castelo+Mendo/@40.5831139,-6.9841626,11235m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd3c50768d2cd4f3:ox500ebbbe490c4fo!8m2!3d40.593213!4d-6.9477532?hl=pt-PT	79
Fig. 122	Igreja de São Vicente. Fonte: https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/igreja-de-sao-vicente/	79

Fig. 123 Sede do Antigo Tribunal e cadeia. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/posto-de-turismo-de-castelo-mendo-museu-dos-sentidos/	79
Fig. 124 Igreja de Santa Maria do Castelo. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/ruinas-da-igreja-de-santa-maria-do-castelo/	79
Fig. 125 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Linhares da Beira. Fonte: https://www.google.com/maps/place/Linhares/@40.5430598,-7.4851988,11242m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd3cdd3f82f9f4e5:ox7faab870f7247bd7!8m2!3d40.5413627!4d-7.4543626?hl=pt-PT	80
Fig. 126 Igreja Matriz. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/igreja-matriz-3/	80
Fig. 127 Miradouro do Castelo. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/castelo-de-linhares/	80
Fig. 128 Solar Corte Real. Fonte: https://lifecooler.com/artigo/comer/inatel-linhares-da-beira-hotel/457747	80
Fig. 129 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Belmonte. Fonte: https://www.google.com/maps/place/Belmonte/@40.3356679,-7.3795817,11276m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd3d1c235ceocdb3:ox26944f23acf8557c!8m2!3d40.351063!4d-7.3408535?hl=pt-PT	81
Fig. 130 Castelo. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/castelo-de-belmonte/	81
Fig. 131 Rua da Judiaria. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/judiaria-de-belmonte/	81
Fig. 132 Solar Cabrais. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/solar-dos-cabrais-atual-biblioteca-e-arquivo-municipal/	81
Fig. 133 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Sortelha. Fonte: https://www.google.com/maps/place/Sortelha/@40.3391294,-7.2438409,11276m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd3d03839c50ee6b:oxe45ece63b535d1fe!8m2!3d40.3307429!4d-7.2120311?hl=pt-PT	82
Fig. 134 Castelo. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/castelo-e-muralhas-ahp-sortelha/	82
Fig. 135 Igreja Matriz. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/igreja-matriz-na-senhora-das-neves/	82
Fig. 136 Posto de Turismo. Fonte: https://aldeias-historicasdeportugal.com/local/posto-de-turismo-de-sortelha/	82

- Fig. 137 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Piódão. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Piod%C3%A3o/@40.2301688,-7.8282761,706m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd22d2f4ef704027:oxfa91134a1fba34fe!8m2!3d40.2295651!4d-7.8251897?hl=pt-PT>.....83
- Fig. 138 Pousada de Piódão. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/aldeia/piodao/>.....83
- Fig. 139 Posto de Turismo. Fonte: <https://partiupelomundo.com/o-que-fazer-em-piodao/>.....83
- Fig. 140 Igreja Paroquial. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/igreja-matriz-2/>.....83
- Fig. 141 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Monsanto. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Monsanto/@40.0043842,-7.1655168,22663m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd3d75bd5000d04d:ox824a112737bb26!8m2!3d40.0388745!4d-7.115065?hl=pt-PT>.....84
- Fig. 142 Edifícios da aldeia. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/aldeia/monsanto/>.....84
- Fig. 143 Muralhas. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/wp-content/uploads/2018/12/monsanto-8.jpg>.....84
- Fig. 144 Castelo. Fonte: <https://pt.foursquare.com/v/castelo-demonsanto/50e1bb98e4b01ebc69f7fef7/photos>.....84
- Fig. 145 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Castelo Novo. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Castelo+Novo/@40.0504308,-7.5321562,22648m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1soxd3d3f65od184429:oxfc1a24e6cd2c4497!8m2!3d40.0778556!4d-7.4965463?hl=pt-PT>.....85
- Fig. 146 Paços do Concelho. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/antiga-casa-da-camara-pacos-do-concelho/>.....85
- Fig. 147 Igreja Matriz. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/igreja-matriz-igreja-de-nossa-senhora-da-graca/>.....85
- Fig. 148 Casas da aldeia. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/aldeia/castelono/novo/>.....85
- Fig. 149 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Idanha-a-Velha. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Idanha-a-Velha/@39.9961283,-7.1447247,4705m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1soxd3d766c9d61e40f:oxa9e1ff8e15c3ea5d!8m2!3d40.0014856!4d-7.1520926?hl=pt-PT>.....86
- Fig. 150 Igreja Matriz. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/igreja-de-santa-maria-se-catedral/>.....86

Fig. 151 Sé Catedral. Fonte: https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/igreja-matriz-idanha/	86
Fig. 152 Sé Catedral. Fonte: https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/capela-de-sao-damaso/	86
Fig. 153 Castelo de Trancoso. Fonte: Autora, Abril de 2019.....	91
Fig. 154 Imagem de localização de Trancoso no distrito da Guarda. Fonte: Autora, Junho de 2019.....	92
Fig. 155 Imagem de relação com os conselhos envolventes. Fonte: Autora, Junho de 2019.....	92
Fig. 156 Imagem de localização da freguesia de Trancoso com as freguesias envolventes. Fonte: Autora, 2019.....	92
Fig. 157 Imagem de localização do centro histórico e muralha. Fonte: Autora, 2019....	95
Fig. 158 Imagem das principais vias circulação dentro e fora do centro histórico. Fonte: Autora, 2019.	97
Fig. 159 Imagem dos diferentes tipos de pavimento. Fonte: Autora, 2019.....	98
Fig. 159 Calçada medieval. Fonte: Autora, 2019.....	99
Fig. 160 Calçada à fiada. Fonte: Autora, 2019.....	99
Fig. 161 Calçada à portuguesa. Fonte: Autora, 2019.	99
Fig. 162 Imagem da representação do espaço não edificado. Fonte: Autora, 2019.....	100
Fig. 163 Largo Dr. Eduardo Cabral. Fonte: Autora, 2019.....	101
Fig. 164 Largo Luís de Albuquerque. Fonte: Autora, 2019.....	101
Fig. 165 Espaço público tomado pelos automóveis. Fonte: Autora, 2019.	101
Fig. 166 Rua Xavier da Cunha. Fonte: Autora, 2019.....	102
Fig. 167 Rua do Açougue. Fonte: Autora, 2019.....	102
Fig. 168 Fachada revestida a madeira. Fonte: Autora, 2019.....	103
Fig. 169 Portas e janelas a imitarem madeira. Fonte: Autora, 2019.....	103
Fig. 170 Paredes de blocos em granito com juntas de argamassa pintadas a branco. Fonte: Autora, 2019.....	104
Fig. 171 Edifícios com estores exteriores. Fonte: Autora, 2019.....	104
Fig. 172 Edifícios com portadas exteriores. Fonte: Autora, 2019.....	104
Fig. 173 Edifícios com portas em alumínio. Fonte: Autora, 2019.	104
Fig. 174 Imagem de representação dos edifícios que são habitação. Fonte: Autora, 2019.	106
Fig. 175 Imagem de representação dos edifícios que são comércio. Fonte: Autora, 2019.	107
Fig. 176 Imagem de representação dos edifícios que são serviços. Fonte: Autora, 2019.	108

Fig. 177 Imagem de representação dos edifícios que são indústria. Fonte: Autora, 2019.	109
Fig. 178 Imagem de representação do número de pisos de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.	110
Fig. 179 Edifício em bolcos de granito. Fonte: Autora, 2019.	111
Fig. 180 Edifício revestido a reboco. Fonte: Autora, 2019.	111
Fig. 181 Edifício revestido a azulejo. Fonte: Autora, 2019.	111
Fig. 182 Edifício revestido a blocos de granito e reboco. Fonte: Autora, 2019.	111
Fig. 183 Imagem de representação do tipo de material da fachada de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.	112
Fig. 184 Imagem de representação do tipo de material das portas de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.	113
Fig. 185 Imagem de representação do tipo de material das janelas de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.	114
Fig. 186 Imagem de representação do estado de conservação de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.	115
Fig. 187 Edifício em mau estado de conservação. Fonte: Autora, 2019.	116
Fig. 188 Edifício em razoável estado de conservação. Fonte: Autora, 2019.	116
Fig. 189 Edifício em bom estado de conservação. Fonte: Autora, 2019.	116
Fig. 190 Edifício em ruína. Fonte: Autora, 2019.	116
Fig. 191 Imagem de representação do valor arquitetónico de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.	117
Fig. 192 Edifício no nível 1. Fonte: Autora, 2019.	118
Fig. 193 Edifício no nível 2. Fonte: Autora, 2019.	118
Fig. 194 Edifício no nível 3. Fonte: Autora, 2019.	119
Fig. 195 Edifício no nível 4. Fonte: Autora, 2019.	119
Fig. 196 Edifício no nível 5. Fonte: Autora, 2019.	119
Fig. 197 Edifício no nível 6. Fonte: Autora, 2019.	119
Fig. 198 Vista do Castelo em 1920. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.	127
Fig. 199 Vista do Castelo em 2019. Fonte: https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/barbaca/	127
Fig. 200 Interior do Castelo por volta de 1940. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.	127
Fig. 201 e 202 Interior do Castelo em 2019. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.	127
Fig. 203 Entrada do Castelo por volta de 1940. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.	128

Fig. 204 Entrada do Castelo em 2019. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	128
Fig. 205 Portas d’El Rei por volta de 1920.....	128
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.....	128
Fig. 206 Entrada do Castelo em 2019. Fonte: Autor, Dezembro de 2019.....	128
Fig. 207 Zona exterior da Muralha no lado oeste por volta de 1920.....	128
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.....	128
Fig. 208 Zona exterior das Muralhas no lado oeste 2020. Fonte: https://www.google.com/maps/@40.7779499,7.3514204,3a,75y,49.37h,98.95t/data=!3m6!1e1!3m4!1s2petVHLWiUo0MjF7uC3AWw!2e0!7i13312!8i6656?hl=pt-PT	128
Fig. 209 Lado exterior do Boeirinho em meados do século XX. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.....	128
Fig. 210 Lado exterior do Boeirinho em 2019. Fonte: https://www.google.pt/maps/@40.7790784,-7.3507717,3a,75y,124.27h,91.23t/data=!3m6!1e1!3m4!1s3Gc3Rpvo-Z9UrYyq6uO6kQ!2e0!7i13312!8i6656	128
Fig. 211 Demarcação da possível planta do Convento de Santa Clara. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.....	129
Fig. 212 Praça D. Dinis em 2019. Fonte: https://www.google.pt/maps/@40.7784792,-7.3489553,3a,60y,291.16h,94.07t/data=!3m6!1e1!3m4!1suFg-6zAEezwZHMKmUxw8w!2e0!7i13312!8i6656	129
Fig. 213 Largo Luís de Albuquerque. Fonte: Disponível no facebook do Município de Trancoso, consultado a 24 de Junho de 2020.....	129
Fig. 214 Largo de Luís de Albuquerque em 2019. Fonte: Autor, Dezembro de 2019.....	129
Fig. 215 – Casa do Gato Preto no século XX. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.....	129
Fig. 216 Casa do Gato Preto em 2019. Fonte: Autor, Outubro de 2019.....	129
Fig. 217 Convento dos Frades por volta de 1950. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.....	130
Fig. 218 Convento dos Frades em 2019. Fonte: Autor, Outubro de 2019.....	130
Fig. 219 Convento dos Frades. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.....	130
Fig. 220 Convento dos Frades em 2019. Fonte: Autor, 2019.....	130
Fig. 221 Fonte da Vide por volta de 1917. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.....	130
Fig. 222 Praça D. Dinis em 2019. Fonte: Disponível no Google Maps, consultado a 24 de Junho de 2020.....	130

Fig. 223 Imagem aérea de Trancoso, com a marcação do local de intervenção. Fonte: https://www.google.com/maps/place/Trancoso/@40.7784202,-7.349802,504m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1soxd3c938bf06d5ffd:oxdcc7aeea5aoda11!8m2!3d40.7787604!4d-7.3491442?hl=pt-PT.....	131
Fig. 224 Largo Dr. Eduardo Cabral. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	132
Fig. 225 Largo Dr. Eduardo Cabral. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	132
Fig. 226 Largo Dr. Eduardo Cabral. Fonte: Autora, Outubro de 2019.....	132
Fig. 227 Esquisso conceptual. Fonte: Autora, Junho de 2020.	132
Fig. 228 Esquisso da evolução da ideia. Fonte: Autora, Junho de 2020.....	133
Fig. 229 Esquissos conceptuais. Fonte: Autora, Junho de 2020.....	134
Fig. 230 Esquisso conceptual. Fonte: Autora, Junho 2020.....	134
Fig. 231 Exemplo de material. Fonte: https://www.google.com/maps/@40.7785194,7.3493875,3a,60y,330.63h,85.66t/data=!3m6!1e1!3m4!1sTKCxmJtGp7L_ZzyzP35YFA!2e0!7i13312!8i6656?hl=pt-PT.....	135
Fig. 232 Exemplo de material. Fonte: https://www.archdaily.com/622956/-a-rememberance-site-parc-des-glacis-2-3-4/55385c61e58ece7357000102-a-rememberance-site-parc-des-glacis-2-3-4-photo?next_project=no.....	135
Fig. 233 Exemplo de material. Fonte: https://www.marlin.co.ao/produtos/espacos-construcoes-publicas/.....	135
Fig. 234 Planta de localização da intervenção. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.....	137
Fig. 235 Planta. Sem escala. Fonte: Autora.....	139
Fig. 236 Ilustração do corte AA'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.....	141
Fig. 237 Ilustração do corte BB'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.....	143
Fig. 238 Ilustração do corte CC'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.....	145
Fig. 239 Ilustração do corte DD'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.....	147
Fig. 240 Ilustração do corte EE'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.....	149
Fig. 241 Planta com a numeração do edificado. Fonte: Autora, Agosto de 2020.....	163

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Descrição das peças desenhadas.

Lista de Gráficos

Gráfico 1 Evolução da População Residente – Trancoso 1981-2011. Fonte: INE – Censos da População 1981, 1991, 2001 e 2011.	94
Gráfico 2 Percentagem de cada função do edificado. Fonte: Autora, 2019.....	105

Lista de Acrónimos

AGEMN	Administração Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais
DGEMN	Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais
DGOTDU	Direção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano
IPPAAR	Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico
IPPAR	Instituto Português do Património Arquitetónico
IPPC	Instituto Português do Património Cultural
PGU	Plano Geral de Urbanização
PP	Plano Pormenor
PPDR	Programa do Potencial de Desenvolvimento Regional
PRAHP	Programa de Recuperação das Aldeias Históricas de Portugal
PRAUD	Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas
PRID	Programa de Recuperação de Imóveis Degradados
PRU	Programa de Reabilitação Urbana
QCA	Quadro Comunitário de Apoio
RECRIA	Regime Especial de Participação na Recuperação de Imóveis Arrendados
SRU	Sociedade de Reabilitação Urbana

Parte I – Introdução

1. Contextualização

A Beira Interior é uma região de grande valor para Portugal, não só pela beleza das suas paisagens, mas também pelo seu vasto património histórico, arquitetónico e natural. No entanto, o interior, tem sido abandonado ao longo do tempo, devido ao vasto progresso, a nível económico e tecnológico dos grandes núcleos na zona litoral do país; deixando assim para trás as aldeias, vilas e cidades carregadas de história, que não deixam esquecer a cultura e tradição, que ao longo dos séculos ficaram marcadas no tempo.

A bela cidade de Trancoso é o objeto de estudo desta dissertação e tem como objetivo analisar vários aspetos que a ela estão ligados. É então possível dividir o trabalho em três grandes temas distintos: o Passado, o Presente e o Futuro.

2. Justificação do tema

A cada dia que nasce, o mundo dá mais um passo na direção do futuro e com isto nos faz esquecer o que temos deixado ao longo dos séculos. Esta temática do passado, da história e do património que fica é, inevitavelmente, algo que nos devia sensibilizar. Como seria o nosso presente se nunca tivesse acontecido o passado? Daí vem o interesse pelo preservar, reabilitar e valorizar todo o património que nos foi legado.

A escolha da cidade de Trancoso para esta dissertação recai nas suas potencialidades, sobretudo a nível histórico, do património arquitetónico e a beleza natural em que se enquadra. Considerada como aldeia histórica, vila medieval e cidade contemporânea é um lugar cheio de história para contar.

3. Objetivos

Com esta dissertação pretende-se como principal objetivo conhecer melhor e dar a conhecer a cidade de Trancoso, expondo o que de bem foi feito, assim como o menos bem; com a finalidade de se poder preservar, melhorar e valorizar este local já por si valioso.

Como anteriormente referido, os grandes temas deste estudo são o Passado, o Presente e o Futuro. O Passado consiste na análise teórica de temas ligados à cidade, explorando assuntos como o património, o judaísmo, aldeias históricas e vilas medievais. No segundo grande tema, O Presente, consiste numa análise prática da morfologia do centro histórico, explorando pontos como os tipos de materiais presentes, o tipo de funções de cada edifício, entre outros. Por fim, o Futuro, será dedicado à elaboração de um projeto de reabilitação urbana, uma praça que se situa em frente do Palácio Ducal, em pleno centro histórico.

4. Metodologia

Para a elaboração desta dissertação procurar-se-á fazer uma pesquisa constante, analisando a história, a arquitetura civil e religiosa, entre outros temas ligados a Trancoso. Isto, recorrendo a uma pesquisa feita em documentos, livros e fotografias da cidade em estudo. Será também elaborado fichas de levantamento do edificado, levantamentos fotográficos, exploração de definições de conceitos teóricos, entre outros.

O trabalho será estruturado da seguinte forma:

- Na primeira parte apresentar-se-á a contextualização e metodologia da elaboração do trabalho;
- A segunda parte centrar-se-á no estudo teórico, iniciando com um enquadramento histórico. Seguidamente será abordado o conceito de património e analisado a património presente; perceber a influência da presença judaica, a formação das vilas medievais e terminando por entender a importância da rede das aldeias históricas na cidade;
- A terceira parte será dedicada à análise morfológica do centro histórico, analisando os acessos e vias, os tipos de pavimento, o espaço edificado, o espaço não edificado, as funções de cada edifício, a altura, os materiais de construção, o estado de conservação e o valor arquitetónico;

- Na quarta parte será abordado o tema da reabilitação de espaços públicos, terminando com a elaboração de um projeto num espaço público no interior da muralha;
- Por fim, apresentar-se-á várias conclusões, fruto da reflexão teórica e do trabalho elaborado.

Parte II – Passado

1. Enquadramento Histórico

1.1. Do século XIX a.C. ao século XII d.C.

A origem da cidade de Trancoso é com certeza absoluta muito antiga. Terá começado no século XIX a.c. com o primeiro alicerce humano, que é comprovado através de um primitivo castro pastoral, possivelmente situado no mesmo local onde nos dias de hoje conhecemos o castelo. Entre o ano 301 a.c. até ao ano 409 d.C. (século V), Trancoso foi invadido pelos romanos, que ao longo destes anos foram aproveitando e ampliando o castro. Esta permanência bastante longa deve-se à sua posição estratégica. Só no séc. X, pela primeira vez, Trancoso aparece documentada no testamento de D. Chamôa, onde doava o castelo e todos os bens que possuía. Os cartagineses apareceram antes dos romanos e permaneceram durante três centenas de anos. Vieram depois os romanos e é nesse período de poder de Roma que se fizeram grandes obras. No ano 585 e durante século e meio, apareceram e permaneceram os visigodos. Passando Trancoso para as mãos de Tarik e para Afonso I de Leão. Durante esta passagem, Trancoso, sofreu com a brutalidade dos assaltos. Em 811 d.C., Trancoso, foi novamente conquistado por um árabe, chamado Ali-Benir, no entanto um ano depois esse mesmo árabe acaba por morrer numa batalha entre cristãos e árabes, em Vale de Mouros. Depois desta conquista, os cristãos, foram tirados do domínio pela força de um outro emir árabe, Almançor, no ano de 930. Ramiro II de Leão, em 939, derrotou os mouros e povoou a zona, de que se ocupou a sua sobrinha D. Flâmula, a qual tratou de fazer um testamento dessas e outras terras ao Mosteiro de Guimarães. No ano de 985, Almançor, regressou para reconquistar a terra com o poder das armas e sem se preocupar com a legalidade dos documentos de D. Flâmula. Em 1033, o senhor de Leão e Castela, Fernando Magno, entrou em luta com os ocupantes e tomou para si Trancoso. E tal como tinha feito D. Flâmula, Fernando Magno doou Trancoso ao senhorio de um tal Sizenado. Este senhorio, passou por herança, para D. Garcia, cuja sua posse durou até 1037. No ano de 1065, Trancoso, passou a fazer parte do reino da Galiza, governado naquela altura por D. Garcia. Trancoso, no ano de 1097, torna a passar de mãos, para D. Henrique, como dote de D. Teresa. Com a morte de D. Henrique, a sua esposa D. Teresa entrega a terra a Fernão Mendes, cunhado de D. Afonso Henriques. Os mouros não se esqueceram desta terra e em 1139 tentaram recuperá-la com os exércitos de Albucazan, rei de Badajoz, formando um cerco em volta da vila. É neste cerco que surge a lenda de João Tição da Fonseca. Este homem, sozinho, tenta atacar o acampamento dos mouros, acabando por roubar uma bandeira. No entanto, quando regressou à fortaleza de Trancoso os que estavam dentro

da muralha tomaram-no por invasor, deixando-o morrer nas mãos de quem o perseguia. Com este cerco, os mouros conseguiram entrar nas muralhas, deixando-a totalmente arrasada. D. Afonso Henriques desloca-se até Trancoso para a resgatar dos árabes, encontrando esta terra num estado lastimável. Depois desta vitória e para cumprir o seu voto, mandou construir um mosteiro em Tarouca, de invocação a S. João Baptista. E pela primeira vez usou o seu título de Rei de Portugal. Passado alguns anos, em 1160, os mouros voltaram para voltar a destruir a vila e os seus moradores, no entanto, o rei voltou a Trancoso dando-lhes a merecida derrota. Na segunda metade do século XII foi feita uma carta foral, dada pelo primeiro monarca ao seu filho D. Sancho I, doando a vila à Ordem dos Templários.

1.2. Século XIII ao século XV

A 8 de Agosto de 1273 foi fundada a primeira Feira de São Bartolomeu. A fundação desta tão importante feira foi feita por carta régia de D. Afonso III, onde autorizava a que a feira acontecesse a cada ano, durante 15 dias. Em 1282, em Trancoso, o rei D. Dinis casa com a princesa D. Isabel de Aragão, que mais tarde se torna rainha santa. D. Dinis oferece o domínio da vila à rainha, sua esposa. Uns anos mais tarde, 1297, o rei volta a Trancoso para acompanhar as obras de ampliação da muralha e a reconstrução do castelo.

No ano de 1306, o mesmo régio dita por carta que a feira passe a ser feita mensalmente com a duração de apenas 3 dias. Ao longo dos anos a feira foi evoluindo e em 1459 passa a realizar-se 4 vezes por mês. Uma das batalhas mais importantes da guerra da Sucessão foi a Batalha de São Marcos, a 29 de Maio de 1385, ao comando do alcaide Gonçalo Vasques Coutinho, entre as forças portuguesas e espanholas, onde a vitória coube aos guerreiros portugueses. A 12 de Janeiro de 1391, D. João I determinava os foros, privilégios e liberdades de Trancoso.

Na primeira metade do século XV, a 2 de Julho de 1441, iniciou-se as importantes obras de reconstrução das muralhas, encarregadas pelo alcaide-mor D. Vasco Fernandes Coutinho. No ano de 1438, a comunidade judaica de Trancoso aumentou em número e importância e por isso, em 1481, D. Pedro ofereceu à comunidade a proteção de D. Lopo de Albuquerque e a eleição de um Rabi. D. Manuel I, em 1497, determinou que os judeus ou se tornavam cristão ou eram expulsos da vila, aparecendo assim pela primeira vez os cristãos-novos.

1.3. Século XVI ao século XVIII

Nasceu no final do século XV, Gonçalo Anes, mais conhecido por Bandarra. Começou por ser sapateiro, mas mais tarde ficou falado por ser o autor das famosas “Trovas”. Ao longo dos anos esta figura tão marcante de Trancoso, foi referida pelos poetas mais conhecidos, como Fernando Pessoa. O foral Manuelino foi concedido por D. Manuel I, a 1 de Junho de 1510, a Trancoso. O principal objetivo deste foral era a recolha de rendas e direitos, de modo a diminuir os benefícios da vila e assim sobressair o poder absoluto do rei. O infante D. Fernando, a 5 de Outubro de 1530, recebe Trancoso como prenda de casamento com D. Guiomar Coutinho. Esta prenda é doada pelo seu irmão D. João III que eleva Trancoso a Ducado. Nessa mesma altura, partes das muralhas e algumas torres foram reconstruídas. Em 1534, o infante morre e Trancoso passa para os Bens da Coroa. Nos finais do século XVI, a vivência entre comunidades, cristãos e cristãos-novos, era de harmonia, havia paz entre as duas comunidades. No entanto, em 1536, no reinado de D. João III, foi permitida a entrada de Inquisição em Portugal. No ano de 1543, o Tribunal do Santo Ofício fez uma séria perseguição, em Trancoso, aos cristãos-novos. Por volta do ano 1570 foi fundado o convento de Santo António. As obras de construção deste convento, receberam um contributo de D. Sebastião, a 25 de Outubro desse mesmo ano. Acredita-se que no local deste convento, que hoje em dia está em ruínas, existiam as casas onde o rei D. Dinis e a rainha D. Isabel de Aragão se tinham hospedado na altura do seu casamento.

Fernando Isaac Cardoso, judeu, médico, filósofo, cientista e escritor nasceu em Trancoso no início do século XVII e foi uma das figuras mais marcantes da vila neste século. Saiu muito novo de Trancoso com a sua família devido à perseguição da Inquisição. Em 1632 foi escolhido para ser o médico de Filipe IV de Espanha. Poucos anos mais tarde deixa Espanha novamente devido à inquisição e vai viver para Veneza, onde publica as suas obras mais importantes. A 13 de Dezembro de 1640, em Trancoso, celebra-se a Restauração da Independência e o fim do domínio Filipe. Em 27 de Julho de 1645, os homens da vila juntam-se e participaram ativamente na guerra contra os espanhóis.

No início do século XVIII, em 1704, a vila de Trancoso serviu como apoio à guerra da sucessão, onde se podia encontrar o alojamento das tropas, mas também contribuições de trigo e centeio, forragens para os cavalos e outros mantimentos que existiam na vila para o exército. No ano de 1726 a peste invade a vila e por medidas de segurança, para que não entrassem mais contagiados vindos de fora, fecharam todas as portas à exceção das Portas do Prado e de El-Rei.

1.4. Século XIX ao século XXI

Em Março de 1808, Trancoso, foi invadido pelas tropas francesas. No entanto, a 4 de Agosto de 1809 chega à vila o general Beresford para comandar as tropas portuguesas, estabelecendo o quartel-general no coração da vila. A 13 de Maio de 1811, o general William Carr Beresford recebe o título de Conde de Trancoso, ao que viria a ser o único conde da vila. O primeiro jornal publicado no concelho de Trancoso, intitulado “O Magriço”, foi divulgado a 5 de Outubro de 1861. Este jornal era num formato pequeno onde se abordava assuntos como a parte política, literária e noticiosa. Esse jornal dirigido pelo Padre Jacinto Bravo foi o primeiro aparecer no distrito da Guarda, no entanto, em 1864 deixou de ser publicado. Anos mais tarde depois da extinção de “O Magriço”, a 4 de Agosto de 1889, saiu a público “O Trancosense”. Este jornal ao longo dos tempos foi alterando de nome, passando por “Semanário Republicano”, “A Montanha” e por fim “A Folha de Trancoso”.

A vila de Trancoso não começou bem o século XX. Esquecendo a importância de preservar o património construído, a 2 de Dezembro de 1902, as Portas de S. João foram demolidas, com o pretexto de um melhor acesso à vila. Neste mesmo século, um dos progressos mais necessários foi a implementação da luz elétrica. O primeiro teste foi a 24 de Junho de 1914, sendo oficialmente inaugurada a 5 de Julho do mesmo ano. A 3 de Julho de 1916, foi dado início à construção dos Paços do Concelho de Trancoso onde, atualmente, está instalada a câmara municipal. Antes de este edifício ser construído, no mesmo local existia a Casa da Abadia, que foi demolida para a construção dos Paços do Concelho. Motivados pelas comemorações dos 800 anos de nacionalidade, iniciavam-se em 1939 as obras de restauro das muralhas e do castelo, sendo que em alguns pontos das muralhas foram alterados. Já em 1916 e 1933 existiu algum tipo de restauro ou alteração na fortaleza.

No início do século XXI, a 29 de Maio de 2001, foi inaugurada a estátua do famoso profeta e trovador, Bandarra, situada em frente ao edifício dos Paços do Concelho. A 18 de Dezembro, o município de Trancoso juntamente com mais três, foram integrados nos Estatutos da Região de Turismo da Serra da Estrela. Foi inaugurado em Julho de 2003 o novo Pavilhão Multiusos de Trancoso, onde pela primeira vez nesse mesmo ano foi feita a Feira de São Bartolomeu, passando também a ser utilizado para atividades desportivas, espetáculo e congressos. Em 2003, Trancoso entra para o programa das “Aldeias Históricas”. A primeira sala de cinema de Trancoso foi inaugurada a 24 de Maio de 2004, com o nome de Cine-Auditório Jacinto Ramos. Ainda neste ano, a câmara municipal juntamente com a Fundação Batalha de Aljubarrota fazem um protocolo de cooperação

para a recuperação, requalificação e valorização do Campo de Batalha de São Marcos. Também neste ano, a 9 de Dezembro, a vila de Trancoso é elevada à categoria de cidade. Em Outubro de 2012 é inaugurado o Centro de Interpretação Judaica Isaac Cardoso, situado no núcleo da antiga judiaria. E a 12 de Março de 2017 é inaugurada a “Casa do Bandarra”.

2. Património

“Memórias de um povo, lugares poupados à usura do tempo e ao passar de civilizações, esse património transcendente, por assim dizer, as referências temporais e espaciais em que sobrevive, impondo-se à consciência dos homens como um bem comum, uma herança universal que é necessário legar às gerações futuras” (Sacadura, 1999, pág. 5)

O que é o Património? Qual a sua importância no presente e no futuro? O que foi feito para preservar o Património? Muito antes de tentar entender este conceito e de como ele é importante, é necessário perceber como surgiu e em que circunstâncias.

Em Portuga, de acordo com o IPPAR, é no Renascimento, século XVI, que André de Resende e Francisco D’holanda aparecem com a primeira ideia de valorização e preservação do património, no entanto é só no século XVIII que efetivamente surgem as primeiras intervenções nesse sentido, com o Alvará, onde D. João V determina que se inventarie e conserve os monumentos mais antigos. No século XIX, aumenta a preocupação e consciencialização da relevância do património, no qual surgem textos de Alexandre Herculano com propostas de salvaguarda do mesmo. É no início do século XX, a 27 de Setembro de 1906, que o Castelo de Elvas é o primeiro a ser classificado como monumento de Portugal, aumentando assim a lista de monumentos nos anos seguintes.

A primeira Lei do Património Cultural Português foi publicada no Diário da República, a 6 de Julho de 1985. Esta lei surgiu através de conclusões tiradas entre a “Conferência de Atenas” (1931), a “Carta Internacional sobre a conservação e Restauro de Monumentos e Sítios”, “Carta de Veneza” (1964), entre outros, onde o principal objetivo é classificar os bens para a sua valorização, proteção e conservação.

Com a evolução dos tempos e com uma maior procura e interesse pelo património, a lei foi atualizada a 8 de Setembro de 2001, para assim ficar mais completa e clara na forma de classificar o património. De todos os princípios que constituem esta lei, os princípios do Artigo nº6 são os que resumem essencialmente todo o trabalho imposto na classificação de cada bem.

“Lei n.º 107 – Lei de Bases do Património Cultural

Artigo 6.º

Para além de outros princípios presentes nesta lei, a política do património cultural obedece aos princípios gerais de:

a) Inventariação, assegurando-se o levantamento sistemático, atualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes com vista à respetiva identificação;

b) Planeamento, assegurando que os instrumentos e recursos mobilizados e as medidas adaptadas resultam de uma prévia e adequada planificação e programação;

c) Coordenação, articulando e compatibilizando o património cultural com as restantes políticas que se dirigem a idênticos ou conexos interesses públicos e privados, em especial as políticas de ordenamento do território, de ambiente, de educação e formação, de apoio à criação cultural e de turismo;

d) Eficiência, garantindo padrões adequados de cumprimento das imposições vigentes e dos objetivos previstos e estabelecidos;

e) Inspeção e prevenção, impedindo, mediante a instituição de organismos, processos e controlos adequados, a desfiguração, degradação ou perda de elementos integrantes do património cultural;

f) Informação, promovendo a recolha sistemática de dados e facultando o respetivo acesso tanto aos cidadãos e organismos interessados como às competentes organizações internacionais;

g) Equidade, assegurando a justa repartição dos encargos, ónus e benefícios decorrentes da aplicação do regime de proteção e valorização do património cultural;

h) Responsabilidade, garantindo prévia e sistemática ponderação das intervenções e dos atos suscetíveis de afetar a integridade ou circulação lícita de elementos integrantes do património cultural;

i) Cooperação internacional, reconhecendo e dando efetividade aos deveres de colaboração, informação e assistência internacional.”

Deve-se também destacar nesta tão importante lei o Artigo nº17, no qual fala sobre os critérios de classificação. Para a classificação de algum bem deve-se ter em conta um ou mais que um dos critérios descritos no Lei nº107:

“Artigo 17.º

Para a classificação ou a inventariação, em qualquer uma das categorias referidas no artigo 15.º, serão tidos em conta algum ou alguns dos seguintes critérios:

- a) O carácter matricial do bem;
- b) O génio do respetivo criador;
- c) O interesse do bem como testemunho simbólico ou religioso;
- d) O interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos;
- e) O valor estético, técnico ou material intrínseco do bem;
- f) A conceção arquitetónica, urbanística e paisagística;
- g) A extensão do bem e o que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva;
- h) A importância do bem do ponto de vista da investigação histórica ou científica;
- i) As circunstâncias suscetíveis de acarretarem diminuição ou perda da perenidade ou da integridade do bem.”

Com todo este empenho em preservar o património e com todos estes critérios e princípios, porque é que o Património é tão importante? Porque é que é fundamental preservá-lo? Nós não somos nada sem as nossas recordações. Moreira acredita que através do Património o individuo retira um pedaço do passado estabelecendo uma vinculação direta (Malheiro, 2015) com a sua realidade. E o património é isso mesmo, um pedaço do passado, das histórias, da cultura e das tradições, é a identidade de um povo. Sem esta fundamental ação, preservar o património, muito provavelmente não conhecíamos as nossas raízes, de onde vieram, para onde foram e como chegaram até nós. Prats (1997) afirma que o Património é uma construção social, desta forma somos capazes de compreender que somos um conjunto daquilo que vivemos, vemos e ouvimos, por isso é também importante perceber o que vamos deixar para o futuro. Por essa razão é que é necessário transmitir para a gerações seguintes, para que continuem na sua

construção, mas sobretudo com a mesma necessidade de valorizar, salvaguardar e legar o Património.

Afinal o que é o Património? A palavra património teve origem do latim, *patrimonium*, no qual significa a herança paterna. No entanto, este conceito tão abrangente tem evoluído e ampliado ao logo dos tempos. O conceito começou por ser um legado de família deixado às gerações futuras, contudo, hoje o termo é muito mais abrangente. Podemos ver a sua evolução no Artigo nº2 da lei nº107:

“Artigo 2.º

Conceito e âmbito do património cultural

1 - Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização.

2 - A língua portuguesa, enquanto fundamento da soberania nacional, é um elemento essencial do património cultural português.

3 - O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.

4 - Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas.

5 - Constituem, ainda, património cultural quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstos.

6 - Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respetivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.

7 - O ensino, a valorização e a defesa da língua portuguesa e das suas variedades regionais no território nacional, bem como a sua difusão internacional, constituem objeto de legislação e políticas próprias.

8 - A cultura tradicional popular ocupa uma posição de relevo na política do Estado e das Regiões Autónomas sobre a proteção e valorização do património cultural e constitui objeto de legislação própria.”

A cidade de Trancoso respira Património. Esta está rodeada de inúmeros bens de interesse cultural, histórico, arquitetónico, arqueológico, natural e artístico. Tendo também imóveis classificados como Monumento Nacional e Monumento de Interesse Público. É uma cidade que tem feito muito para tentar preservar o seu património, para que se mantenha a memória e a autenticidade deste “museu a céu aberto”.

2.1. Património presente

Ao entrar nesta antiga vila podemos achar que estamos a entrar num museu, uma vez que não somos capazes de ficar indiferentes ao património que nos é posto no nosso caminho, a cada passo em cada esquina. É uma cidade repleta de histórias e o património é mesmo isso: a entrega de algo construído no passado herdado para o futuro.

É conhecida por ser uma das cidades com o mais eloquente centro histórico no interior de Portugal. Trancoso está carregado de numerosos monumentos de arquitetura civil e religiosa, mas também património natural. De entre todos os monumentos dentro das muralhas destacam-se o Pelourinho de estilo Manuelino e as igrejas de São Pedro, de Santa Maria de Guimarães e da Misericórdia, mas também o Castelo, a Casa do Gato Preto localizada no antigo Bairro Judaico e o Palácio Ducal. No entanto, nem todo o património presente na cidade se localiza no interior das muralhas. Fora do centro histórico podemos salientar edifícios como a Capela de Santa Luzia e a Igreja da Nossa Senhora da Fresta, bem como a Fonte da Vide.

Na imagem (Fig. 12), estão enumerados e localizados todos os locais de interesse na cidade, os mais conhecidos mas também os que são menos populares, tal com o Poço da Roseira (Fig. 1), o Poço das Águas Claras (Fig. 2), a Casa do Correio Mor (Fig. 3), o Solar Moutinho Garcez (Fig. 4), a Casa das Oliveiras (Fig. 5), o Cruzeiro do Senhor da Agonia (Fig. 6), a Necrópole (Fig. 7), o Barbacã (Fig. 8), o Freixo (Fig. 9), a Tília (Fig. 10) e o Parque Municipal (Fig. 11) classificados como de Interesse Público.



Fig. 1 Poço da Roseira.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 2 Poço das Águas Claras.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 3 Casa do Correio Mor.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 4 Solar Moutinho Garcez. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 5 Casa das Oliveiras. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 6 Cruzeiro do Senhor da Agonia. Fonte: <https://www.google.pt/maps/@40.7754837,7.3515942,3a,45y,329.84h,91.4t/data=!3m6!1e1!3m4!1sDhHCEH1TluAc-9F-1-bzRQ!2e0!7i13312!8i6656>.



Fig. 7 Necrópole. Fonte: <https://www.google.pt/maps/@40.7800321,7.3501318,3a,74y,333.02h,96.06t/data=!3m6!1e1!3m4!1sv6rHgBQY6zBUjklCmuleg!2e0!7i13312!8i6656>.



Fig. 8 Barbacã. Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/barbaca/>.



Fig. 9 Freixo. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 10 Tília. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 11 Parque Municipal. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 12 Imagem de localização dos pontos de interesse. Fonte: Autora, Fevereiro de 2020.

De seguida fez-se uma pequena descrição mais pormenorizada dos locais mais marcantes, tanto no interior como no exterior do centro histórico da cidade de Trancoso.

2.1.1. Castelo e Muralhas

O Castelo e as Muralhas são o monumento mais importante e antigo da cidade de Trancoso e por isso a 8 de Junho de 1921 foram classificados como Monumento Nacional. Estas construções são muito antigas, anteriores à nacionalidade. Sem saber ao certo em que ano fora construído, é só em 960 que o Castelo é mencionado, pela primeira vez na história de Portugal, no testamento de D. Chamôa, onde o castelo é doado ao mosteiro de Guimarães.

O Castelo (Fig. 13 e 14) foi o primeiro a ser construído. É constituído por 7 torres, que ainda hoje é possível observar. A mais notável das torres é a Torre de Menagem (Fig. 15), com uma configuração em forma de pirâmide truncada, na qual possui uma janela árabe com um arco em forma de ferradura. Outra das 7 torres foi adaptada para capela, a capela de Santa Maria Madalena (Fig. 16). No lado oposto à capela de Santa Maria Madalena, no interior do castelo, junto à entrada existiam as chamadas “casas do castelo”. Estas mesmas casas no ano de 1809 serviram de aquartelamento do Regimento de Milícias. Ao longo dos séculos esta casa ficou muitas vezes ao abandono, sem grande função, e por isso, pela falta de uso, foi submetida a várias reconstruções. A 2 de Fevereiro de 1851 foi inaugurado o Teatro de Santa Barbara nas tais “casas do castelo”, no entanto, nos anos 40 do século XX, o teatro foi demolido. A configuração atual do Castelo deve-se às obras de 1938, onde procuraram dar um aspeto ao castelo mais próximo do primitivo.



Fig. 13 Entrada do Castelo. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 14 Interior do Castelo. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 15 Torre de Menagem. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 16 Torre de Menagem. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

As Muralhas são o elemento que mais marca e caracteriza a cidade de Trancoso. Eram constituídas, em todo o seu comprimento, por quinze torres, no entanto, só é possível ver quatro das quinze. Estas quatro torres localizam-se a norte e a poente da muralha. Mas a muralha nem sempre teve esta dimensão. Nos dias de hoje já não é possível ver a primeira muralha, no entanto ela é marcada pelo pavimento da Rua dos Cavaleiros (Fig. 18). As muralhas foram ampliadas em 1297 pela ordem de Dinis.

A muralha que hoje podemos ver tem sete aberturas, quatro portas e três postigos. As quatro portas são a Porta d’El Rei, a Porta do Prado, a Porta do Carvalho e a Porta de São João. Esta última já não existe, mas é possível ver o seu local. Na muralha também existe o Boeirinho, o Olho do Sol e as Portas da Traição. Estes postigos, no entanto, tinham pouca serventia devido à sua pequena dimensão. Até ao século XIX só existiam estas aberturas na muralha, porém com o passar dos anos elas foram rasgadas em cinco pontos em todo o seu comprimento. O interior da muralha nem sempre foi como ele é agora. A muralha era circundada por uma rua, a Ronda (Fig. 19), que permitia o acesso ao topo das muralhas e às torres. Contudo, a ronda foi desaparecendo devido à construção de casas junto às muralhas. Só a podemos encontrar entre o Boeirinho e as Portas do Prado e entre a “Fronteira” e as Portas do Carvalho.

Ao longo dos anos as Muralhas vão-se degradando e, por isso, foi necessário haver restauros. Elas foram restauradas em 1173, 1282, 1530 e 1939. Estas foram as principais reabilitações. No ano de 1939, os restauros foram motivados pelas comemorações dos 800 anos de nacionalidade. Neste restauro foram destruídos no exterior das muralhas vários casebres que foram implantados negligentemente junto às muralhas nos séculos XVIII e XIX.



Fig. 17. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 18 Rua dos Cavaleiros. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 19 Rua dos Cavaleiros. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

2.1.2. Portas

Como foi mencionado, as Muralhas tinham quatro portas, as Portas d'El Rei, as Portas do Prado, as Portas do Carvalho e as Portas de São João. Segundo Caramelo (2002) estas portas apresentam o estilo de transição do Românico para o Gótico.

As portas d'El Rei (Fig. 20) e do Prado (Fig. 21) são as principais portas da vila. A primeira situa-se a sul e a segunda a poente. Ambas são semelhantes entre si, ladeadas por duas torres ameadas e com um brasão em pedra sobre o arco da porta. As portas surgiram no aumento das muralhas, em 1297, a mando de D. Dinis. Tudo indica que estas portas seriam semelhantes às Portas do Carvalho, comprovado pelas semelhanças vistas do lado de dentro das portas. No entanto, a sua configuração actual poderá ter resultado das obras ordenadas por D. João III.

A Porta d'El Rei é possivelmente assim chamada, pelo facto de ser por ela que entravam os reis na povoação. Esta porta dá acesso à artéria mais importante da cidade.



Fig. 20 Porta d'El Rei. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 21 Porta do Prado. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

A Porta do Carvalho (Fig. 22) é ligada à antiga Porta de São João (Fig. 23) pela Rua dos Cavaleiros. A primeira está virada a norte e a segunda a nascente. Ambas as portas eram das mais antigas, se não as mais antigas portas da vila, afirma Saldanha (2016).

A porta do Carvalho perdeu a sua importância quando a muralha foi rasgada em várias partes. Esta porta dava acesso à estrada para Pinhel e a zonas agrícolas. Era ladeada, à direita, por uma torre, mandada edificar por D. João III, em 1772. No entanto, em 1885, a torre foi demolida. Esta porta tem uma característica muito interessante. Sobre o arco da porta é possível ver uma figura de um cavaleiro, que talvez simbolize a lenda de João Tição da Fonseca.

As Portas de São João, que hoje já não é possível observá-las, foram demolidas em 1902, em prol do progresso, Saldanha (2016). Esta porta seria semelhante às Portas do Carvalho, onde ainda é possível ver o início do arco. Também teriam uma torre do lado esquerdo, de quem entra pela porta, mandada construir por D. Dinis. Davam acesso às zonas mais importantes da vila e do campo.



Fig. 22 Porta do Carvalho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 23 Porta de São João. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

Existiam também outras aberturas, o Boeirinho (Fig. 25), as Portas da Traição (Fig. 24) e Olhinho do Sol (Fig. 26). O Boeirinho é um postigo aberto nas muralhas, situado perto das Portas do Prado, com cerca de 1,60 de altura, onde só era possível passar uma pessoa de cada vez. Este postigo servia para a entrada de retardários quando as portas da vila estavam fechadas, mas também servia para o escoo de águas. Em 1916, propuseram rasgar a muralha no lugar do Boeirinho, no entanto, essa ideia não foi avante, e ainda hoje temos a sorte de passar por uma das memórias mais antigas de Trancoso. O Olhinho do Sol e as Portas da Traição são considerados por alguns um postigo, no entanto outros dizem que não concordam com essa denominação pois têm uma dimensão semelhante as outras portas e diferem apenas nos acessos difíceis e precários, Caramelo (2002). Estas aberturas davam um melhor acesso dos moradores aos seus terrenos agrícolas.



Fig. 24 Portas da Traição. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 25 Boeirinho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 26 Olhinho do sol. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

2.1.3. Pelourinho de Trancoso

O Pelourinho de Trancoso (Fig. 27 e 28) é um monumento do estilo Manuelino e por ser um monumento de tal importância, foi considerado Monumento Nacional a 23 de Junho de 1910. É caracterizado pelo Igespar e referido por Saldanha (2016) da seguinte forma:

“Peça inscrita, por conseguinte, nas linhas arquitetónicas e gramáticas manuelinas, o “Pelourinho de Trancoso”, executado em granito, é composto de coluna de fuste oitavado, superfície lisa (com argola de ferro colocada a meia altura) e base quadrangular biselada nos ângulos, assentes sobre o soco formado por quatro degraus octogonais, como octogonal é o capitel precedido de gola e concluído por três anéis. É, no entanto, no remate que se revela todo o esplendor manuelino, constituído por gaiola composta de colunelo central liso e oito colunelos de fuste cilíndrico sobrepujado por três anéis de secção circular decorados com meias esferas. O monumento termina em pirâmide encimada por esfera armilar por cruz de Cristo em ferro”.

Este monumento foi durante vários séculos o centro vital da vila e por isso deu nome à praça, onde sempre foi conhecida por “Praça do Pelourinho”. No entanto, a 25 de Janeiro de 1890 foi aprovada a mudança de nome para Praça Major Serpa Pinto. Contudo, este nome não ficou e o pelourinho continuou a dar nome à praça. Nos dias de hoje é chamado de Largo do Pelourinho.

Ao longo dos tempos esta praça teve um papel muito importante. Era nela que aconteciam os atos públicos mais importantes. Ali fazia-se pregões de decisões camarárias, arrematações das rendas do concelho, arrematações judiciais de bens, festas e também o mercado de Trancoso. A configuração da praça que podemos ver hoje, era um pouco diferente até ao século XVIII. Até a esta data, em redor da praça, ainda não existiam alguns edifícios, como a Casa dos Arcos e outros teriam uma configuração diferente, como a Igreja da Misericórdia.



Fig. 27 Pelourinho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 28 Pelourinho.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.4. Igreja de São Pedro

A Igreja de São Pedro (Fig. 29) faz parte de um grande grupo de património arquitetónico deixado na cidade de Trancoso. A igreja localiza-se na Praça do Pelourinho e está virada a poente.

Neste local nem sempre existiu a Igreja de São Pedro. Em tempos passados, no seu lugar existia outra igreja, de menor dimensão e caracterizada com o estilo Românico. Esta igreja era comenda da Ordem de Cristo e era vista pelo povo como sendo a matriz da vila. No seu interior (Fig. 30) estaria sepultado Afonso Vasques, alcaide-mor de Trancoso e também o túmulo do sapateiro e profeta Bandarra, mandado construir em 1641. Em 1675, a igreja tinha dois altares dedicados a Jesus e a Nossa Senhora, no corpo da igreja existia uma capela de invocação a São Pedro e também tinha um altar de Nossa Senhora do Rosário.

Foi na década de 30 do século XVIII que decidiram refazer a igreja, demolindo tudo o que existia. Esta reconstrução da igreja levou mais de meio século. Durante toda a sua reconstrução houve muitos problemas por falta de dinheiro para avançar com a obra até ao final. E por esse motivo esteve muitos anos ao abandono, chegando a ficar em ruína. Foi só no final do século XVIII, que a Igreja de São Pedro ficou concluída. No entanto, Saldanha (2016), afirma que “Somos levados a pensar que, em circunstâncias normais, um edifício deste tipo tinha obrigação de se manter durante bastante tempo sem necessidade de grandes obras. Mas não. A obra fora mal começada e mal acabada.”. E em 1842 a igreja encontrava-se em ruína.

Até à atualidade, a igreja sofreu bastantes obras e a última remonta a meados do século XX, onde agora podemos ver uma torre com um relógio, que está ligado aos sinos para anúncio as horas. Entre a porta principal e a janela existe um brasão com uma tiara sobre duas chaves cruzadas, que simboliza São Pedro. No Interior existem quatro altares, o altar-mor, dois laterais e outro sob o coro.



Fig. 29 Igreja de São Pedro.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 30 Interior da Igreja de São Pedro.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

Saldanha (2016) concluí de forma negativa que,

“De todas estas obras resultou um edifício desinteressante, onde só se destaca a sepultura de Bandarra. A sua má construção é bem visível: a porta principal não está bem enquadrada na fachada, a cornija interior não é completa e está desacertada, na parede do arco da capela-mor não chegam ao cimo uns motivos decorativos, notando-se outras falhas nas zonas de serviço. A igreja sofre com a sua decoração atual: o teto do corpo da igreja está pintado de um azul lamentável, que talvez esconda uma pintura mais interessante, e o restante dos adornos, incluindo os altares laterais, são artisticamente muito pobres. Escapam, um pouco, a capela-mor e a pia batismal.”

2.1.5. Igreja da Misericórdia

A Igreja da Misericórdia (Fig. 31) localiza-se junto ao Largo do Pelourinho, na zona mais percorrida do cerco amuralhado e tem cerca de 228 anos.

No local onde hoje se encontra, existiu durante muitos anos um simples oratório e uma casa do despacho. Em 1732, essa casa do despacho estava irrecuperável e por isso, pelo mau estado em que se encontrava, a irmandade tinha o desejo de fazer a construção de uma igreja de qualidade, no entanto a falta de dinheiro não fazia avançar a obra. Anos mais tarde, a Santa Casa da Misericórdia decidiu avançar com a obra, e é em 1747 que se dá início à construção. A obra foi iniciada com dinheiro de alguns provedores, porém, em 1750, o edifício estava a meio e não havia dinheiro suficiente para o acabar. Só com a ajuda do povo é que a Igreja da Misericórdia fica terminada, em 1792.

Não é das igrejas mais notáveis, mas ainda assim tem algumas características interessantes. No seu exterior tem sobre a porta principal o escudo real, no interior (Fig. 32) a igreja tem um altar-mor em estilo filipino, no teto tem pintada uma imagem de Nossa Senhora da Misericórdia e tem também num dos altares a imagem do “Senhor de Ecce Homo”, esta imagem pertencia a António da Costa Coutinho Lopes Tavares e foi doada por ele à igreja.

Durante muitos anos a igreja esteve fechada ao público e só servia de arrumação de objetos ligados à Misericórdia, mas a meados do século XX, foi restaurada e reaberta ao serviço religioso. Hoje serve de casa mortuária à cidade de Trancoso.



Fig. 31 Igreja da Misericórdia.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 32 Interior da Igreja da Misericórdia.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

2.1.6. Casa dos Arcos

Este belo palacete do século XVII, localiza-se junto à Igreja de São Pedro, ladeada pela Travessa da Casa dos Arcos e a Rua dos Cavaleiros. Antes desta construção existiam neste espaço as quatro primeiras casas a aparecer no lado norte da Praça do Pelourinho.

A Casa dos Arcos (Fig. 33) foi mandada construir no século XVII, no entanto foi alterada no século XIX, entre 1830 e 1840. Esta casa, entre 1925 e 1952, teve no seu interior a funcionar o Grémio da Lavoura, mas também, até aos finais dos anos 70, serviu de armazém de móveis. Em 1990, foi adquirida pela câmara de Trancoso e adaptada para uma residência de estudantes. As obras tiveram uma duração aproximada de um ano, iniciaram-se em 1995 e concluíram em 1996. Até à atualidade continua a servir de residência de estudantes.

O edifício é composto por três pisos e contem um telhado de quatro águas. A fachada principal é composta por quatro arcos de volta plena, apoiados em pilares com base ligadas ao soco das pilastras. Ainda na fachada principal, pode observar-se na parte inferior quatro grandes vãos, dando a iluminação necessária a dois pisos. A parte superior da fachada é dividida em quatro partes, cada uma composta por duas janelas e uma porta que dá acesso a uma varanda.

Uma característica interessante da Casa dos Arcos é a presença de uns símbolos (Fig. 34) na fachada lateral virada para a Rua dos Cavaleiros, na qual pode observar-se duas pedras, uma com uma estrela de cinco bicos dentro de uma circunferência e, na outra, uma cruz de cristão-novo.

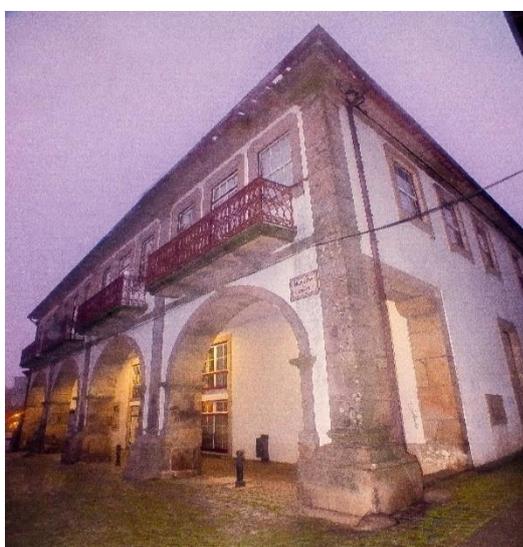


Fig. 33 Casa dos Arcos. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 34 Símbolos na Casa dos Arcos. Fonte: <http://www.redejudiciariaportugal.com/index.php/pt/cidades/trancoso#>.

2.1.7. Palácio Ducal

O Palácio Ducal (Fig. 35) é um dos edifícios mais emblemáticos na cidade de Trancoso e destaca-se por ter uma arquitetura tardo-Barroca. O edifício é composto por dois pisos e planta em forma de L irregular. A fachada principal (Fig. 36) é o que mais se destaca em todo o edifício. É composta por três corpos delimitados por pilastras, no corpo central a fachada é rematada com um frontão curvo e o brasão da família.

O solar dos Lopes Tavares da Costa terá sido construído na segunda metade do século XVIII, por Bartolomeu da Costa Coutinho Tavares de Araújo, com uma herança dos pais e tios. Bartolomeu falece em 1792 e deixa o solar para o seu filho António da Costa Coutinho Lopes Tavares e Ornelas. Este acaba por viver no solar e é nele que constitui família. Em 1839, falece e deixa em testamento o solar para o seu filho mais velho, Bartolomeu da Costa de Macedo Lopes Tavares, no entanto, pela sua incapacidade de administrar a casa e com o seu consentimento, passou a sua irmã D. Maria do Carmo da Costa de Macedo a gerir a casa. Porém, também teve de lidar com algumas dívidas que ficaram em nome da sua família. Esta acaba por casar com Francisco António Marques Giraldes Barba e, em 1842, tem como fruto da sua relação, o filho, Bartolomeu da Costa de Macedo Giraldes Barba de Meneses, futuro Visconde de Trancoso.

O solar não ficou para o Visconde de Trancoso, pois o seu tio Bartolomeu voltou a casar em 1862, deixando tudo no nome da sua mulher. Este não aceitando que a herança não fosse para ele, envolveu-se numa disputa pela herança durante 30 anos.

O solar acabou por ser arrendado aos CTT (Fig. 37), onde ficaram mais de 100 anos em funcionamento. Em 1995, o solar, é vendido a um negociante local. Este edifício teve várias funções ao longo dos anos, foi destinado a escola profissional, hotel e também museu. Hoje, em 2020, encontra-se em ruínas e ao abandono.

O solar é chamado de “Palácio Ducal”, porque o Visconde de Trancoso casou-se com a Duquesa de Posen, no entanto o solar nunca lhe pertenceu.



Fig. 35 Palácio Ducal. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 36 Fachada do Palácio Ducal.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 37 Fachada do Palácio Ducal.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

2.1.8. Igreja de Santa Maria de Guimarães

Esta igreja do século XVIII (1784) (Fig. 38) foi mandada construir por ordem de um bispo, no entanto em seu lugar já existia uma primitiva capela de estilo Românico, datada do ano de 1171. Esta capela teria, até ao ano de 1675, dois altares laterais, um do Santíssimo Sacramento e outro de Jesus, o que faz pensar que seria um edifício de pequenas dimensões. Esta igreja ao longo dos anos sofreu várias reabilitações e reedificações que chegaram até este século (XXI).

Em 1784, o Bispo visitou a vila e ao ver o estado degradado da fachada principal mandou reedificá-la, onde só apenas se manteve o brasão de família dos Cunhas e Povolide. Estas obras ficaram a cargo das Juntas da Paróquia.

A Junta da Paróquia, em 1881, percebeu que a igreja necessitava de obras de manutenção em algumas partes do edifício, como olear e pintar o teto, mas também elevar a torre em forma de pirâmide com zimbório. No entanto, a reedificação da igreja só começou no ano de 1893. Esta obra só ficou terminada em 1903, reabilitando a igreja até ao pormenor. Porém, a obra não ficou bem executada e em 1912 a Câmara mandou demolir a parede do lado norte da torre, por estar em risco de ficar em ruína. No ano de 2015 a igreja voltou a ser recuperada, onde foi retirado todo o reboco das paredes interiores do corpo central e da sacristia, na qual foi possível perceber que algumas paredes existentes faziam parte da igreja originária, sendo provavelmente medievais.

O que mais se destaca nesta igreja é o altar-mor (Fig. 39) de estilo Barroco, com colunas ornamentadas em talha dourada, mas também o teto da capela-mor com caixotões e pinturas a óleo.



Fig. 38 Igreja de Santa Maria de Guimarães.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

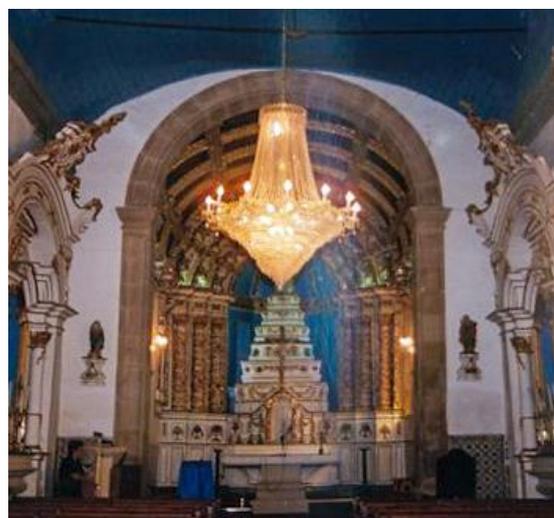


Fig. 39 Interior da Igreja de Santa Maria de Guimarães.
Fonte: http://monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2991.

2.1.9. Casa do Gato Preto

A Casa do Gato Preto (Fig. 40), de origem judaica, é um dos edifícios de maior relevo da cidade de Trancoso. Terá sido construída no século XVI e situa-se no antigo bairro judeu, onde se supõe que esta casa tenha sido uma sinagoga ou uma casa de um rabi. Também conhecida por Casa do Leão de Judá é uma das maiores heranças deixadas do património judaico na cidade.

O que mais caracteriza este edifício são os traços visíveis de uma moradia e comércio judaico, onde numa tradicional moradia judaica teria uma porta mais larga para o comércio e outra mais estreita para o serviço doméstico. A porta estreita foi adaptada para janela, mas ainda é possível ver hoje onde seria a antiga porta de entrada para a casa.

Existem também outros símbolos que provam que esta casa tem origem judaica. Na sua fachada tem esculpido em alto-relevo o Leão de Judah (Fig. 43), uma preguiça (Fig. 42) e talvez as Portas de Jerusalém (Fig. 41), no entanto supõem-se que nem sempre estiveram presentes na fachada da casa, pois no tempo da inquisição seria quase impossível estes resistirem à impetuosidade da religião.



Fig. 40 Casa do Gato Preto. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 41 Portas de Jerusalém. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 42 Preguiça. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 43 Leão de Judah. Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.10. Poço do Mestre

É um dos mais belos exemplares poços (Fig. 44) e talvez o mais procurado dentro do centro histórico, devido à sua forte ligação com a comunidade judaica. Localiza-se próximo da Casa do Gato Preto e junto ao Centro de Interpretação Judaica Isaac Cardoso.

Por estar tão próximo da Casa do Gato Preto e por se supor que esta casa tenha sido uma sinagoga, acredita-se que o nome tenha surgido através de uma ligação entre eles. Dado que uma sinagoga não é apenas um lugar de oração, mas também de ensino. É por essa razão que o Rabi ou “Mestre” (Fig. 45) tenha dado nome ao poço. É também provável que este poço tenha sido usado para o ritual de purificação, o Micvé.



Fig. 44 Poço do Mestre. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 45 Poço do Mestre. Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.11. Casa dos Arcos

De quem entra nas muralhas pelas Portas d' El Rei, a Casa dos Arcos (Fig. 46) é o edifício que mais chama à atenção. Situa-se a poucos metros desta porta e a sua construção terá sido entre os finais do século XVII e inícios do século XVIII. É um edifício de dois pisos, com um telhado de três águas. A fachada principal é a que mais se destaca devido aos seus oito arcos de volta plena apoiados em pilares octogonais.

Na verdade, esta casa pertencia a um solar, juntamente com outras casas e uma igreja, a Igreja de São João, que se localizava na agora praça do município. Este solar pertenceu a uma das famílias mais importantes da vila, a família Saraiva; no entanto ao longo dos anos o solar foi separado e vendido ou passado por herança, o que levou a que as diferentes casas tivessem proprietários diferentes.



Fig. 46 Casa dos Arcos. Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.12. Paços do Concelho

O Paços do Concelho (Fig. 47) é o edifício onde atualmente se encontra a câmara municipal. Situa-se no antigo Terreiro de São João e é uma construção do início do século XX (1916).

Antes desta imponente construção existiam no mesmo local as casas da Abadia de Santa Maria. Em 1814, estas casas estavam em ruína e sem condições para serem habitadas e por esse motivo foram reconstruídas. Apesar disso, 39 anos depois da reconstrução, estavam novamente desabitadas e em risco de ficar em ruína e por isso mais uma vez foram reparadas.

No ano de 1914, as casas foram vendidas à câmara com a intenção de ser construído um novo edifício. A demolição das casas da Abadia de Santa Maria para a construção do Paços do Concelho deu-se em 1916. E é em 1919 que a construção do edifício fica concluída, depois de ser adiada para cerca de um ano depois.

A envolvente deste edifício nem sempre foi como a conhecemos hoje. Ainda nos anos 40 do século XX, existia um muro que pertencia ao quintal do edifício ao lado. Hoje no seu lugar existe uma rua, que não se sabe ao certo quando foi aberta, mas terá sido aquando das obras do edifício.



Fig. 47 Paços do Concelho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

2.1.13. Quartel-General de Beresford

O Quartel-General de Beresford (Fig. 48 e 49) é também um ponto de grande interesse dentro das muralhas, devido à história que o envolve. É um edifício que foi construído nos finais do século XIV e distingue-se por no século XIX durante a Guerra Peninsular ser o quartel do general William Carr Beresford, também conde de Trancoso.

Esta casa que está virada para o Largo Dr. Eduardo Cabral é um edifício de dois pisos com um telhado de três águas. O que mais se destaca em todo o edifício é a fachada principal com uma varanda e uma cobertura apoiada em quatro pilares e umas escadas em granito que ligam o rés-do-chão ao piso superior.



Fig. 48 Quartel-General de Beresford.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 49 Quartel-General de Beresford.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.14. Igreja de Nossa Senhora da Fresta

Não é só dentro do núcleo amuralhado que existe património arquitetónico de interesse. A prova disso é a Igreja de Nossa Senhora da Fresta (Fig. 50), um notável exemplar de arquitetura tardo-Românica. Esta igreja que se localiza a poucas centenas de metros do centro histórico, nem sempre foi chamada como hoje a conhecemos. Começou por ser Igreja de Santa Maria do Sepulcro, depois Igreja da Senhora do Pranto e mais tarde, em 1693, Igreja de Nossa Senhora da Fresta.

Não se sabe ao certo a origem desta igreja, porém acredita-se que terá surgido devido à lenda de Iberusa Leoa. Esta antiga igreja foi construída nos finais do século XII, no entanto antes desta construção existia uma outra que terá sido construída antes do ano 992. Entre os anos de 1664 e 1732, a igreja tinha uma sacristia e dois altares, de invocação a Santo Cristo e Santo António. Nesses mesmos altares existiam as imagens de São Sebastião, São Gil, São João Batista e São Caetano. No século XVIII, entre 1770 e 1782, a igreja sofreu grandes alterações, na qual adulteraram completamente todo o edifício. A fachada principal foi substituída por uma nova, foi construída uma torre sineira, o arco cruzeiro foi substituído e aumentado para a construção do altar-mor, toda a estrutura da igreja foi aumentada em altura e foi também rebocada, acabando por cobrir os frescos datados provavelmente do início do século XVI.

A mando da Direção Geral dos Monumentos, foram realizadas obras de reconstrução da igreja, que tiveram uma duração de três anos, entre 1950 e 1953. O interior da igreja (Fig. 51) ficou completamente alterado. O mais visível nas obras de reconstrução foram as paredes diminuídas e descobertas e a reconstrução do arco cruzeiro. No entanto, a fachada românica não foi possível de reconstruir, ficando a mesma sem qualquer alteração. Esta antiga construção foi classificada como Imóvel de Interesse Público a 27 de Março de 1944.



Fig. 50 Igreja de Nossa Senhora da Fresta.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

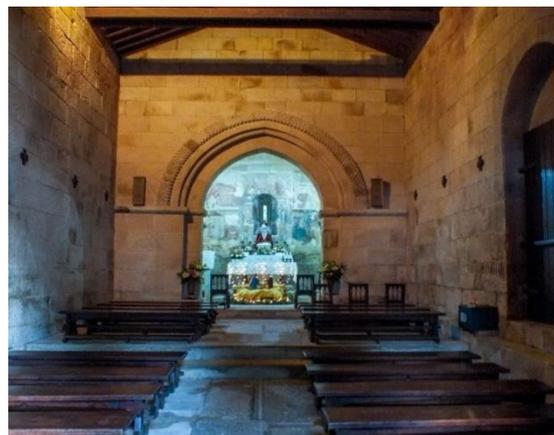


Fig. 51 Interior da Igreja de Nossa Senhora da Fresta.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

2.1.15. Capela do Senhor da Calçada

Mesmo à saída das antigas Portas de São João encontra-se a Capela do Senhor da Calçada (Fig. 52), onde também junto à capela se encontra o cruzeiro Senhor de Loreto. Esta simples capela de arquitetura tardo-Barroca, foi construída na segunda metade do século XVIII, em 1770.

É conhecida por ser a Capela do Senhor da Calçada, contudo em alguma parte do tempo ela também foi chamada de Capela de São João. Acredita-se que este nome tenha surgido pela proximidade da capela com as antigas portas, no entanto o nome que prevalece é Capela do Senhor da Calçada. Outra curiosidade desta capela é a existência de uma lenda que diz que a imagem em pedra de Cristo Crucificado lhe cresce os pés e a barba.

É caracterizada por ser uma capela simples, com planta regular e telhado de duas águas. De toda a simplicidade, o que mais se destaca é a fachada principal, na qual possui uma porta de lintel curvo com um friso a circundar e sobre a porta existe um nicho em forma de concha. A fachada principal ainda é ladeada por dois pináculos e termina com um campanário e uma cruz. A capela só tem uma única janela virada a sudoeste.



Fig. 52 Capela do Senhor da Calçada. Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.16. Fonte da Vide

A Fonte da Vide (Fig. 53 e 54) era considerada, na sua época, a fonte mais importante da vila, onde existia a água mais fresca para o consumo da população. Esta fonte foi possivelmente construída no século XVI e era bem diferente do que a conhecemos hoje. Era coberta por uma abóbada com ponta aguda. Por ter tanta relevância e por já não estar em tão boas condições, foi mandada reconstruir. A obra teve início no século XIX, no ano 1800. No entanto, os trabalhos de reconstrução da fonte não correram como esperado e por esse motivo decidiram desfazer todo o trabalho já realizado. É só em Julho de 1812 que reiniciam as obras para a construção da nova fonte, acabando por ser concluída nesse mesmo ano.

Nesta fonte existia uma inscrição que hoje está ilegível “Aqui o fatigado caminhante / Bebe e recreia o espírito cansado / E reconhece que deve esta memória / De Daniel ao zelo e ao Senado” (Saldanha,2016). Outra curiosidade sobre a Fonte da Vide é uma tradição que diz que quem beber três goles daquela água ia ficar a viver em Trancoso.

Esta fonte granítica em estilo classicista com influências tardo-barrocas é caracterizada por ter duas bicas e um tanque principal de forma circular. É também ladeada por duas pilastras e a sua superfície central é moldurada, exibindo dois almofadados concêntricos. A fonte é rematada com um frontão curvilíneo, na qual tem esculpido as armas reais.

Uma particularidade interessante desta antiga fonte é o facto de ter junto ao tanque principal um tanque retangular destinado para os animais. A fonte é desenhada de tal forma a que somente as pessoas tenham acesso à fonte principal, com o objetivo de manter a fonte limpa e sempre com a água fresca.



Fig. 53 Fonte da Vide. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 54 Fonte da Vide. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

2.1.17. Convento dos Frades Franciscanos

O Convento dos Frades Franciscanos (Fig. 55 e 56), também conhecido por Convento de Santo António, localiza-se à entrada da cidade, a escassas centenas de metros do centro da cidade de Trancoso.

A fundação do convento teve início no século XVI, no entanto, o convento ao longo dos séculos foi sofrendo reabilitações e alterações na sua estrutura, tudo isto porque não havia muito dinheiro para as obras e isso se refletiu na durabilidade do edifício. Muito do que podemos ver hoje, a igreja, a sacristia e a torre sineira, terão resultados das várias obras no convento do século XVIII.

No início do século XIX, o convento, ia sobrevivendo com um número mínimo de frades, acabando por ser extinto em 1834. Contudo, o convento nos anos seguintes, em 1836, serviu de acomodação para parte da cavalaria e também, em 1837, a camara decidiu provisoriamente instalar o cemitério da vila na igreja do Convento dos Frades. Hoje, século XXI, está instalado o Teatro Municipal de Trancoso, na igreja do convento.

O que mais se destaca neste edifício é o portal virado a norte, de estilo renascentista, que terá pertencido ao edifício originário. Caramelo (2002) transcreve a descrição do portal escrita por Dr. Lopes Correia:

“A porta que olha a vila é a mais interessante e acusa a arte do renascimento seiscentista, mas pobre. Enquadrado por duas colunas toscanas, lisas até meia altura, e depois caneladas, cujas bases de um só toro e filete se afirmam em pedestais lisos. Sobre os capitéis assenta a arquitrave coroada por duas pirâmides e centrado sobre a porta escava-se um nicho de arco redondo assente em colunas quadrangulares. Nele existia a imagem seiscentista de santa Clara, hoje recolhida para se evitar o seu roubo.”



Fig. 55 Convento dos Frades Franciscanos.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 56 Convento dos Frades Franciscanos.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.18. Capela de Santa Eufémia

A capela de Santa Eufémia (Fig.57) que em muito se assemelha à capela de São Bartolomeu, foi construída na segunda metade do século XVIII, no ano de 1776.

Este monumento setecentista localiza-se a poucos metros do Convento de Santo António e foi mandado construir por um dos frades franciscanos do convento, sob invocação de Nossa Senhora da Devoção. A construção desta capela só foi possível devido à recolha de esmolas entre a população.

A Capela de Santa Eufémia tem uma arquitetura barroca e é composta por uma simples planta hexagonal, com um telhado de seis águas. A fachada que mais chama à atenção é a fachada principal. É composta por um portal de lintel curvo com pendentes laterais e ombreiras molduradas. Sobre o portal existe um brasão liso ladeado por um concheado. A fachada principal é rematada com um frontão contracurvado, uma cruz e dois jarrões.

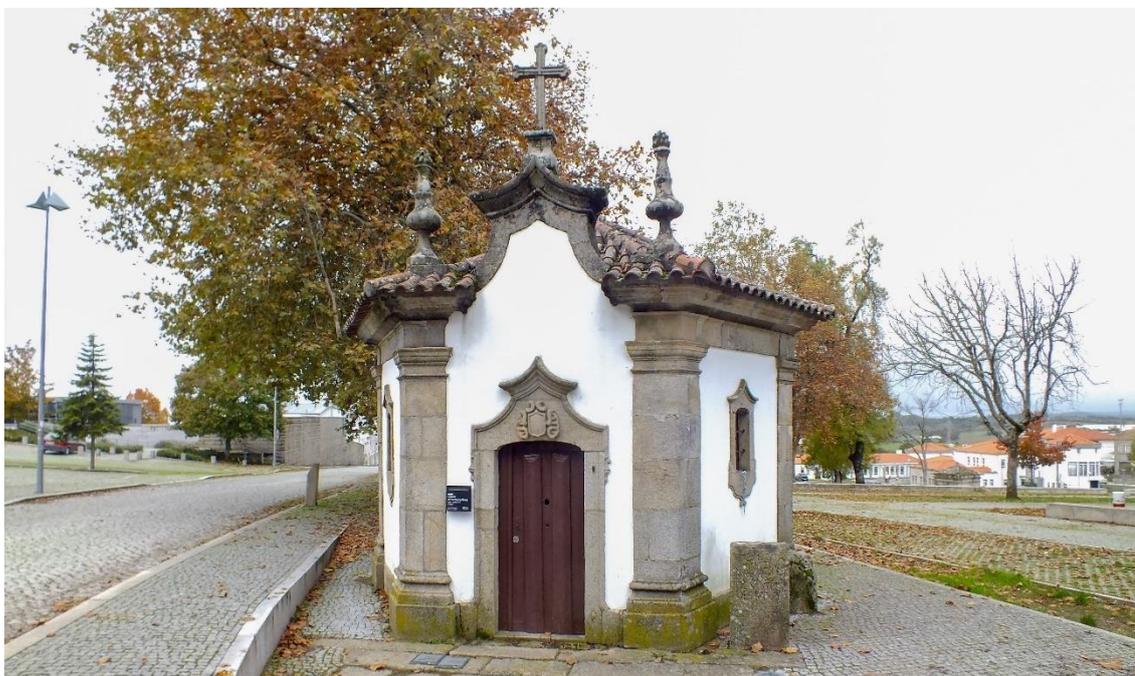


Fig. 57 Capela de Santa Eufémia. Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.19. Capela de São Bartolomeu

Conhecida por ser construída em memória do casamento de D. Dinis com D. Isabel de Aragão, a Capela de São Bartolomeu (Fig. 58) é um dos edifícios de arquitetura religiosa barroca que mais se destaca na cidade de Trancoso. Reconstruída no século XVIII, localiza-se a poucos metros das Portas d'El Rei.

A capela define-se por ter uma planta hexagonal que forma um volume único, no qual todas as fachadas são rebocadas e divididas por pilastras em cantaria. A fachada que mais se realça é a fachada principal. É composta por um portal de lintel curvo decorado com motivos concheados e rematado com um frontão contracurvado. A fachada é novamente rematada com um frontão contracurvado ornamentado com conchas e volutas, uma cruz e jarrões.

Acredita-se que muito antes da existência da capela atual tenha existido uma igreja ou capela de invocação a São Bartolomeu o Velho, porém desconhece-se a data da sua construção e o local exato, no entanto, supõe-se que se localizava “um pouco a norte” da igreja de Nossa Senhora da Fresta. Esta com o decorrer dos tempos caiu em ruína e, por isso, na segunda metade do século XVIII foi mandada reconstruir no local em que a conhecemos hoje, por respeito à tradição de nela se ter casado D. Dinis e D. Isabel. A construção desta capela teve alguns percalços, porém, em 1778 a sua construção estava terminada.

Um pormenor interessante da Capela de São Bartolomeu é o facto de ter numa das fachadas um painel em azulejos (Fig.59), onde refere que a capela foi construída em memória do tão conhecido casamento entre D. Dinis e D. Isabel na vila de Trancoso.



Fig. 58 Capela de Santo Bartolomeu.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 59 Painel em azulejo da Capela de Santo Bartolomeu.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.20. Fonte Nova

A fonte Nova (Fig.60), também chamada de João Durão, foi construída nos finais do século XVI, em 1589. Esta fonte de estilo renascentista, localiza-se junto ao largo da feira e a poucos metros da capela de Santa Eufémia e do Convento dos Frades Franciscanos.

Esta fonte de constituição forte e majestosa, apresenta uma planta quadrada com colunas toscanas que assentam em plintos almofadados, onde duas das sete colunas têm as inscrições “Deus, ajuda-me” e “Ano 1589” (Fig. 61). A sua cobertura no lado exterior é em forma piramidal com ornamentos curvilíneos, no entanto, no interior, a cobertura possui uma cúpula semiesférica. No espaldar da fonte encontra-se as duas bicas e um brasão em pedra com as armas reais.

Esta fonte teve pouco uso por parte dos moradores ao longo dos tempos. Um dos motivos era o facto de ter uma água muito fria e ser de má qualidade para o consumo da população.

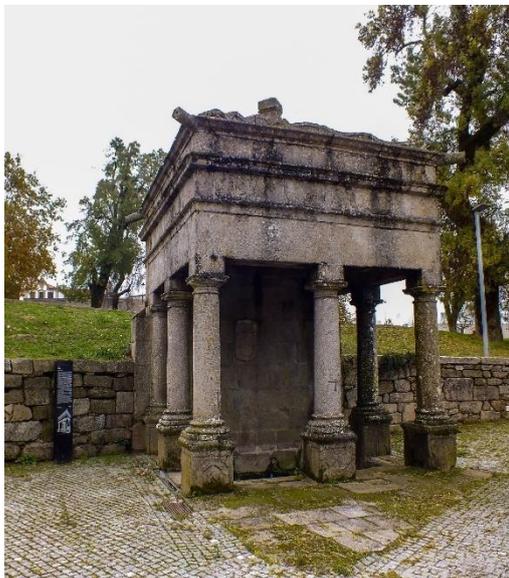


Fig. 60 Fonte Nova. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 61 Inscrição na Fonte Nova. Fonte: Autora, Outubro de 2019.

2.1.21. Cruzeiro do Senhor da Boa Morte

O Cruzeiro do Senhor da Boa Morte (Fig.62), de estilo Manuelino, localiza-se perto da Capela de Santa Luzia, no entanto, nem sempre foi este o seu lugar. A sua localização originária era junto às Portas do Prado. Foi construído no século XVIII, porém este cruzeiro nem sempre foi coberto. Em 1729 foi mandado cobrir pelo Padre Matias Álvares.

Este cruzeiro está assente em dois degraus hexagonais, de onde parte um pilar e um capitel, no qual se encontra uma cruz em granito com a imagem de Cristo Crucificado (Fig. 63). A cobertura de planta quadrada e forma piramidal é sustentada através de quatro colunas toscanas com plintos almofadados.



Fig. 62 Cruzeiro Senhor da Boa Morte.
Fonte: <http://patrimonioxxi.blogspot.com/p/patrimonio-religioso.html>.

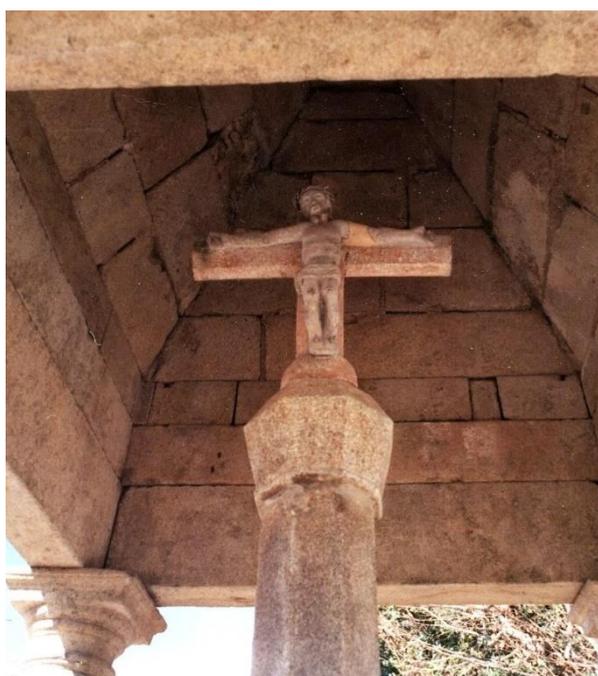


Fig. 63 Imagem de Cristo Crucificado do Cruzeiro Senhor da Boa Morte.
Fonte: <http://patrimonioxxi.blogspot.com/p/patrimonio-religioso.html>.

2.1.22. Capela de Santa Luzia

Este edifício do século XII foi classificado como Imóvel de Interesse Público a 17 de Abril de 1953.

A Capela de Santa Luzia (Fig. 64) define-se por ter características Românico-Góticas, de planta poligonal composta por uma única nave e uma capela-mor, com cobertura de duas águas. A fachada principal contém um portal em arco pleno, no qual é encimado por uma janela de lintel reto e moldura simples. A fachada virada a sul possui um portal em arco quebrado com duas linhas aduelas. A capela-mor é iluminada unicamente através de três frestas. No seu exterior é decorada com uma cornija sustentada por uma cachorrada com decorações geométricas, zoomórficas e antropomórficas (Fig. 65). No seu interior, destaca-se um arco triunfal decorado com enxaquetado e arabesco.

Esta capela que está um pouco afastada do centro histórico, foi sofrendo alterações ao longo dos séculos. Em 1619 a igreja foi reedificada. A única parte do edifício que ainda estava em pé era a capela-mor, no entanto, em 1782 a capela estava novamente em ruína. Só em 1873 é que a Capela de Santa Luzia foi reparada, devido a todo o seu estado, mas principalmente por causa da queda total do telhado. É só no século XXI que a reconstrução deste belo património histórico se estabiliza. Na grande parte do século XX, a capela, sofreu vários tipos de reabilitação.



Fig. 64 Capela de Santa Luzia.
Fonte: <http://photos1.blogger.com/blogger/2532/3607/1600/Capela%20St%20Luzia.jpg> .



Fig. 65 Cornija com uma cachorrada da Capela de Santa Luzia.
Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74633>.

3. Judaísmo

3.1. Contextualização Histórica

Conhecida por ser a primeira religião monoteísta, a que acredita num só deus, o Judaísmo já conta com mais de 4 mil anos de existência. Um aspeto relevante sobre esta religião é o facto de esta ter sido a base de outras duas religiões, o Cristianismo e o Islamismo (Morais, 2014), no qual, para além dos pontos em comum serem alguns factos históricos é sobretudo a crença num só deus.

O Judaísmo não é apenas uma religião, é um modo de vida, com costumes, cultura e crenças. Este povo, que foi perseguido ao longo da história foi apelidado de Hebreus, Israelitas ou Judeus (Gonçalves, 2014).

Segundo conta a história, o primeiro homem a proclamar os princípios do monoteísmo foi Abraão, o patriarca das três religiões (Ribeiro, 2016). Para o povo judeu, Abraão, Isaac e Jacob foram os homens mais importantes do povo hebraico. Abraão, por volta do ano de 1800 a.C., foi chamado por deus a deixar a sua terra Ur, na Caldeia, actual Iraque e partir em busca de Israel (Morais, 2014), para formar um grande povo. De Abraão, nasce o filho Isaac, pai de Jacob, também conhecido por Israel. De Jacob resultam doze filhos, também chamados de filhos de Israel ou Israelitas (Gonçalves, 2016), que dão origem às 12 tribos de Israel (Pinto, 2015), onde algumas delas acabaram escravizadas no Egipto (Morais, 2014). É Moisés quem salva as tribos escravizadas, conduzindo-as para fora do Egipto numa longa viagem de 40 anos pelo deserto em direção à terra prometida (Morais, 2014). Durante a passagem do deserto, no monte Sinai, Moisés recebe de Deus os 10 mandamentos e os preceitos da base da vida Judaica, a Torah (Morais, 2014).

O primeiro rei judeu, Saul, conseguiu unificar as tribos e vencer os inimigos, é sucedido por David, que faz de Jerusalém a capital do povo judaico (Morais, 2014). Salomão, em 965 a.C., sobe ao trono e fortifica Jerusalém, mandando construir o Templo (Morais, 2014), no entanto, em 587 a.C., o Templo e a cidade de Israel são destruídos, levando a que a população seja exilada na Babilónia (Morais, 2014). 49 anos depois o império da Babilónia é substituído pelo persa, no qual o governador permite que o povo hebreu volte para Jerusalém e reconstrua o Templo (Morais, 2014). Já na nossa era, no ano 70 d.C., o Templo volta a ser destruído e por esse motivo leva a que a população judaica se disperse pelo mundo (Morais, 2014), dando-se a diáspora (Fig. 66).

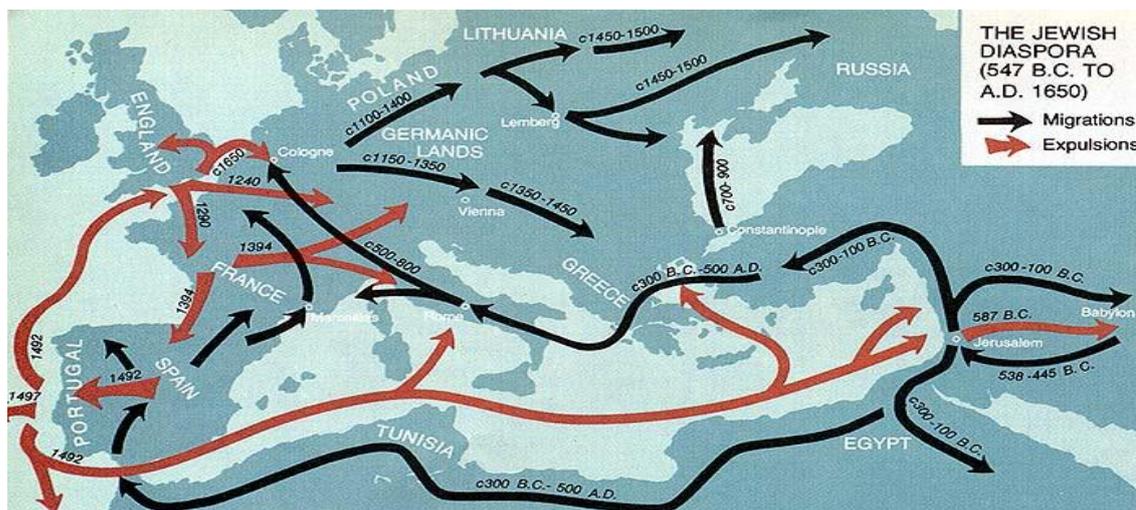


Fig. 66 Rotas da diáspora. Fonte: <https://musicisrael.wordpress.com/2013/09/03/everything-we-know-about-history-we-can-learn-from-hollywood-and-tedtalks/>.

3.2. Princípios e Práticas do Judaísmo

Com a dispersão, foram levados a vários pontos do mundo, no qual surgem várias etnias. Na Europa Central e Ocidental são chamados de Asquenazim, os judeus Sefarditas vivem na Península Ibérica e os que apareceram no Médio Oriente e Norte de Africa são chamados de Mizrah (Pinto, 2015). Estas comunidades diferenciam-se na forma como lidam com a religião, uns de uma forma mais rígida e outros de forma mais leve.

Depois da destruição do Templo, o povo judeu substituiu-o pela sinagoga (Fig. 67), tornando-a o centro e símbolo da religião judaica. Esta está presente em qualquer lugar que exista uma comunidade judaica (Pinto, 2015). A sinagoga tal como o próprio nome indica, não é apenas um lugar de culto e oração, mas também um local de ensino, uma escola (Fig. 68).



Fig. 67 Sinagoga em Trancoso. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-168137/centro-de-interpretacao-da-cultura-judaica-isaac-cardoso-slash-goncalo-byrne-arquitectos-plus-oficina-ideias-em-linha?ad_medium=gallery.

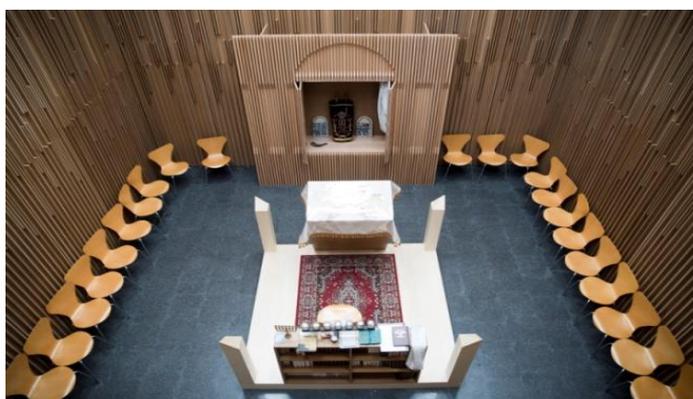


Fig. 68 Sinagoga em Trancoso. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-168137/centro-de-interpretacao-da-cultura-judaica-isaac-cardoso-slash-goncalo-byrne-arquitectos-plus-oficina-ideias-em-linha?ad_medium=gallery.

Tal como noutros locais sagrados, a sinagoga, tem alguns objetos fundamentais. Um dos mais importantes é a Arca Sagrada (Aron Hacodesh) (Fig.69). É um armário ou recanto na parede, no qual são guardados os Rolos de Torah (Sifrei Torah) (Ribeiro, 2016). Este armário ou recanto na parede deve estar coberto por uma cortina (Paroquet) virado em direção a Jerusalém (Ribeiro, 2016). Outro objeto importante é a Luz Eterna (Net Tamid) É uma lamparina que está a arder continuamente. Esta é colocada acima e em frente da Arca Sagrada (Ribeiro, 2016). Em frente à Arca Sagrada deve existir uma plataforma (Bimá), na qual existe uma mesa onde a Torah é lida (Ribeiro, 2016).



Fig. 69 Sinagoga em Trancoso. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-168137/centro-de-interpretacao-da-cultura-judaica-isaac-cardoso-slash-goncalo-byrne-arquitectos-plus-oficina-ideias-em-linha?ad_medium=gallery.



Fig. 70 Rolos de Torah. Fonte: <http://casadosanussim.shavei.org/2018/04/16/visita-ao-sefer-tora-de-trancoso-portugal/>.

O Judaísmo, além de ser uma religião, possui um conjunto de leis, mandamentos e práticas. Estes regem a vida de um judeu. Na religião judaica, existem na totalidade 613 mandamentos, 248 ordens afirmativas e 365 proibições, ao qual são exigidos a ser cumpridos juntamente com as restrições e práticas (Pinto, 2015). De todos os mandamentos, as restrições alimentares são das importantes, uma vez que, para um judeu, existem alimentos proibidos. Essas regras alimentares são chamadas de Kosher (Ribeiro, 2016), as quais discriminam o que um judeu pode ou não comer. Animais como o porco ou coelho não são permitidos, no entanto são permitidos a vaca ou borrego, porque são animais ruminantes e de cascos fendidos (Ribeiro, 2016). Só podem comer peixes que tenham escamas e barbatanas, como o salmão ou o bacalhau, tudo o que seja molúsculos, crustáceos e marisco não é permitido consumir. Toda a carne que é servida deve ser bem passada, pois para um judeu é proibido o consumo de sangue de animal (Ribeiro, 2016).

Tal como outras religiões, o Judaísmo é composto por tradições e datas importantes. Duas das mais relevantes são a celebração da Pessach (Páscoa), que celebra o dia da fuga do povo hebreu em direção à Terra Prometida. A outra data igualmente importante é o shabat (Sábado). Tal como os cristãos, os judeus têm um dia de descanso, dedicado a Deus, em que não é permitido qualquer tipo de trabalho (Ribeiro, 2016).

3.3. Judaísmo em Portugal

O povo Judeu foi sujeito a múltiplas perseguições ao longo do tempo. Dessa forma, sempre que eram perseguidos, eram obrigados a partir da sua terra em busca de uma vida melhor noutra local. Este fenómeno é chamado de diáspora. Com a diáspora no ano 70 d.C., muitos dos judeus que partiram do seu país acabaram por chegar e permanecer na Península Ibérica durante muitos anos.

Não se sabe ao certo a data exata da fixação dos primeiros judeus, na terra que mais tarde viria a ser Portugal, no entanto, foi encontrada em Mértola uma lápide fúnebre com a menorah, um candelabro de sete braços, símbolo do judaísmo, que remonta ao século V (Tavares, 2007).



Fig. 71 Lápide Fúnebre coma menorah em Mértola.
Fonte: http://www.camertola.pt/sites/default/files/image001_15.jpg.

O aumento de judeus em Portugal, começou quando, em 1391, desencadearam os primeiros batismos forçados, levando a que milhares de judeus se convertessem ao cristianismo. Consequentemente, anos mais tarde, em 1478, foi instalada em Espanha, a Inquisição (Pinto, 2015). Instaurada a inquisição, todo o judeu que quisesse permanecer em Espanha tinha de se converter à fé cristã. Foi então que surgiu o termo Criptojudaísmo. Eram todos aqueles que se tinham convertido falsamente em cristãos para salvar a própria vida, no entanto, em momentos em família, às escondidas, continuavam a praticar a sua religião e os seus costumes (Saraiva & Cameijo, 2014).

Em 1492, os reis católicos, determinam com o Decreto de Alhambra, a expulsão do povo judeu em Espanha. E é neste ano, 1492, que aumentou drasticamente o número de judeus em Portugal (Pinto, 2015). Fixaram-se por todo o país, contudo a zona interior foi a região onde mais judeus se fixaram. Quando os judeus fugidos de Espanha entraram no reino português, D. João II acolhia-os e permitia que se refugiassem, contudo só o permitia mediante um pagamento de uma taxa (Saraiva & Cameijo, 2014). No entanto, a paz não durou muitos anos para o povo judeu, uma vez que, em 1496, D. Manuel I implanta o Decreto de Expulsão dos Judeus para poder casar com D. Isabel, filha de reis católicos (Saraiva & Cameijo, 2014). Porém, D. Manuel I não queria que os judeus saíssem de Portugal, visto que eram uma parte importante da economia, da cultura e da ciência do país. Por esse motivo, o rei decretou que os judeus deviam deixar Portugal ou

converter-se ao cristianismo. Pensava ele que se iam converter, no entanto, não foi o que aconteceu; os judeus preferiram procurar um lugar para serem livres em vez de traírem a sua herança religiosa (Saraiva & Cameijo, 2014). Posto isto, em 1497, D. Manuel I força a que todos os judeus, que ficaram no reino, sejam obrigatoriamente convertidos ao cristianismo (Saraiva & Cameijo, 2014). E assim se formam os cristãos-novos.

Depois da expulsão e conversão forçada do povo judeu, o monarca, fez promessas de forma a tentar proteger os cristãos-novos, decretando a proibição de questionários sobre a sua fé num prazo de 20 anos. Em 1512, este decreto foi prolongado por mais 16 anos (Saraiva & Cameijo, 2014). Depois de serem convertidos em cristãos-novos tinham os mesmos direitos que os cristãos-velhos, tendo também de converter os seus nomes para nomes cristãos. No entanto, os cristãos-novos continuaram a manter alguns hábitos, tal com não comer carne de porco ou fazer pão sem fermento, especialmente nos dias de Páscoa Judaica. Outros costumes que continuaram a praticar tais como circuncisão e o sábado continuar a ser um dia dedicado ao seu Deus (Saraiva & Cameijo, 2014).

A igualdade entre cristãos-novos e cristãos-velhos não foi bem aceite pelos cristãos-velhos, por esse motivo foram geradas tensões e algumas antipatias, o que levou à introdução da Inquisição.

Foi em 1536, no reinado de D. João III, que a Inquisição entrou em Portugal, com o objectivo de combater qualquer tipo de heresia (Saraiva & Cameijo, 2014). De modo a facilitar o seu trabalho, a Inquisição convidou toda a população a denunciar casos de heresia. Para a inquisição não bastava só a parte religiosa, fiscalizavam também a parte política, cultural e social (Saraiva & Cameijo, 2014). Assim que eram descobertas as heresias, eram feitas cerimónias solenes, os Autos de Fé, onde em praça pública ditavam as sentenças. Os processos da Inquisição nunca terminavam com o acusado completamente ilibado, sendo que em situações mais graves eram condenados à morte nas fogueiras (Saraiva & Cameijo, 2014).

O fim da Inquisição foi decretado pelo Marquês de Pombal, em 1821. As consequências destes atos de justiça levaram a que o Tribunal do Santo Ofício fosse abolido e tornado num Tribunal de Estado.

Depois de mais de dois séculos de perseguições e terror, os cristãos-novos, passaram a poder exercer cargos públicos e até mesmo cargos eclesiásticos (Cameijo & Saraiva, 2014). A verdadeira liberdade de culto para o povo judeu em Portugal, deu-se

em 1911 quando foi publicada a Lei de Separação entre Estado das igrejas (Cameijo & Saraiva, 2014).

3.4. Influências judaicas na cultura Portuguesa

Sabe-se que ao longo dos tempos, a cultura judaica influenciou de algum modo a cultura do nosso país. Em Portugal é visível a presença judaica na nossa alimentação, nos nossos costumes, nas expressões, na arquitetura, em símbolos, em nomes e certamente em muitas mais coisas do nosso quotidiano.

Acredita-se que o típico enchido de Mirandela a “alheira” terá sido criada pelos judeus para tentar fugir à Inquisição (Pinto, 2015). Este enchido tão típico desta região é feito essencialmente com carnes de vaca, peru, pato e galinha, pois não era permitido carne de porco. Deste modo, podia continuar a respeitar a sua religião e “enganar” a Inquisição (Saraiva & Cameijo, 2014). Outra evidência da presença judaica em Portugal são os nomes, como Adão, Benjamim, Daniel, David, Gabriel, Rafael, Raquel ou Maria. Este e muitos outros nomes tem origem hebraica bíblica (Saraiva & Cameijo, 2014). Para além dos nomes e dos alimentos, também podemos encontrar origem judaica em algumas expressões bastante usadas como “Pensar na morte da bezerra”, que era usada pelo povo quando alguém está com um ar preocupado ou “ Vestir a carapuça”, quando na altura da Inquisição os judeus eram obrigados a usar um chapéu para serem identificados, entre muitas outras expressões (Saraiva & Cameijo, 2014). Da mesma forma, também são encontrados muitos símbolos ligados ao judaísmo em vários brasões de terras portuguesas ou até mesmo no símbolo da polícia portuguesa (Fig.72). Alguns símbolos com a estrela de David, as espigas de trigo e cevada, videiras, uvas, figos, azeitonas, romãs, a menorah e o Leão de Judá, estes símbolos são relatados na bíblia como originários da terra de Israel (Saraiva & Cameijo, 2014).



Fig. 72 Brasões e símbolos com motivos ligados ao judaísmo. Fonte: <https://www.facebook.com/policiasegurancapublica/photos/a.118723868183136/1681473398574834/?type=1&theater>, https://pt.wikipedia.org/wiki/Viana_do_Alentejo#/media/Ficheiro:VNT.png e <https://www.heraldry-wiki.com/arms/websites/Portugal/www.fisicohomepage.hpg.ig.com.br/lsd-boim.htm>

3.5. Presença Judaica em Trancoso

“Centro Histórico de Trancoso é aquele que em toda a Beira Interior de Portugal, contém até ao momento, o maior número de marcas mágico-religiosas, cento e dezassete, distribuídas fundamentalmente na parte Este do aglomerado urbano.” (Santos, 2008, pág. 117)

Ao percorrer as ruas do centro histórico de Trancoso, é possível perceber a herança que foi deixada pelos judeus e cristãos-novos através das marcas de simbologia e abreviaturas religiosas deixadas nas paredes e também esculturas de alguns imóveis, com as da Casa do Gato Preto.



Fig. 73 Rua da Alegria. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 74 Casa do Gato Preto. Fonte: Autora, Outubro de 2019.

Sabe-se que a presença de judeus em Trancoso vem já de há muitos séculos. A existência desta comunidade na cidade é anterior ao reinado D. Pedro I (Carvalho & Saraiva, 2013). Este monarca, por carta de privilégio, concedeu aos judeus de Trancoso, a primeira judiaria apartada (Ballesteros & Santos, 2004), a 15 de Setembro de 1364 onde a localizava, “(...) rua da metade da (...) vila onde sempre tinham vivido (...)” (Saraiva & Cameijo, 2014, pág. 175).

Nos séculos XV e XVI a população judaica foi aumentando, o que levou a que a comunidade de Trancoso fosse a mais numerosa da Beira Interior. Segundo processos da Inquisição, viviam mais de 500 judeus naquela altura em Trancoso (Saraiva & Cameijo, 2014).

Até aos dias de hoje, ainda não foi possível identificar com certeza a localização exata do antigo bairro judaico e da sua sinagoga. Durante muito tempo, a Casa do Gato Preto foi apontada como sendo a antiga sinagoga medieval, no entanto, esta ideia cai por

terra pelo facto de este edifício ter sido construído provavelmente no século XVI, altura em que a Inquisição estava presente em Portugal. Por esse motivo seria quase impossível existir um edifício com uma fachada decorada com tais elementos ligados à religião judaica (Ballesteros & Santos, 2004). Estas esculturas terão sido colocadas numa reabilitação feita na fachada do edifício, entre os séculos XIX e XX (Ribeiro, 2016).



Fig. 75 Esculturas da fachada da Casa do Gato Preto.

Fonte: Autora, Outubro de 2019 e do Livro Trancoso – Uma Monografia, Saraiva e Cameijo, 2016.

Outros apontam que o antigo bairro judeu estaria localizado na zona mais rica da cidade, junto às Portas d'El Rei, na rua da Corredoura (Fig. 76) (Carvalho & Saraiva, 2013), contudo, era pouco provável uma judiaria se localizar numa das ruas mais importantes da vila (Ballesteros & Santos, 2004).



Fig. 76 Rua da Corredoura. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

Por outro lado, embora não existam provas escritas que comprovem a veracidade destas suposições, acredita-se que a Rua da Alegria (Fig.77) tenha sido a antiga Rua da Judiaria. Isto, porque esta rua terá sido a “(...) rua de metade da (...) vila (...)” mencionada por D. Pedro I, mas também pelo facto de esta rua conter o maior número de marcas de símbolos religiosos judeus e cristãos (Ballesteros & Santos, 2004). Na mesma rua existe um imóvel, no qual se supõe ter sido a antiga sinagoga (Fig. 78) (Ballesteros & Santos, 2004), uma vez que este apresenta bastantes semelhanças nas plantas com as plantas das sinagogas de Évora, Tomar e Valencia de Alcântara (Carvalho & Saraiva, 2013). Este edifício é também o que ostenta o maior número de marcas cruciformes, marcadas na ombreira das portas e fachadas, tendo ainda um peixe e um fragmento de um candelabro (Ballesteros & Santos, 2004).



Fig. 77 Rua da Alegria. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 78 Possível antiga sinagoga. Fonte: Autora, Outubro de 2019.

Ao atravessar o centro histórico, deparamo-nos com uma grande quantidade e variedade de marcas religiosas, no qual em maior quantidade são as cruzes cristãs, no entanto, podemos também observar abreviaturas católicas, o Menorah (candelabro de 7 braços), o Mezuráh (pequeno rolo de pergaminho), estrelas, datas e talvez inscrições hebraicas (Saraiva & Cameijo, 2014). Contudo, devido à falta de informação escrita sobre estas marcas religiosas, é muito difícil saber quem o fez e o porquê. Podem ter resultado daqueles que foram convertidos com o objetivo de mostrarem a sua aceitação ao cristianismo, mas também pode ter acontecido num simples ato de fé por parte dos cristãos-velhos (Ballesteros & Santos, 2004).



Fig. 79 Imagem da localização das marcas religiosas. Fonte: Autora, Abril de 2020.



Fig. 80 Imagem da localização das marcas religiosas na Rua do Pincho. Fonte: Autora, Dezembro de 2019 e Abril de 2020.



Fig. 81 Imagem da localização das marcas religiosas na Rua da Alegria. Fonte: Autora, Dezembro de 2019 e Abril de 2020.

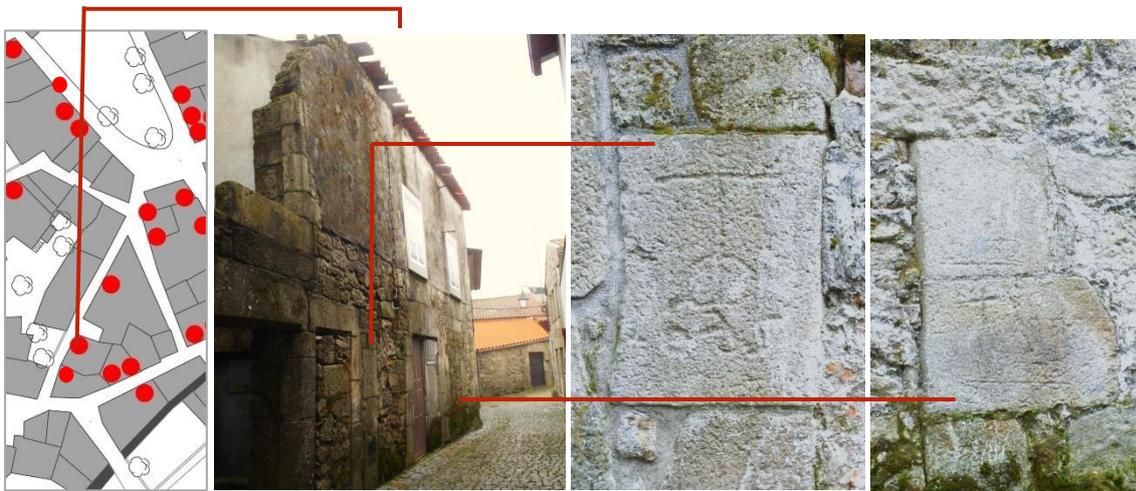


Fig. 82 Imagem da localização das marcas religiosas na Rua do Poço Mestre. Fonte: Autora, Dezembro de 2019 e Abril de 2020.



Fig. 83 Imagem da localização das marcas religiosas na Rua do Pintor. Fonte: Autora, Dezembro de 2019 e Abril de 2020.

Em homenagem aos Judeus tão presentes na história de Trancoso, foi construído um Centro de Interpretação da Cultura Judaica Isaac Cardoso (Fig. 84), homenageando não só todos aqueles judeus que por lá passaram, mas sobretudo o médico judeu, Isaac Cardoso, nascido em Trancoso no século XVII. E também a Casa do Bandarra (Fig. 85), no qual homenageia o sapateiro e poeta, Gonçalo Anes Bandarra. Este defendia a igualdade entre cristãos-novos e cristãos-velhos.



Fig. 84 Centro de Interpretação da Cultura Judaica Isaac Cardoso.
Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 85 Casa do Bandarra. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.

4. Cidades Medievais

4.1. Origem das cidades

“Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia, antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras, antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies de animais” (Mumford, 1998, pág. 11)

Ao longo dos anos o ser humano tem tentado entender qual a origem das cidades e como evoluíram até aos dias de hoje. Nesse sentido é necessário perceber o fundamental papel do homem na formação do que hoje conhecemos como cidade.

Sabe-se que o homem apareceu na face da terra há alguns milhões de anos e que durante um longo período viveu só à procura de alimento e abrigo na natureza. De acordo com Arruda (1993), a evolução do homem divide-se em três fases durante a Pré-História: a Antiga Idade da Pedra (500000 a.C. – 18000 a.C.), o Neolítico (18000 a.C. – 5000 a.C.) e a Idade dos Metais (5000 a.C. – 4000 a.C.). Durante a Antiga Idade da Pedra, o homem apenas se dedicava à caça, pesca e à colheita de alimentos na natureza, mas também começou a construir os seus primeiros utensílios, como o arco, a seta e objetos em pedra, de modo a facilitar o seu dia-a-dia (Abiko, Almeida e Barreiras, 1998).

Com o tempo, o ser humano percebeu que para a sua segurança e para ter melhores condições de vida, tinha de se fixar num só local. E é no início do período Neolítico que começa a se tornar mais civilizado, no qual, inicia o desenvolvimento de técnicas de pastoreio e agricultura; assim como, começa a organizar o espaço em que habita, a fabricar objetos de cerâmica e a conhecer as estações do ano. No decurso do seu desenvolvimento, o homem começou a perceber a necessidade de separar o pastoreio e a agricultura como atividades distintas. Este momento distingue-se por ser a primeira grande divisão social do trabalho. Entre o fim do Neolítico e o fim da Idade dos Metais, começaram a aparecer as primeiras aglomerações humanas, com algumas características de cidade. Aos poucos e com o aumento da população, levou a que estas aglomerações se organizassem socialmente, levando a uma divisão de classes na sociedade, onde uma minoria dominava uma maioria (Abiko, Almeida e Barreiras, 1998).

O aparecimento das cidades deve-se essencialmente quando o ser humano em algum momento da história se dispôs à vida social (Mumford, 1998).

Mumford (1998), acreditava que o homem antes de se fixar, procurava perceber quais os melhores locais para o fazer, procurando essencialmente locais com água, como rios e mares, mas também pontos altos e locais favoráveis à prática de agricultura e pastoreio. Para além dos motivos acima referidos, estes locais eram estratégicos em termos da sua defesa e segurança, podendo ser também usados como via de comunicação no caso dos rios. (Paiva, 2015).

Segundo Mumford (1998) “ (...) antes da ocupação permanente do território, o local da cidade era um lugar de ritual, um ponto de encontro para glorificar um morto, sendo que (...) os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente (...) ” pág.13. No fundo, as cidades eram um ponto de ligação entre o homem e a espiritualidade. Apesar das cidades terem nascido inicialmente com uma ligação espiritual, com o tempo foram surgindo com outros objetivos. Por motivos de desenvolvimento foram construídas em pontos estratégicos aproveitando a topografia do local para a sua defesa, mas também como pontos de comércio (Paiva, 2015).

Ao longo da história das cidades, as mesmas tiveram um propósito diferente. Enquanto que o povo grego procurava no local uma ligação espiritual, os romanos procuravam lugares topograficamente planos e estratégicos e o homem da época medieval procurava sítios no qual se podiam defender, adaptando-se sempre à topografia do terreno (Paiva, 2015). Acredita-se que os primeiros locais onde surgiram as primeiras cidades no nosso planeta, foram ao longo dos rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia (Fig. 86); dos rios Yang-Tsé-Kiang e Amarelo, na China; do rio Nilo, no Egito e do rio Hindus, no Paquistão (Fig. 87) (Abiko, Almeida e Barreiras, 1998).



Fig. 86 Primeiras cidades – Ur, Mesopotâmia.
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ur_from_the_Air.jpg.

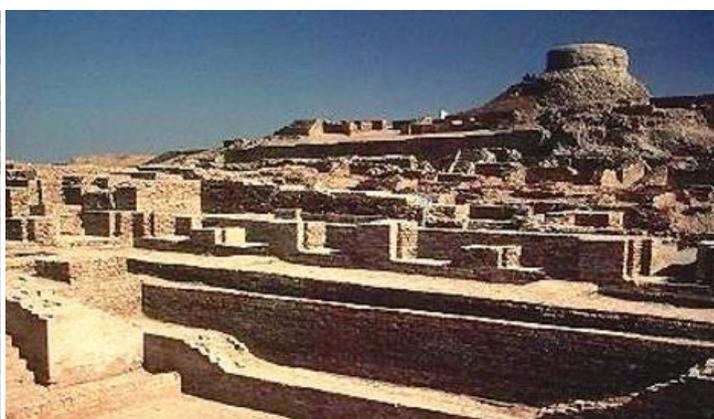


Fig. 87 Primeiras cidades – Paquistão.
Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Paquist%C3%A3o>.

4.2. Cidades medievais portuguesas com fundação em civilizações Romana e Muçulmana

Portugal e certamente outras partes do mundo, são uma combinação de povos, culturas e tradições, no qual necessariamente tiveram influência nos modos de vida, na cultura e até mesmo no desenho urbano das cidades. Ao longo da história de Portugal, percebemos que este foi invadido e habitado por diferentes povos, no qual deixaram marcas da sua presença no urbanismo de algumas cidades, que ainda hoje é possível ver.

“Os traçados dessas cidades variam, podendo apresentar ainda vestígios do antigo urbanismo romano, como Évora ou Santarém, ou desenvolver-se segundo padrões aparentemente mais anárquicos, heranças quer da ação dos muçulmanos, quer do crescimento lento e natural, típico da cidade medieval europeia do período intermédio da Idade Media.” (Gaspar, 2000, pág. 134)

Estes dois povos, romanos e muçulmanos, ao longo da sua fixação no nosso país, foram deixando construções das suas cidades, no qual, séculos mais tarde essas mesmas estruturas urbanas serviram de base para a construção das cidades medievais (Oliveira, 2014). Algumas dessas cidades medievais construídas sobre as civilizações romanas, foram Monforte, Veiros e Serpa e sobre as muçulmanas, foram Ourique, Almodôvar, Moura, Marvão e Mértola (Abel, 1995).

Estes dois povos com distintos modos de vida, cultura e religião, diferenciam-se até no modo de projetar o desenho da cidade. Segundo Pinto (2013) e Teixeira (2010), as cidades portuguesas com fundação:

- Romana caracterizam-se por:
 - Serem projetadas com regularidade, racionalidade e ordem;
 - Terem duas ruas principais perpendiculares entre si, a Cardus (Norte a Sul) e a Decumanus (Estes a Oeste). Estes eixos são fundamentais na cidade romana, a partir destes eixos define-se a estrutura ortogonal das ruas e quarteirões;
 - Junto à intersecção destes dois eixos, no centro da cidade, localiza-se uma grande praça com formato retangular, o Fórum. Este local era o centro da vida pública e religiosa. Em volta deste, eram construídos os principais edifícios, ligados às funções administrativas, judiciais, religiosas e comerciais;

- Apesar de não expressarem plenamente os princípios de rigor e geometria, ainda é possível observar as ideias de regularidade e ortogonalidade.
- Muçulmana caracterizam-se por:
 - Ter três fundamentais parâmetros de base: a defesa, o clima e a religião;
 - Ter um traçado sinuoso, com um carácter privado e sagrado;
 - Ter uma clara hierarquia de vias:
 - Duas vias principais que se cruzam no centro, no qual se situa o núcleo central do ponto de vista cultural e religioso, a mesquita e o mercado;
 - As principais vias dão origem a ruas secundárias, que gradualmente se subdividem em ruas mais estreitas e sinuosas, no qual acabam em becos e enclaves. Estes becos e enclaves dão acesso a um conjunto de casas;
 - As construções das habitações terem um carácter privado. As casas eram sempre viradas para pátios interiores e com poucas aberturas para as ruas.

Com fundação Romana



Fig. 88 Monforte. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Monforte/@39.0279556,7.5731618,45967m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd170ad30ff9370d:0xd6d38ed2756dc2d8!8m2!3d39.053627!4d-7.4395911?hl=pt-PT>.



Fig. 89 Serpa. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Serpa/@37.9385188,-7.5974791,2390m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd1090627353f547:0xac4c50037757fc10!8m2!3d37.9443447!4d-7.5978743?hl=pt-PT>.

Com fundação Muçulmana



Fig. 90 Marvão. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Marv%C3%A3o/@39.3944048,-7.3772669,816m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd17bf150f248c4f:0xbe9af0b9e8c640d6!8m2!3d39.3939447!4d-7.3765363?hl=pt-PT>.



Fig. 91 Mértola. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/M%C3%A9rtola/@37.6375079,-7.6647994,965m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd107dbb4664ccab:0x24c06972823ba698!8m2!3d37.6415148!4d-7.6606665?hl=pt-PT>.

4.3. Cidade Medieval Portuguesa

“A cidade na Idade Média é um espaço fechado. A muralha a define. Penetra-se nela por portas e nela se encaminha por ruas infernais que, felizmente, desembocam em praças paradisíacas. Ela é guarnecida de torres, torres de igrejas, das casas dos ricos e da muralha que a cerca.”
(Benevolo, 1995)

Segundo Goitia (1992) é na Idade Média, final do século X (ano 1000), que começa a surgir o urbanismo na Europa, isto devido ao desenvolvimento do comércio e da indústria (Afonso, 2012). Em Portugal, a cidade medieval, podia surgir sob uma cidade já existentes (romana ou muçulmana) mas também sob novas construções. As cidades construídas de raiz, foram plantadas estrategicamente em planaltos com declives moderados (Abel, 1995), no qual o principal objetivo era o papel defensivo (Oliveira, 2014).

A cidade medieval é caracterizada por ter uma muralha a envolver toda a cidade. No seu interior a estrutura da cidade medieval é dividida em duas partes, a alcáçova, onde no seu interior existia o castelo, este localizado na zona topograficamente mais elevada do planalto (Gaspar, 2000) e almedina, que corresponde à parte que envolve a alcáçova, onde se encontrava a sé ou igreja, o paço episcopal, os paços do concelho, o mercado e as moradias dos mercadores mais abastados. A zona fora das muralhas era chamada de arrabalde. Este terá surgido a partir de meados do século XIII, quando se dá o extravasamento das muralhas da cidade (Gaspar, 2000). O arrabalde era uma zona de transição no tecido urbano, passando da cidade para o campo (Abel, 1995). Abel (1995) afirma que apesar das cidades medievais terem uma aparente igualdade no estatuto urbano, económico e social, não era dessa forma, uma vez que era no arrabalde que se localizava a população mais desfavorecida.

Segundo Abel (1995), as cidades medievais não apresentam todas o mesmo traçado, nem se desenvolveram todas da mesma forma. Gaspar (2000) diz ainda que “na maior parte das cidades portuguesas, as expansões a partir do núcleo primitivo não obedecem a qualquer intenção de planeamento, desenvolvendo-se em função de antigos caminhos rurais de acesso à urbe (...)”.

Afonso (2012), diz que uma das características das antigas urbanizações medievais, era que o urbanismo tinha um traçado espontâneo, em forma de rádio-concêntrico, no qual as ruas iam surgindo conforme as casas iam sendo construídas. É no século XIII, nos reinados de D. Afonso III e D. Dinis, que se inicia uma maior preocupação com o

traçado urbano. É nesta época que começaram a aparecer as primeiras cidades em Portugal que apresentavam semelhanças com um tipo de desenho urbano, as Bastides, com um modelo de padrão geométrico, no entanto com algumas adaptações devido à topografia do terreno e às necessidades de defesa (Abel, 1995).

4.4. Bastides

“Situam-se, quase sempre, em sítios naturalmente defensíveis, por vezes envolvidas por uma muralha, onde se abrem portas em número que depende da sua importância. As ruas, retilíneas, cruzam-se segundo ângulos retos, demarcando blocos retangulares de casas.” (Gaspar, 1969, pág. 202)

Segundo Gaspar (1969) a Idade Média é conhecida por ser um período na história em que a morfologia urbana era construída de forma irregular, não tinha qualquer tipo de regra, desenvolvendo-se por aumentos consecutivos. No entanto, na Baixa Idade Média, apareceram alguns exemplos que provam o contrário, conhecidas como Bastides. Apareceram principalmente no sul de França, no leste da Alemanha, no sul da Itália e Espanha e eram planeadas com uma morfologia geométrica.

As Bastides são caracterizadas por (Gaspar, 1969):

- Criadas entre o século XII e XIV;
- Instaladas em regiões pouco povoadas e de instabilidade política;
- Foram construídas de raiz ou aproveitadas de outras já existentes;
- Tem diferentes formas devido à adaptação do terreno;
- Situam-se em pontos altos e junto a fronteiras;
- As plantas eram sempre regulares, segundo linhas geométricas;
- Geralmente tem uma muralha a envolver (circular, oval ou retangular);
- As muralhas tinham sempre as portas de acesso à vila, onde partiam ruas que davam diretamente a uma praça/ largo central.

Sabe-se que começaram a ser construídas no século XII, no entanto não se sabe ao certo qual a primeira região ou autor que fez este tipo de ocupação. Hiorns (1956) acreditava na possibilidade de um dos três (imperador Frederico III, rei Luís IX, e rei Eduardo I) ser o criador das Bastides (Gaspar, 1969).

- O imperador Frederico III, no século XIII, fundou a Terra Nova, no sul da Sicília e a Áquila, nos Abruzzos;



Fig. 92 Áquila. Fonte: <http://www.vdpsrl.it/progetti/187/comune-di-laquila-classificazione-acustica/>.



Fig. 93 Áquila. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/67100+%C3%81quila,+It%C3%A1lia/@42.3634428,13.3507466,10930m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x132fd2f005cfeba1:0x4f8e9dac999f1f8d!8m2!3d42.3498479!4d13.3995091?hl=pt-PT>.

- O rei Luís IX, de França, fundou um grande número de Bastides no sul da França. A primeira e mais notável foi Aigues-Mortes;

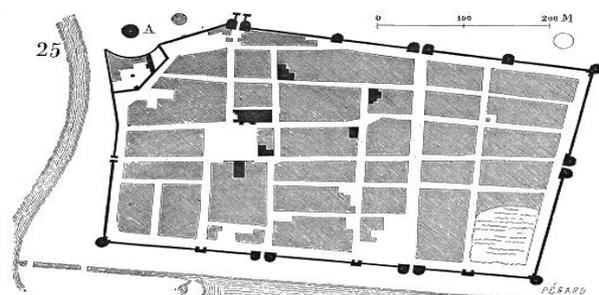


Fig. 94 Aigues-Mortes.
Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/16/Plan.Aigues.Mortes.png>.



Fig. 95 Aigues-Mortes. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/30220+Aigues-Mortes,+Fran%C3%A7a/@43.5637123,4.1740145,6496m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x12b690b7992e6105:0x4078821166b4870!8m2!3d43.567172!4d4.1925869?hl=pt-PT>.

- O rei Eduardo I de Inglaterra, no século XIII, fundou no sudoeste de França algumas cidades com este tipo de desenho urbano, duas delas foram Libourne e Cadillac.



Fig. 96 Libourne.
Fonte: <https://www.bastides33.fr/libourne/>.



Fig. 97 Libourne. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/33500+Libourne,+Fran%C3%A7a/@45.0674111,-0.5446929,113708m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd55494f167006fb:0x40665174816e1f0!8m2!3d44.912998!4d-0.243985?hl=pt-PT>.

Tal como em Portugal, muitas das cidades construídas noutros países, nesta época e com este tipo de morfologia foram erguidas de raiz como Labastide-Murat, Villeréal, Villeneuve-sur-Lot, Villefranche-de-Rouergue e Villefrance-du-Périgord, mas também muitas aproveitaram povoações mais antigas e refizeram-nas, como por exemplo Montcabrier, que foi construída em 1297, no entanto, já existia um castelo do século XII e também Saint-Aulay, construída em 1288, contudo aquele local já era habitado e já existiam duas igrejas do século XII (Gaspar, 1969).

Da mesma maneira que em outras partes do mundo, em Portugal também foram construídas as Bastides, no entanto, estas não seguiam exatamente aquela geometria rígida das Bastides francesas ou inglesas. Em Portugal, D. Dinis foi o rei que mais planeou o desenho urbano das cidades. À semelhança das Bastides francesas, construiu novas cidades, castelos e muralhas, até mesmo os nomes de algumas cidades eram bastante semelhantes com os das cidades francesas, como Vila Real – Villeréal e Salvaterra – Sauvaterra (Gaspar, 1969). Estas cidades portuguesas, fundadas no reino de D. Dinis, foram construídas tal como noutras partes da Europa, em zonas fronteiriças ou despovoadas com o objetivo de melhor defender a região (Gaspar, 1969).

As “Bastides” portuguesas caracterizavam-se por (Gaspar, 1969):

- O traçado morfológico das cidades tinha sempre em conta as necessidades de defesa como de administração civil e religiosa;
- As plantas tinham um padrão geométrico;
- A porta principal e o castelo instalado no extremo de mais fácil defesa;
- A rua central ou rua direita, retilínea que liga duas portas da muralha;
- A rua direita abre-se num largo/prança, no entanto nunca os atravessa, só os delimita;
- A rua direita é cortada por ruas perpendiculares;
- Paralelas ao eixo central, podem existir ruas paralelas de menos importância.



Fig. 98 Reguengos de Monsaraz. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Reguengos+de+Monsaraz/@38.4434903,-7.3807349,348m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd174cbb9cff1b1d:0x30cd776ff4487346!8m2!3d38.4252655!4d-7.5344352?hl=pt-PT>.



Fig. 99 Redondo. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Redondo/@38.6492156,-7.543209,211m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd1744147d9793d5:0x97506790b3c67f48!8m2!3d38.6490041!4d-7.5436514?hl=pt-PT>.

4.5. Trancoso – Vila Medieval

Trancoso é conhecida como uma das cidades com um dos centros históricos mais expressivos. Ao passar a cintura de muralhas e entrar no núcleo medieval, faz-nos transportar no tempo até aquela era.

“O velho burgo desenvolve-se à sombra altaneira deste poderoso castelo, cuja fundação se atribui aos povos godos, talvez sobre um castro romanizado e sucessivamente conquistado, destruído e reparado por árabes e cristãos, até D. Dinis, um dos monarcas portugueses de maior projeção na nossa Idade Média e (...) se decidir torna-lo num formidável posto militar junto à fronteira (...). Essa transformação, de grande visão, é a que hoje apresenta Trancoso.” (Figueiredo, 1997, pág. 223)

Como mencionado anteriormente, D. Dinis, foi o rei português que mais preocupação teve com as questões do planeamento urbano. Durante todo o seu reinado, D. Dinis foi construindo, reformulando e aumentando algumas urbanizações medievais. Trancoso foi uma delas. Antes da construção da muralha, que hoje conhecemos, acreditava-se que a Rua dos Cavaleiros seja o traçado de uma antiga muralha que envolvia toda a vila velha (Correia, 1986). A vila velha caracteriza-se por ter um formato oval irregular, em que no ponto mais elevado se localiza o castelo e todo o resto da estrutura urbana desenvolve-se de forma desigual, com quarteirões de diversas dimensões, uns mais pequenos e outros mais extensos (Conceição, 1998).

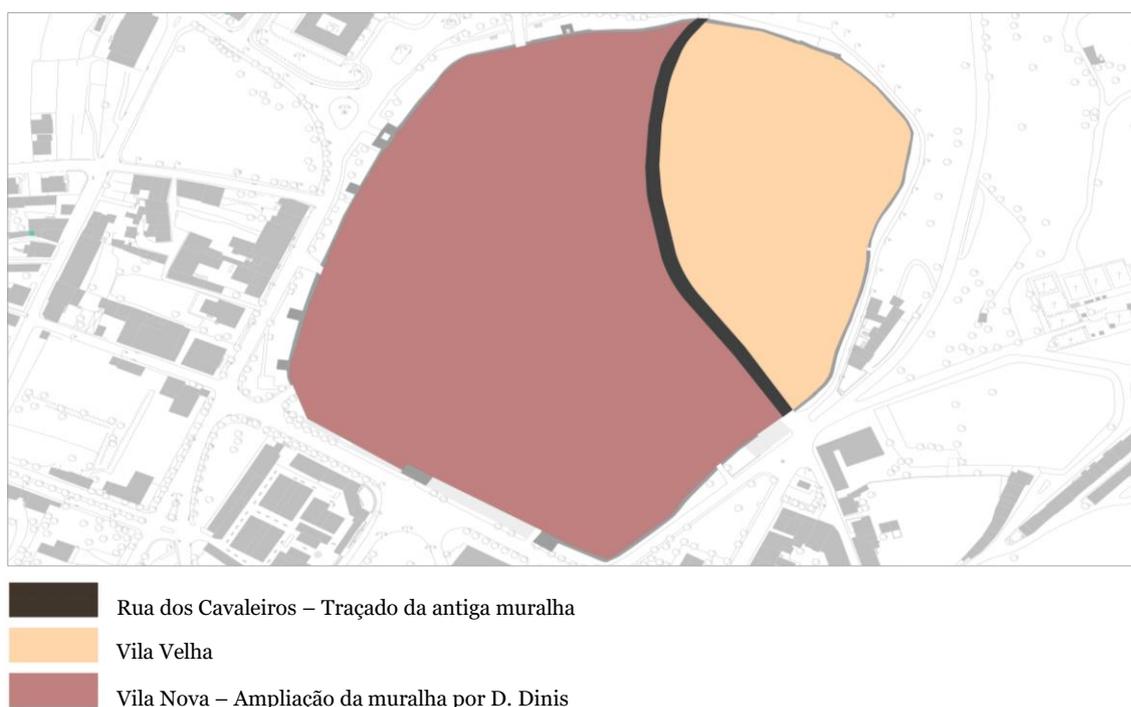


Fig. 100 Imagem de localização da vila velha, vila nova e o traçado da antiga muralha. Fonte: Autora, Junho de 2020.

A considerada vila nova, faz parte das obras de ampliação da vila, mandadas construir por D. Dinis. Como é conhecido e já foi abordado anteriormente, o rei D. Dinis planeava o ordenamento urbano das suas cidades, usando como modelo de inspiração as Bastides francesas. Observando a planta do centro histórico de Trancoso é possível perceber algumas das características que retratam as “Bastides” portuguesas.

- A cidade localiza-se numa zona fronteiriça;

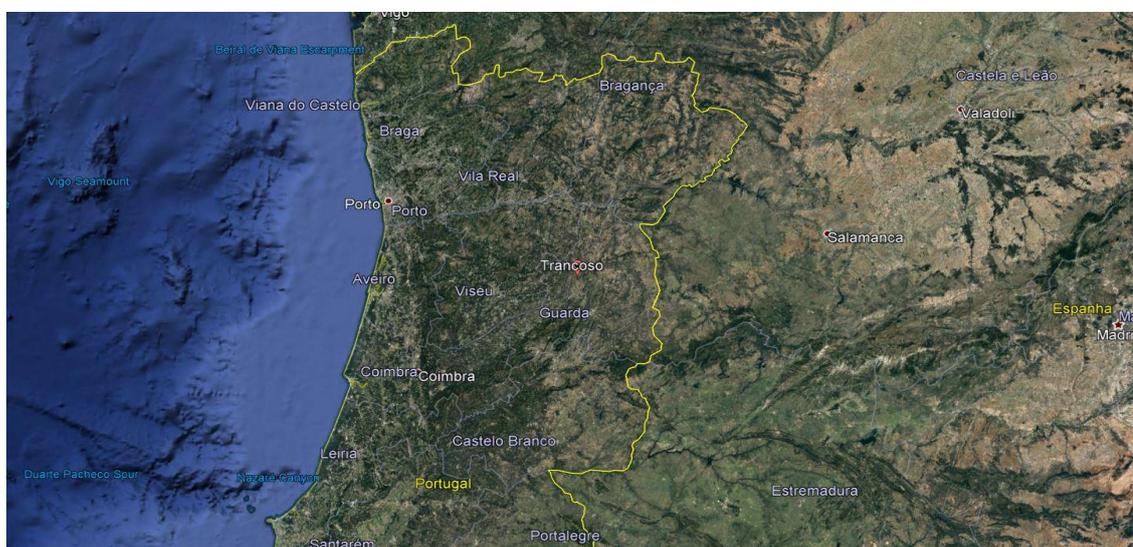


Fig. 101 Imagem de localização de Trancoso. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Trancoso/@39.9991256,-8.6773783,784294m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd3c938bf06d5ffd:0xdcc7aeea5a0da11!8m2!3d40.7787604!4d-7.3491442?hl=pt-PT>.

- Apesar da desordem a Este, é possível perceber a tentativa do padrão geométrico principalmente na zona mais a poente do centro histórico;



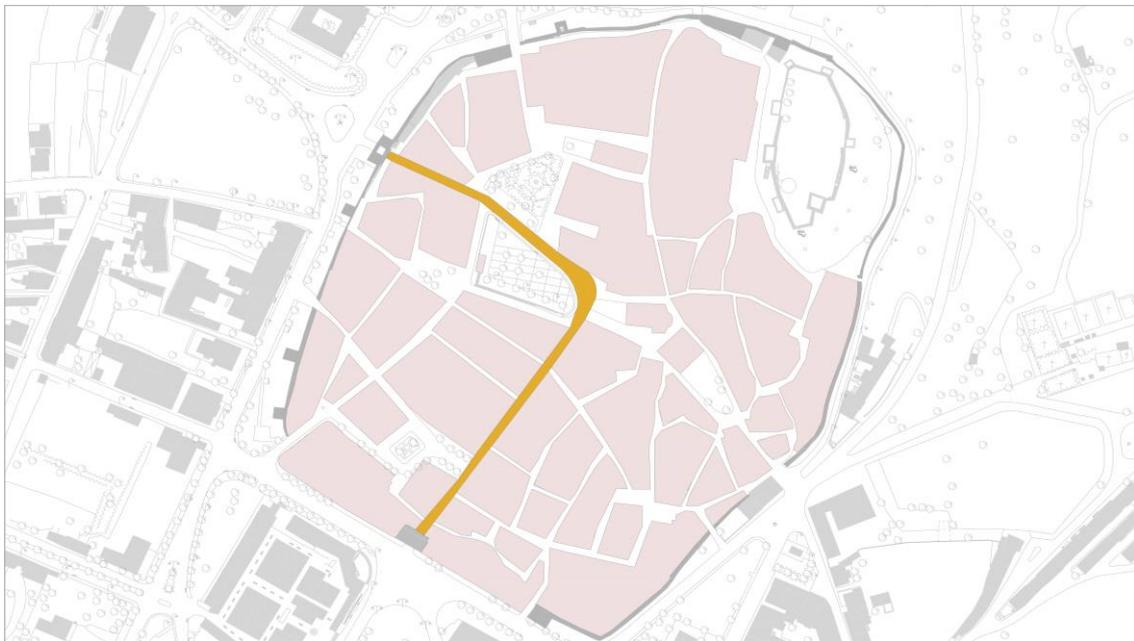
Fig. 102 Imagem de representação do padrão geométrico de Trancoso. Fonte: Autora, Junho de 2020.

- O castelo localiza-se na zona mais elevada e de melhor defesa da vila medieval;



Fig. 103 Localização do Castelo sobre a cidade. Fonte: https://www.e-cultura.pt/patrimonio_item/5460.

- A Rua da Corredoura é considerada a Rua direita, é aquela via mais larga e que tem mais importância na estrutura da cidade. Liga duas portas;



Rua Direita

Fig. 104 Imagem de representação da rua direita. Fonte: Autora, Junho de 2020.

- Esta mesma rua (Rua da Corredoura), retilínea, abre-se no Largo do Pelourinho, a praça central do centro histórico;

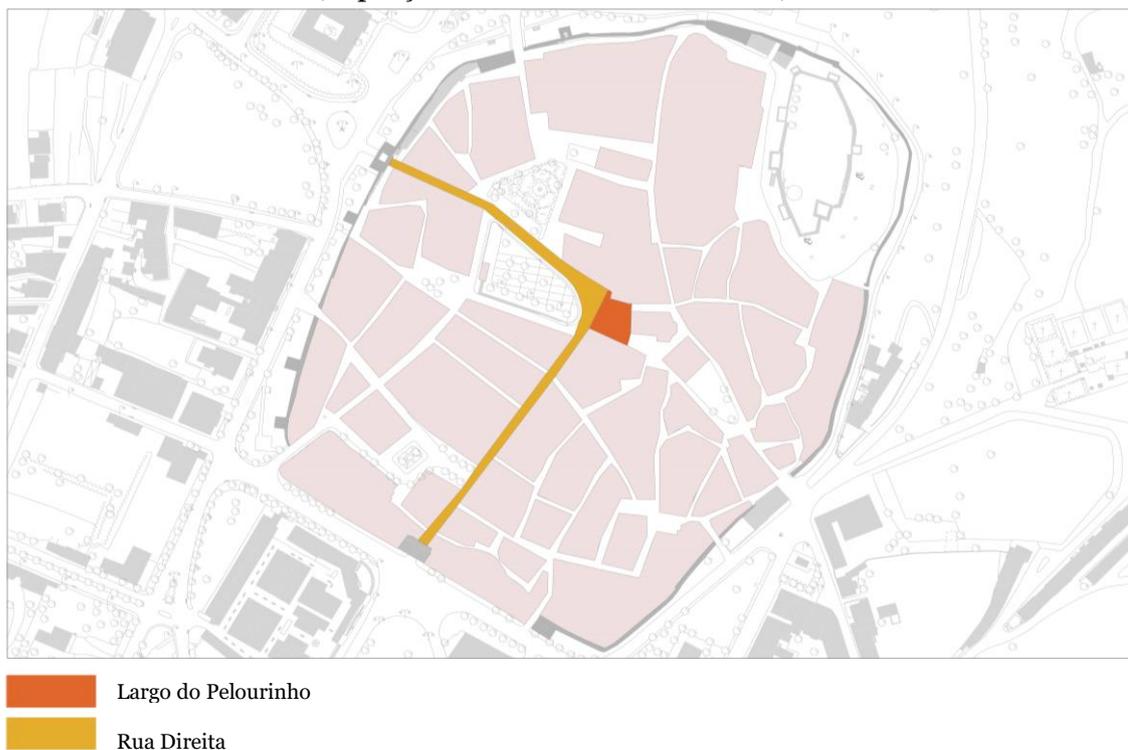


Fig. 105 Imagem de representação da rua direita que se abre num largo. Fonte: Autora, Junho de 2020.

- A Rua da Direita é cortada por ruas perpendiculares e ruas paralelas a ela.

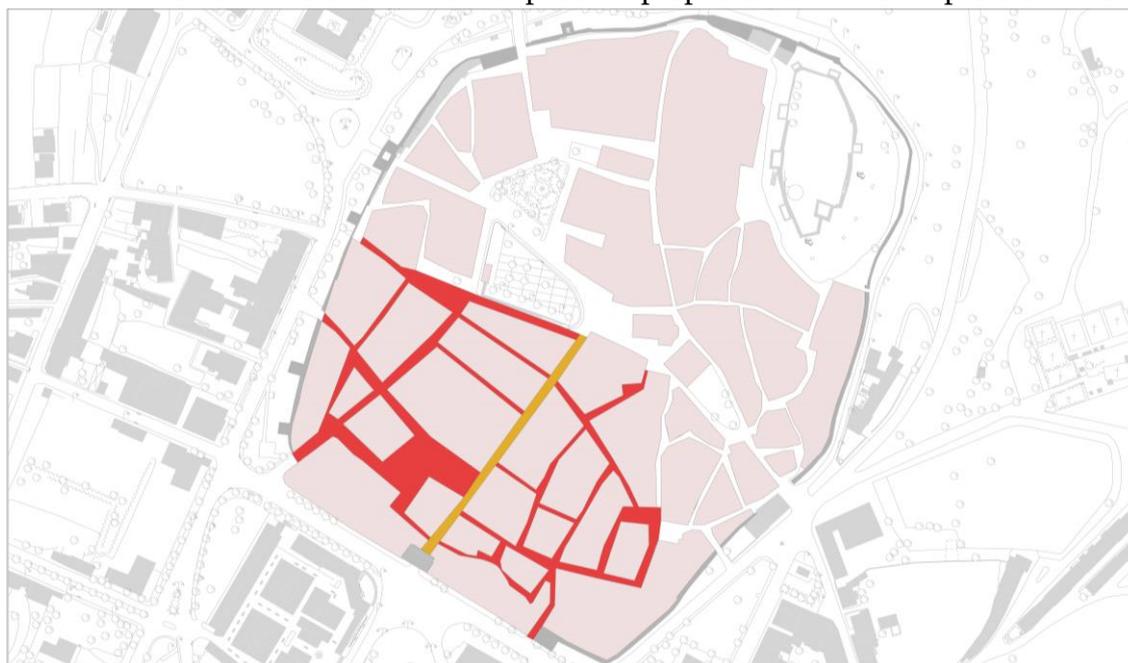


Fig. 106 Imagem de representação das ruas paralelas e perpendiculares em relação à rua direita. Fonte: Autora, Junho de 2020.

5. Aldeias Históricas

5.1. Programa de Recuperação das Aldeias Históricas de Portugal

“O Programa de Recuperação das Aldeias Históricas de Portugal é uma das intervenções mais emblemáticas no património rural do interior do país. Partindo da identificação de um conjunto dos melhores exemplos simbólicos daquilo que são as nossas mais profundas e remotas raízes aldeãs - enquanto património construído, enquanto ambientes de vida, enquanto capital de culturas partilhável pelas memórias individuais e coletivas de todos nós, este programa veio mostrar que há lugar no nosso país para uma política ativa de qualificação do “urbanismo rural”, recuperando as aldeias enquanto conjuntos simbólicos e materiais, através da valorização dos seus edifícios, dos seus monumentos, das suas praças e largos.” (CCRC, 1998, Programa das Aldeias Históricas de Portugal)

Portugal destaca-se no mundo pela sua beleza, mas sobretudo devido à sua história, à cultura, ao património, às tradições e à natureza. E por esse motivo é que é tão importante tentar preservar o mais possível, lugares com tais características.

O Programa de Recuperação das Aldeias Históricas de Portugal (PRAHP), teve e tem um papel fundamental na preservação e valorização de doze aldeias no interior da região centro do país. Trancoso, juntamente com mais onze aldeias, Marialva, Castelo Rodrigo, Almeida, Castelo Mendo, Linhares da Beira, Belmonte, Sortelha, Piódão, Castelo Novo, Monsanto e Idanha-a-Velha, fazem parte deste fundamental programa.

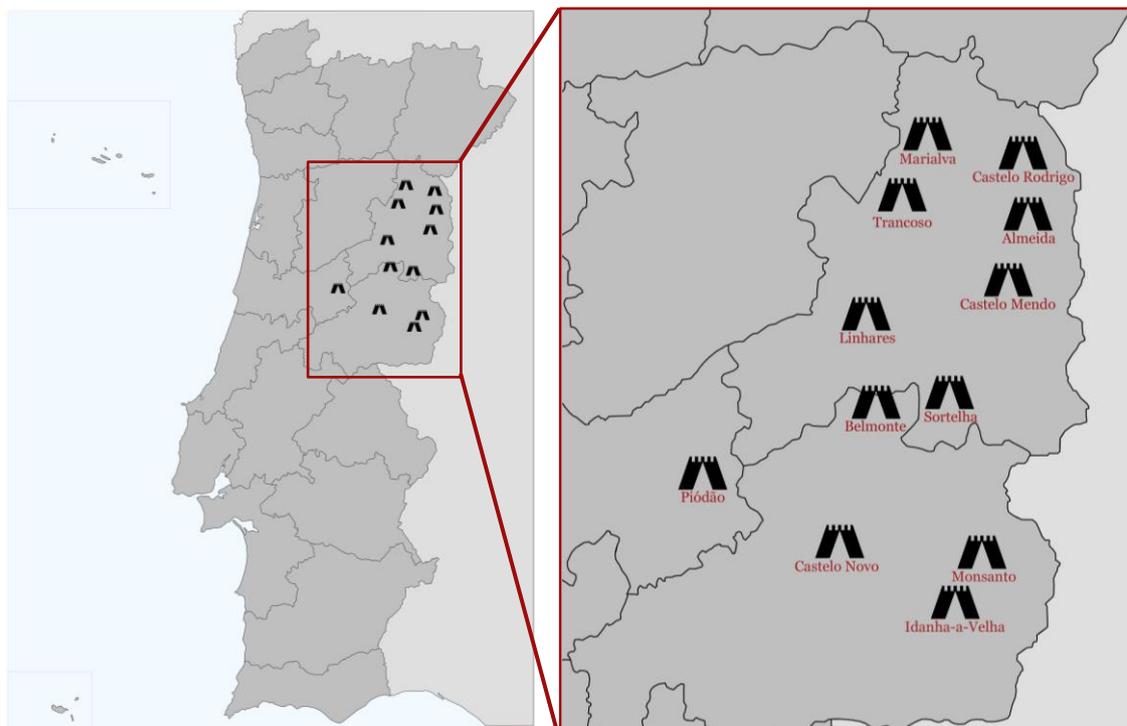


Fig. 107 Imagem de localização das Aldeias Históricas. Fonte: Autora, Abril de 2020.

Antes de surgir este programa, o PRAHP, já existia na década de 80, entre 1985-1988, o Plano Nacional de Turismo, no qual caracterizava as “aldeias típicas” como “um testemunho cultural de inegável interesse turístico” (Lousada, 2008). O PRAHP surge no âmbito do Programa do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR) através do II Quadro Comunitário de Apoio (QCA) (1994-1999), em que nesta primeira fase integraram um conjunto de dez aldeias. Mais tarde este programa foi reestruturado, dando origem ao III QCA (2000-2006), onde foram acrescentadas duas aldeias, Trancoso e Belmonte (Lousada, 2008).

O principal objetivo para a criação do PRAHP era combater ou pelo menos tentar contrariar o aumento da desertificação e destruição dos aglomerados rurais no interior de Portugal. Procurando contribuir de forma a criar novos postos de trabalho dando melhores condições económicas à população residente, mas também de alguma forma cativar os mais jovens a se fixarem e permanecerem nestas localidades. Com esta dinamização das aldeias e o aumento da autoestima da população, fez com que a economia local se desenvolvesse, promovendo assim o turismo na região (Coutinho, 2013).

Na escolha das aldeias acima referidas, foi necessário um conjunto de critérios de modo a avaliar de forma mais clara: (CCRC, 1998)

- Existência de património arquitetónico, arqueológico ou ambiental classificado;
- Unidade formal do tecido urbano e construído;

- Interesse histórico-cultural;
- Integração em percursos turísticos ou culturais temáticos;
- Índice de desertificação;
- Carência de infraestruturas turísticas.

Após a seleção das aldeias, foi necessária a ajuda de três tipos de intervenções para a implementação do PRAHP, intervenções da responsabilidade das autarquias locais e da administração central, de agentes privados e de associações ou agentes de desenvolvimento locais (Ferreira, 2011). O objetivo principal do PRAHP é a valorização do património rural, através de intervenções como: (CCRC, 1998)

- **Qualificação dos espaços públicos** – pavimentação e arranjo das praças (pelourinhos), largos e ruas, colocação de mobiliário urbano adequado;
- **Valorização do património** – recuperação de muralhas (conservação e limpeza), de alguma arquitetura militar, do edificado (intervenção nas fachadas e telhados), conservação de solares ou casas de interesse e igrejas;
- **Dinamização cultural** – criação de espaços de museu e venda de artesanato;
- **Dinamização turística** – criação de postos de turismo e de alojamento, como a construção de pousadas ou a adaptação de edifícios para turismo de habitação rural;
- **Melhoria das acessibilidades** – melhoramentos das estradas de acesso, de forma a facilitar a chegada a estes locais por vezes muito isolados dentro das aldeias, criando constrangimentos à circulação viária;
- **Dotação de infraestruturas** – remodelação de redes de abastecimento de águas, de esgotos domésticos e pluviais, enterramento das infraestruturas elétricas e de comunicações, tornando assim as aldeias habitáveis.

Este tão emblemático programa que teve um importante posicionamento ao demonstrar uma nova imagem, comprovando que estas aldeias e o mundo rural não são apenas um passado, mas talvez o futuro. O PRAHP teve nos dois quadros (II QCA e III QCA) um investimento feito num total de cerca de 44 milhões de euros, no qual 34% representa a valorização do património, 21% a reabilitação e requalificação urbana, 19% em infraestruturas de base, 12% em equipamentos direcionados ao turismo, 10% investidos em promoção e divulgação e 4% em estimulação do empreendedorismo e criação de microempresas (Ferreira, 2011).

A Rede de Aldeias Históricas teve um impacto tão relevante na valorização e preservação do património do nosso país que levou a que fossem feitas iniciativas semelhantes em mais zonas de Portugal, como as Aldeias Vinhateiras no Douro, as Aldeias de Xisto e as Aldeias do Algarve (Boura, 2004).

5.2. Intervenções efetuadas nas aldeias no âmbito do programa das Aldeias Históricas de Portugal

5.2.1. Trancoso



Fig. 108 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Trancoso.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Trancoso/@40.7783817,-7.3497252,506m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd3c938bf06d5ffd:0xdcc7aeea5a0da11!8m2!3d40.7787604!4d-7.3491442?hl=pt-PT>.

- 1-Reabilitação do Castelo e instalação de Miradouro
- 2-Requalificação do Largo Padre Francisco Ferreira
- 3-Arruamentos do Centro Histórico de Trancoso

5.2.2. Marialva

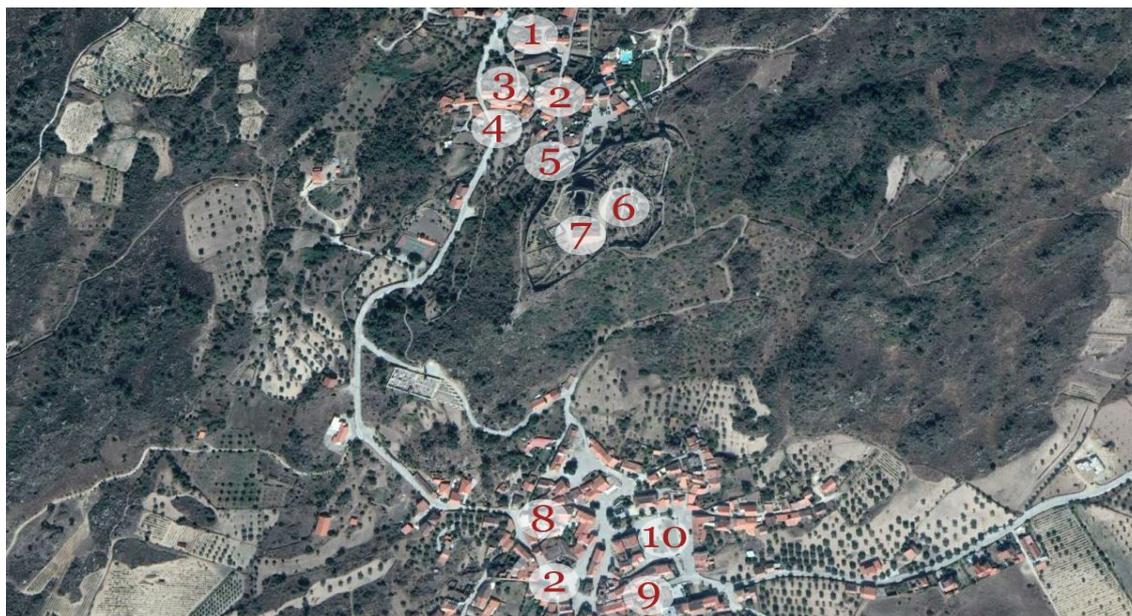


Fig. 109 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Marialva. Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Marialva/@40.9120854,-7.2677823,11179m/data=!3m2!1e3!4b!14m5!3m4!1s0xd3c856d4623af97:0x500ebbde490cbc0!8m2!3d40.9034022!4d-7.2329255?hl=pt-PT>.

- 1-Reabilitação da Igreja de São Pedro
- 2-Pavimentação de arruamentos
- 3-Reabilitação de fachadas e coberturas
- 4- Remodelação de infraestruturas – elétricas, telefónicas, tv por cabo, rede de esgotos, abastecimento de água e pavimentos
- 5-Posto de acolhimento e turismo
- 6-Qualificação e valorização do recinto interior do Castelo
- 7-Reabilitação da Igreja de Santiago e Capela do Senhor dos Passos
- 8- Remodelação de infraestruturas – elétricas, telefónicas, tv por cabo, rede de esgotos, abastecimento de água e pavimentos
- 9-Reabilitação de fachadas e coberturas
- 10-Pavimentação e beneficiação do Largo do Negrilho



Fig. 110 Igreja de São Pedro.
Fonte: Autora, Dezembro, 2019.



Fig. 111 Interior do Castelo. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/castelo-3/>.



Fig. 112 Capela Senhor dos Passos.
Fonte: Autora, Dezembro, 2019.

5.2.3. Castelo Rodrigo



Fig. 113 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Castelo Rodrigo.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Castelo+Rodrigo/@40.8683911,-6.9743996,11187m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd3c65a28ed6803b:0x500ebbde490c7d0!8m2!3d40.8628504!4d-6.9101806?hl=pt-PT>.

- 1- Reabilitação das Muralhas
- 2- Valorização do Palácio Cristóvão de Moura
- 3- Reabilitação de fachadas
- 4- Reabilitação da Igreja do Reclamador
- 5- Reabilitação de acessos
- 6- Remodelação de infraestruturas – elétricas, telefónicas e tv por cabo
- 7- Reabilitação de fachadas e coberturas
- 8- Reabilitação de acessos



Fig. 114 Igreja Reclamador.
Fonte: Autora, Dezembro, 2019.



Fig. 115 Palácio Cristóvão de Moura.
Fonte: Autora, Dezembro, 2019.



Fig. 116 Muralhas.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/muralha-seteiras-e-troneiras/>.

5.2.4. Almeida



Fig. 117 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Almeida.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Almeida/@40.7302654,-6.9392507,11210m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd3c42c12d537ed7:0x1a0c5b4f6fcb331!8m2!3d40.7254048!4d-6.9055942?hl=pt-PT>.

- 1- Reabilitação do Antigo Paiol e Casa da Guarda
- 2- Reabilitação do Hospital de Sangue
- 3- Pavimentação do troço entre a Porta Nova e a EN 332
- 4- Reabilitação de Casamatas e Baluarte S. João de Deus
- 5- Remodelação de infraestruturas - telefónicas, tv por cabo e abastecimento de água
- 6- Reabilitação do Picadeiro
- 7- Impermeabilização das Portas de Santo António e recuperação funcional das suas salas
- 8- Revitalização do espaço do castelo
- 9- Reabilitação de fachadas no centro histórico
- 10- Reabilitação de fachadas e coberturas no centro histórico
- 11- Impermeabilização das Portas de São Francisco - Sala de Armas



Fig. 118 Casamatas e Baluarte.
Fonte: Autora, Dezembro, 2019.



Fig. 119 Portas de São Francisco.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/portas-duplas-de-sao-francisco-da-cruz/>.



Fig. 120 Portas Santo António.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/portas-duplas-de-santo-antonio/>.

5.2.5. Castelo Mendo



Fig. 121 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Castelo Mendo.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Castelo+Mendo/@40.5831139,-6.9841626,11235m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd3c50768d2cd4f3:0x500ebbde490c4f0!8m2!3d40.593213!4d-6.9477532?hl=pt-PT>.

- 1- Remodelação de infraestruturas – elétricas, telefónicas, tv por cabo, rede de esgotos e abastecimento de água
- 2- Reabilitação da Igreja de São Vicente
- 3- Reabilitação da Igreja Matriz
- 4- Reabilitação de fachadas no centro histórico
- 5- Reabilitação do edifício Sede do Antigo Tribunal e Cadeia
- 6- Preservação e conservação da ruína da Igreja Santa Maria do Castelo



Fig. 122 Igreja de São Vicente.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/igreja-de-sao-viceinte/>.



Fig. 123 Sede do Antigo Tribunal e cadeia. Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/posto-de-turismo-de-castelo-mendo-museu-dos-sentidos/>.



Fig. 124 Igreja de Santa Maria do Castelo.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/ruinas-da-igreja-de-santa-maria-do-castelo/>.

5.2.6. Linhares da Beira

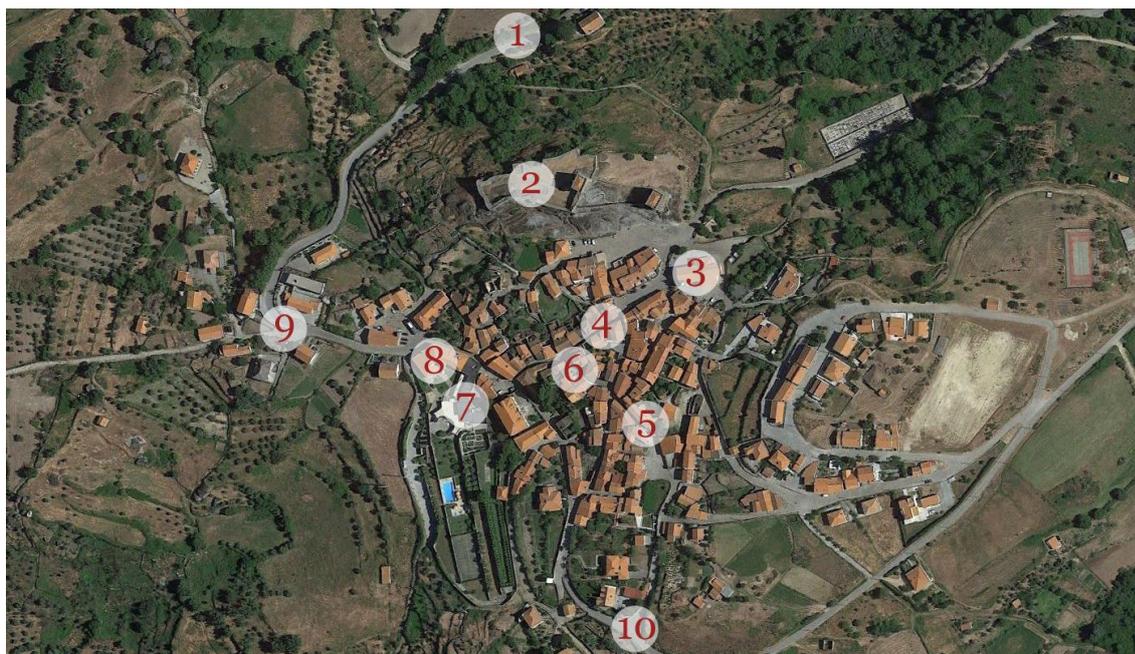


Fig. 125 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Linhares da Beira.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Linhares/@40.5430598,-7.4851988,11242m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd3cdd3f82f9f4e5:0x7faab870f7247bd7!8m2!3d40.5413627!4d-7.4543626?hl=pt-PT>.

- 1- Reparação da EN 555-3
- 2- Colocação de miradouro no Castelo
- 3- Reabilitação da Igreja Matriz
- 4- Reabilitação de fachadas e coberturas
- 5- Remodelação e ampliação da rede telefónica
- 6- Reabilitação de fachadas
- 7- Reabilitação da Casa Brandão de Melo
- 8- Adaptação a pousada do Solar Corte Real e da Casa Brandão de Melo
- 9- Reabilitação de fachadas e coberturas



Fig. 126 Igreja Matriz.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/igreja-matriz-3/>.



Fig. 127 Miradouro do Castelo.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/castelo-de-linhares/>.



Fig. 128 Solar Corte Real.

Fonte: <https://lifecooler.com/artigo/comer/inat-el-linhares-da-beira-hotel/457747>.

5.2.7. Belmonte



Fig. 129 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Belmonte.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Belmonte/@40.3356679,-7.3795817,11276m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd3d1c235ce0cdb3:0x26944f23acf8557c!8m2!3d40.351063!4d-7.3408535?hl=pt-PT>.

- 1- Reabilitação e valorização das Muralhas e do recinto interior do Castelo
- 2- Reabilitação do Largo Afonso Costa e de fachadas e coberturas
- 3- Recuperação do Solar dos Cabrais para Centro Interpretativo “À Descoberta do Novo Mundo”
- 4- Reabilitação de casas na zona histórica e de espaços públicos
- 5- Reabilitação das ruas da Misericórdia, Fonte da Rosa e Judiaria



Fig. 130 Castelo.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/castelo-de-belmonte/>.



Fig. 131 Rua da Judiaria.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/judiaria-de-belmonte/>.



Fig. 132 Solar Cabrais.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/solar-dos-cabrais-actual-biblioteca-e-arquivo-municipal/>.

5.2.8. Sortelha

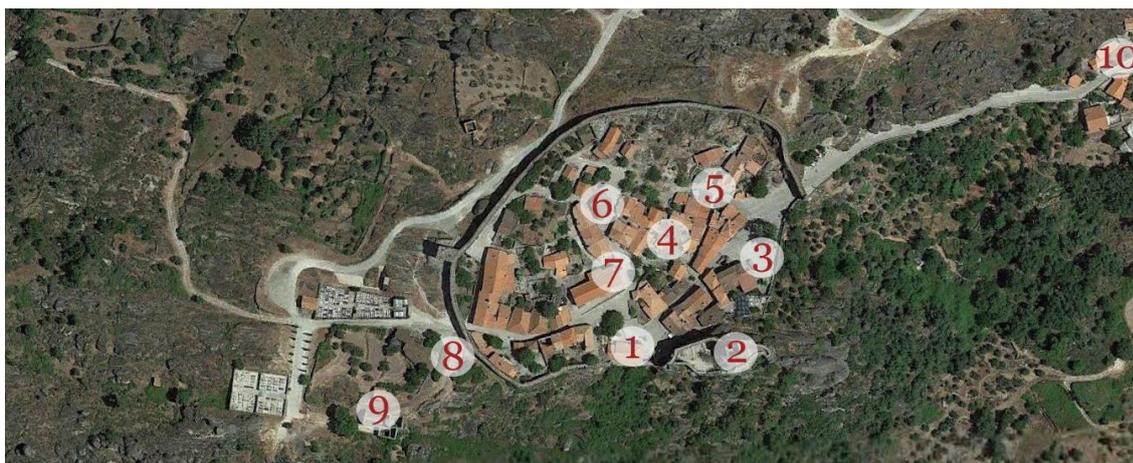


Fig. 133 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Sortelha.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Sortelha/@40.3391294,-7.2438409,11276m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd3d03839c50ee6b:0xe45e63b535d1fe!8m2!3d40.3307429!4d-7.2120311?hl=pt-PT>.

- 1- Reabilitação do Posto de Turismo e da Associação de Desenvolvimento
- 2- Reabilitação e iluminação do Castelo
- 3- Repavimentação e arranjos de largos e ruas
- 4- Remodelação de infraestruturas - elétricas, telefónicas, tv por cabo, rede de esgotos, abastecimento de água
- 5- Construção de infraestruturas – fossa séptica
- 6- Reabilitação de fachadas e coberturas
- 7- Reabilitação da Igreja Matriz
- 8- Reabilitação do caminho do Covelo, envolvente da Porta Nova e Igreja de Santa Rita
- 9- Reabilitação da ruína da Igreja de Santa Rita
- 10- Reparação da EN 542



Fig. 134 Castelo.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/castelo-e-muralhas-ahp-sortelha/>.



Fig. 135 Igreja Matriz.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/igreja-matriz-na-senhora-das-neves/>.



Fig. 136 Posto de Turismo.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/posto-de-turismo-de-sortelha/>.

5.2.9. Piódão

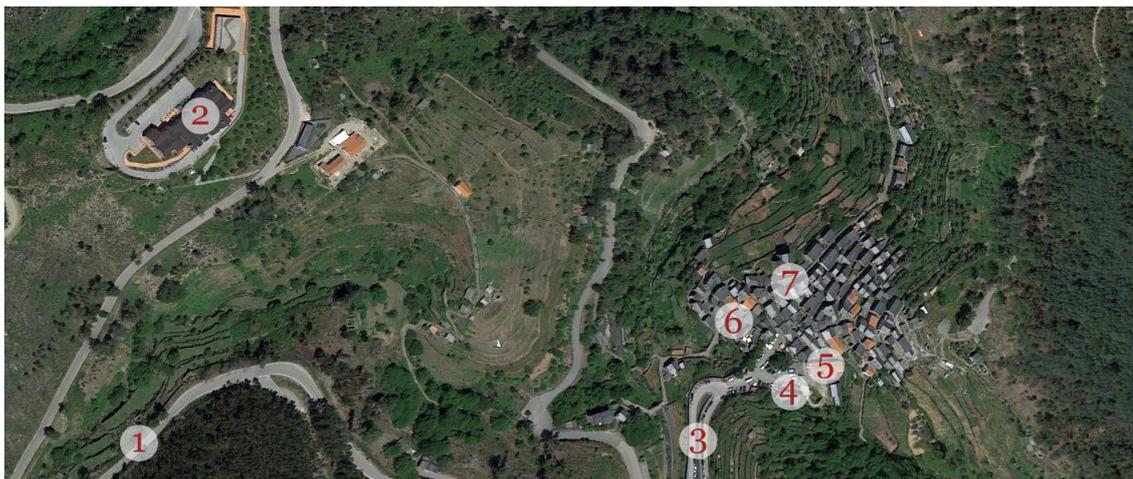


Fig. 137 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Piódão.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Piod%C3%A3o/@40.2301688,-7.8282761,706m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd22d2f4ef704027:0xfa91134a1fba34fe!8m2!3d40.2295651!4d-7.8251897?hl=pt-PT>.

- 1- Reparação dos acessos
- 2- Construção da Pousada do Piódão
- 3- Estacionamento e acessos
- 4- Transformação de um edifício em Posto de Turismo
- 5- Reabilitação da Igreja Matriz
- 6- Remodelação de infraestruturas – rede de esgotos e ETAR
- 7- Reabilitação de imóveis



Fig. 138 Pousada de Piódão.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/aldeia/piodao/>.

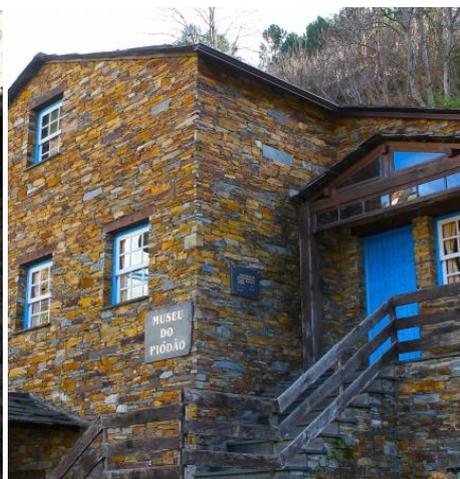


Fig. 139 Posto de Turismo.
Fonte: <https://partiupepomundo.com/o-que-fazer-em-piodao/>.



Fig. 140 Igreja Paroquial.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/igreja-matriz-2/>.

5.2.10. Monsanto

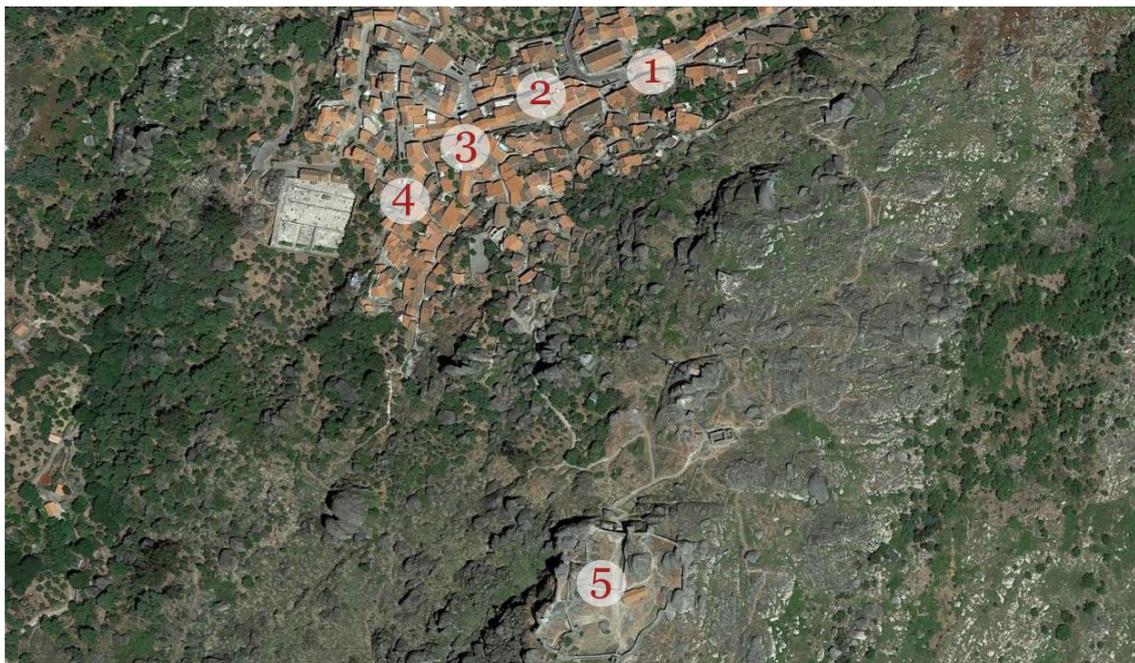


Fig. 141 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Monsanto.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Monsanto/@40.0043842,-7.1655168,22663m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd3d75bd5000d04d:0x824a112737bb26!8m2!3d40.0388745!4d-7.115065?hl=pt-PT>.

- 1- Pavimentação de ruas
- 2- Remodelação de infraestruturas – pavimentos
- 3- Reabilitação de fachadas e coberturas
- 4- Limpeza e conservação de estruturas urbanas públicas
- 5- Reabilitação do Castelo e Muralha



Fig. 142 Edifícios da aldeia.
Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/aldeia/monsanto/>.



Fig. 143 Muralhas.
Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/wp-content/uploads/2018/12/monsanto-8.jpg>.



Fig. 144 Castelo.
Fonte: <https://pt.foursquare.com/v/castelo-de-monsanto/50e1bb98e4b01ebc69f7fef7/photos>.

5.2.11. Castelo Novo



Fig. 145 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Castelo Novo.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Castelo+Novo/@40.0504308,-7.5321562,22648m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xd3d3f650d184429:0xfc1a24e6cd2c4497!8m2!3d40.0778556!4d-7.4965463?hl=pt-PT>.

1- Reabilitação da Igreja Matriz

2- Remodelação de infraestruturas – elétricas, telefónicas, tv por cabo, rede de esgotos e abastecimento de água

3- Reabilitação do edifício dos Antigos Paços do Concelho

4- Reabilitação de fachadas, coberturas e espaços públicos



Fig. 146 Paços do Concelho.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/antiga-casa-da-camara-pacos-do-concelho/>.



Fig. 147 Igreja Matriz.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/igreja-matriz-igreja-de-nossa-senhora-da-graca/>.



Fig. 148 Casas da aldeia.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/aldeia/castelo-novo/>.

5.2.12. Idanha-a-Velha

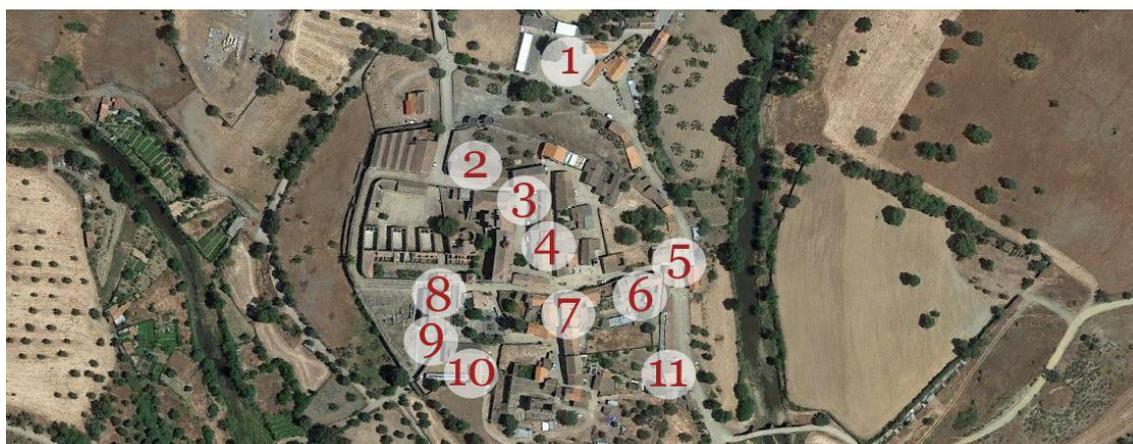


Fig. 149 Imagem de localização das intervenções efetuadas em Idanha-a-Velha.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Idanha-a-Velha/@39.9961283,-7.1447247,4705m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd3d766c9d61e40f:0xa9e1ff8e15c3ea5d!8m2!3d40.0014856!4d-7.1520926?hl=pt-PT>.

- 1- Reabilitação da Praça do Espírito Santo
- 2- Reabilitação de edifício para Centro de Interpretação
- 3- Reabilitação de construções e espaços de interesse patrimonial
- 4- Reabilitação da Igreja Matriz
- 5- Reabilitação de calçadas romanas
- 6- Recuperação de fachadas e coberturas
- 7- Transformação de um edifício em Posto de Turismo
- 8- Recuperação da Sé Catedral
- 9- Reabilitação da cobertura do Batistério e arranjo da envolvente
- 10- Reabilitação do Lagar de Varas e musealização e cobertura do logradouro
- 11- Reabilitação dos Palheiros de S. Dâmaso



Fig. 150 Igreja Matriz.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/igreja-de-santa-maria-se-catedral/>.



Fig. 151 Sé Catedral.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/igreja-matriz-idanha/>.



Fig. 152 Sé Catedral.

Fonte: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/capela-de-sao-damaso/>.

Parte III – Presente

1. Enquadramento geral da cidade

Situado no topo de um planalto, a partir do qual se avista um vasto território entre a serra da Estrela e o vale do Douro, Trancoso, contrasta a sua tranquilidade agora vivida com as memórias dos sobressaltos e temores vividos pelos antepassados (Consultado em Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.aldeiahistoricasdeportugal.com/aldeia/trancoso/>).



Fig. 153 Castelo de Trancoso. Fonte: Autora, Abril de 2019.

O concelho de Trancoso situa-se na região centro do país, mais concretamente, na Beira Interior Norte. No que diz respeito à localização, a norte, faz fronteira com os concelhos de Mêda e Penedono, distrito de Viseu, a este com o concelho de Pinhel, a sul com os de Fornos de Algodres e Celorico da Beira e, por fim, a oeste com os de Aguiar da Beira e Sernancelhe, também distritos de Viseu. Trancoso faz parte do distrito da Guarda juntamente com mais 14 concelhos.

A aproximadamente 900 metros de altitude, a cidade de Trancoso, encontra-se estrategicamente posicionada, concedendo-lhe não só um poder defensivo extremamente importante, mas também um bom domínio visual, o que ajudou em muito ao longo de toda a Idade Média, nos conflitos e guerras vencidas. O Dicionário Enciclopédico das Freguesias (1997) citado por (Gregório, 2009, pág.62) faz a descrição perfeita da localização desta terra.

“...rivalizando com a paisagem altiva, majestosa, agreste, soberba de contrastes e belezas, da Beira Alta, ergue-se na sua imponência medieval, sobre um planalto que domina um vasto horizonte, a pitoresca vila de Trancoso, padrão augusto e fiel de séculos áureos de conquistas e vitórias. Já era velha quando Portugal nasceu, mas a história arquivou pelos tempos, feitos ricos de heroísmo, que são o orgulho deste burgo, relicário místico de lendas, profecias e devoções seculares. A par da sua curiosidade histórica, apresenta um panorama surpreendente, que se avista por muitas léguas em redor, tocando terras de Espanha”.

Estas características tão marcantes da cidade foram determinantes para a fixação humana, mesmo antes de Portugal nascer já muita história tinha passado por estas terras. Ao longo dos anos o núcleo urbano, existente em redor do centro histórico de Trancoso, foi crescendo ao longo dos eixos viários que atravessam a União de Freguesias de Trancoso (Santa Maria e São Pedro) e Souto Maior, dando-lhe assim um formato alongado.

Trancoso apresenta um clima com grandes amplitudes térmicas, com verões muito secos e quentes, onde as temperaturas chegam com frequência acima dos 30°, pelo contrário, os invernos são muito rigorosos, com temperaturas que chegam muitas vezes abaixo dos 0°. Em todas as regiões de grande altitude é comum apresentarem um clima muito semelhante, com grandes extremos de temperaturas.

Ao longo do tempo, muito se tem imaginado sobre a origem do nome Trancoso, mas até aos dias de hoje ninguém sabe ao certo como surgiu, porém, existem pelo menos duas histórias mais conhecidas, ambas com origem mitológica. No entanto, nem tudo será inventado, numa das explicações o nome parte de “troncoso”, ou seja, o nome surge pelo facto de que nesta região existe árvores de grande dimensão. No centro histórico da cidade é possível observar a “Tília Grande de Trancoso”, que foi classificada como interesse público. A outra explicação, conta que a cidade terá sido fundada por um emissário vindo do Egipto ou Etiópia, de seu nome Tarracon, e assim deu origem ao

nome Trancoso. Encontram-se também na Europa e até mesmo em Portugal nomes de cidades e localidades semelhantes ou até mesmo iguais, como Tarragona, Tarascon...

Tal como na maioria das cidades do interior de Portugal, Trancoso, apresenta um decréscimo do número de habitantes ao longo dos anos. Relativamente aos censos de 1981 a 2011, pode-se observar que o concelho perdeu cerca de 3221 habitantes entre estes anos, como se pode analisar no (gráfico 1), exposto pelo Diagnóstico Social do município de Trancoso (2018).

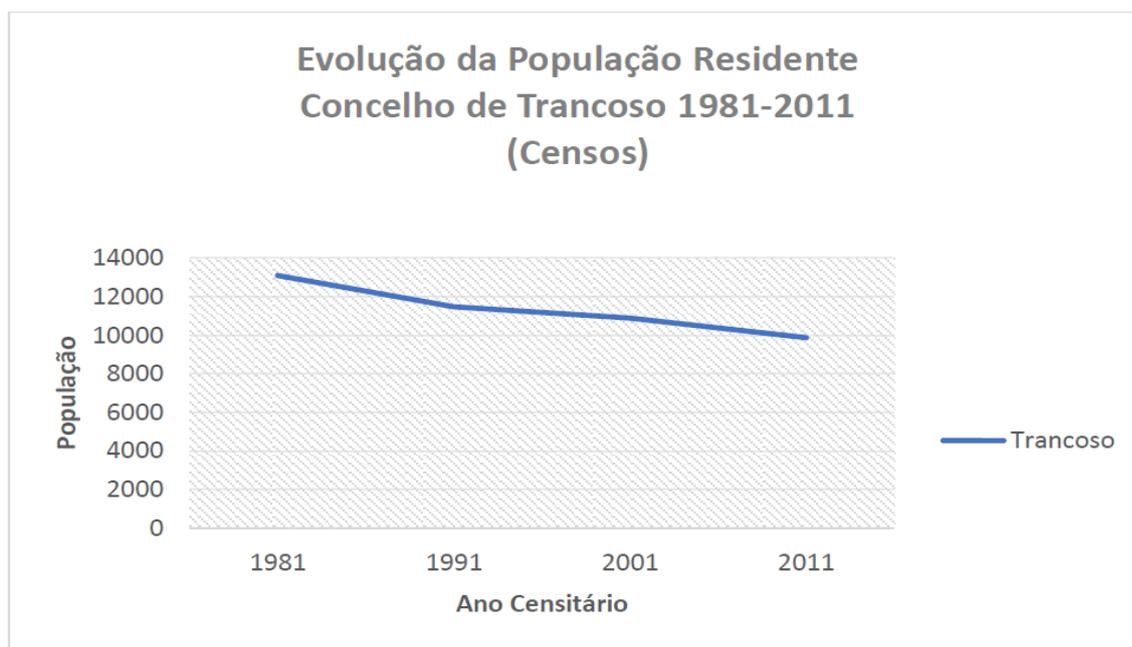


Gráfico 1 Evolução da População Residente – Trancoso 1981-2011. Fonte: INE – Censos da População 1981, 1991, 2001 e 2011.

Um dos motivos mais fortes que o interior apresenta para a diminuição progressiva da população são as carências estruturais, tecnológicas e a falta de investimento económico e social, fazendo assim com que as populações jovens e adultas optem por zonas urbanas no litoral, onde há muito mais para oferecer.

2. Análise Morfologia

Esta vila medieval coberta de infinitas histórias, lendas e contos já não é a imagem que outrora foi, no qual foi palco de conflitos e guerras entre cristãos e muçulmanos onde a insegurança era constante, contrastando assim com a imagem de hoje, serena e calma, no alto do seu planalto, Trancoso deixou guardado ao longo dos tempos todos esses segredos cravados entre paredes, ruas e ruelas.

Conhecida pelo vasto património histórico, cultural e arquitetónico, é possível visitar na cidade vários monumentos de arquitetura civil, militar e religiosos, tais como as muralhas e o castelo, as belas igrejas e capelas dentro e fora das muralhas, o Palácio Ducal, a antiga Judiaria onde se encontra a casa do Gato Preto, os Paços do Concelho e o Pelourinho. Todos estes monumentos têm um grande valor histórico e cultural, por esse motivo, Trancoso entrou para a rede das Aldeias Históricas de Portugal.

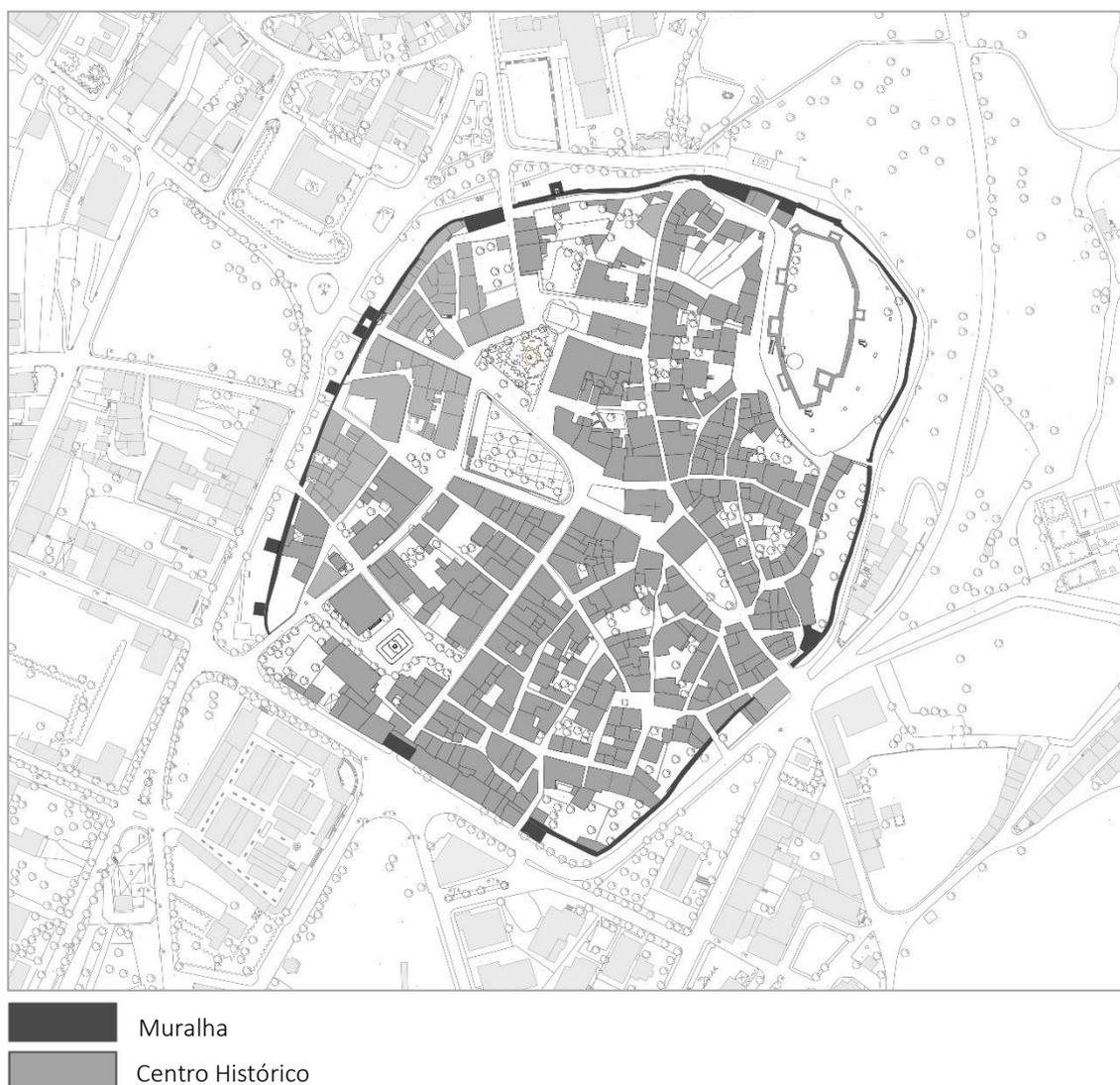


Fig. 157 Imagem de localização do centro histórico e muralha. Fonte: Autora, 2019.

Desde 2003, juntamente com mais 11 locais, Almeida, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Marialva, Monsanto, Piódão e Sortelha, Belmonte, Trancoso faz parte da rede de Aldeias Históricas de Portugal. Este programa tem como objetivo a recuperação do património edificado de reconhecido valor histórico, patrimonial e cultural, promover iniciativas de animação cultural e divulgar o património de forma estimular o aumento do turismo e desta forma contribuir para a melhoria da qualidade de vida local.

No entanto, e mesmo depois da recuperação destas aldeias históricas, a cada dia que passa é visível o decréscimo da população no interior. São terras que vão ficando ao abandono, onde maioritariamente a população que fica é a mais idosa. Por consequência surgem grandes problemas a nível de desenvolvimento económico e social destas aldeias com tanto valor.

E por isso é necessário investir e criar incentivos para que a população mais jovem possa voltar para o interior de Portugal. Criando parcerias com organismos públicos e privados, oferecendo assim novas oportunidades, novos postos de trabalho e também apoios para que os mais jovens possam abrir pequenas empresas nestes locais. Só com esta evolução será possível que estas aldeias fiquem mais atrativas e dinâmicas, fazendo com que chame mais pessoas e assim aumentar o turismo na zona interior do país.

Assim sendo, e de forma a perceber melhor como é constituído o centro histórico e as suas carências, mostrou-se necessária uma análise mais elaborada dos elementos que a constituem. Deste modo perceber o tipo de função de cada edifício, o seu estado de conservação, os tipos de matérias mais utilizados, o número de pisos...

2.1. Acessos e vias

O acesso ao centro histórico é bastante fácil, em volta existem várias vias de circulação que levam quem chega ao núcleo amuralhado. Trancoso é atravessado pela estrada N226, que passa mesmo junto ao centro histórico, com se pode ver na imagem seguinte, representado a salmão com um tracejado a preto. A verde estão representadas as ruas principais e amarelo as pedonais.



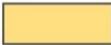
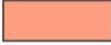
-  Vias para peões
-  Vias principais no centro histórico
-  Vias principais de acesso ao centro histórico
-  N 226

Fig. 158 Imagem das principais vias circulação dentro e fora do centro histórico. Fonte: Autora, 2019.

2.2. Tipos de pavimento

Ao longo dos anos o município de Trancoso tem melhorado o aspeto da cidade, tornando-a mais apelativa e de mais fácil mobilidade, não só para os turistas que visitam a cidade, mas também para os seus residentes. O piso do centro histórico foi praticamente todo alterado, passando de calçada à portuguesa para calçada à fiada, deixando as ruas com um aspeto mais cuidado e mais acessível, sem esquecer as influências do passado. Nos dias de hoje, ainda é possível pisar meia dúzia de ruas com a típica calçada à portuguesa, e também à entrada das muralhas nas Portas d' El Rei encontra-se uma antiga calçada medieval, o último fragmento existente dentro do centro histórico.

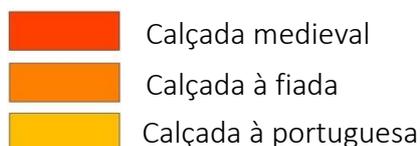


Fig. 159 Imagem dos diferentes tipos de pavimento. Fonte: Autora, 2019.

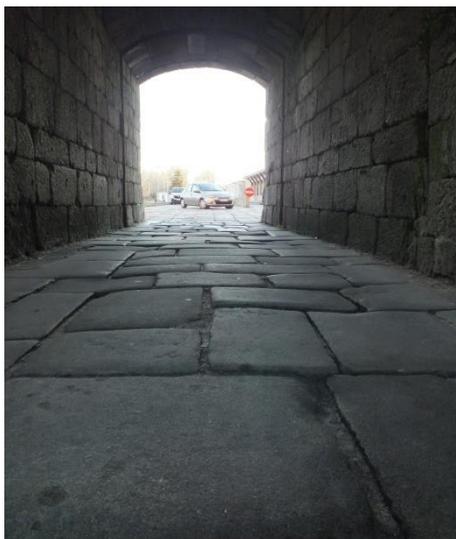


Fig. 159 Calçada medieval. Fonte: Autora, 2019.

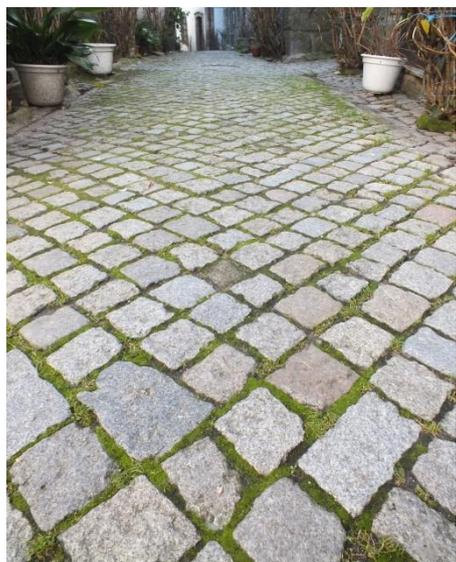


Fig. 160 Calçada à fiada. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 161 Calçada à portuguesa. Fonte: Autora, 2019.

2.3. Espaço não edificado

Do mesmo modo que outras cidades medievais, Trancoso fundou-se devido ao seu posicionamento estratégico, mantendo a terra defendida e dando assim condições de segurança para que o povo se pudesse fixar.

A vila medieval foi-se formando depois da construção do castelo, na qual as habitações se foram construindo em volta do mesmo, que por sua vez, o castelo e as habitações foram rodeadas por uma muralha com o intuito de manter o território protegido. Mais tarde essa mesma muralha foi aumentada devido ao extravasamento dos limites da estrutura.



Espaço não edificado

Fig. 162 Imagem da representação do espaço não edificado. Fonte: Autora, 2019.

Os principais espaços públicos do centro histórico desenvolvem-se em torno de edifícios religiosos, praças e largos junto a edifícios de maior interesse público, como a Praça Dom Dinis, o Pelourinho de Trancoso, o Largo Luís de Albuquerque, o Largo de Santa Maria de Guimarães e o Largo Eduardo Cabral.

Estes espaços são marcados pela sua dimensão. Como no caso do Largo Eduardo Cabral que tem bancos em madeira e alguma vegetação de pequeno e médio porte, no entanto, é um espaço que apresenta alguns problemas, entre eles, o abandono e descuido do espaço. Outro largo que aponta alguns problemas é o Largo Luís de Albuquerque que foi recentemente reabilitado, em que foi organizado o espaço de passagem de automóveis, a zona de pões e a zona de estacionamento, no entanto não é respeitado pelos automobilistas.



Fig. 163 Largo Dr. Eduardo Cabral. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 164 Largo Luís de Albuquerque. Fonte: Autora, 2019.

Devido à pouca existência de estacionamentos dentro do centro histórico, o espaço público tem sido tomado pelo automóvel. As ruas estão quase todas apinhadas de carros, sem qualquer preocupação, os automóveis, são estacionados em frente a portas, junto a igrejas e edifícios mais relevantes, muitas vezes dificultando a passagem de outros automóveis e até mesmo de pessoas. Este tipo de comportamento deixa de uma certa forma o centro histórico descuidado, passando uma imagem de desrespeito por parte da população.



Fig. 165 Espaço público tomado pelos automóveis. Fonte: Autora, 2019.

É de salientar, que apesar de só haver passeios nas principais artérias do centro histórico, existe alguma preocupação em distinguir a zona de passagem de automóveis (facha de rodagem) da zona de passagens de peões (berma). Podemos observar isso mesmo em algumas das ruas e ruelas dentro do coração de Trancoso.



Fig. 166 Rua Xavier da Cunha. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 167 Rua do Açougue. Fonte: Autora, 2019.

Concluindo, o problema mais evidente dentro do centro histórico é o excesso de carros, o estacionamento é feito de forma desordenada e em alguns locais não é respeitada a sinalização presente na via pública. Outro dos problemas é a reduzida existência de arborização. Por esse facto na recente reabilitação do Largo Luís de Albuquerque foi introduzida uma zona verde.

De realçar que existe uma grande preocupação em renovar os espaços existentes. Praticamente toda a calçada foi renovada e também alguns dos largos e praças foram reabilitados. No entanto, ainda existe algum trabalho para se fazer nesse sentido, como é o caso do Pelourinho de Trancoso que é delimitado por blocos em pedra e correntes. Este espaço do século XVI merece outro tipo de tratamento, entre outros espaços.

É de notar também o cuidado existente na boa iluminação. Todo o centro é dotado de candeeiros em grande quantidade, todos eles em bom estado de conservação. Por outro lado, existe alguma carência de mobiliário urbano, como bebedouros, floreiras, estacionamentos, grelhas, entre outros.

No entanto, é possível ver que existe uma grande preocupação em evoluir, tornando o centro histórico da cidade de Trancoso mais acessível a todos e apelativo para os que vêm de fora, mas também para os que fazem parte da cidade.

2.4. Espaço Edificado

Após feito o estudo no centro histórico da cidade, conclui-se que existe alguma variedade de tipos de edifícios. Alguns em maior quantidade que outros, existem edifícios de habitação, de comércio, serviços e indústria. No entanto, alguns desses edifícios construídos que seriam destinados para habitação são utilizados para outras funções, tal como, para serviços.

No decorrer da análise consegue-se perceber que a maioria dos edifícios presentes dentro das muralhas é de habitação, que em muitos casos ao longo das ruas é possível ver que não são cumpridas as normas de construção, de revestimento e acabamentos ditadas no Plano de Pormenor e Salvaguarda do centro histórico de Trancoso. A destacar, existem edifícios com estores e portadas exteriores, portas de entrada de habitação em alumínio, portas e caixilhos em diferentes matérias que imitam madeira, guardas de varandas em vidro e ferro que não são pintadas às cores determinadas no regulamento, fachadas revestidas a madeira, caixilharia com acabamento brilhante e paredes de blocos em granito com juntas de argamassa pintadas a branco. Entre tantas normas não cumpridas, estas são as mais evidentes e que de alguma forma fazem com que se quebre a identidade desta aldeia histórica.



Fig.168 Fachada revestida a madeira. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 169 Portas e janelas a imitarem madeira. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 170 Paredes de blocos em granito com juntas de argamassa pintadas a branco. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 171 Edifícios com estores exteriores. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 172 Edifícios com portadas exteriores. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 173 Edifícios com portas em alumínio. Fonte: Autora, 2019.

É importante perceber que todos os dias as formas de construção e os materiais usados vão evoluindo e vão aparecendo soluções novas e melhores, mas também é importante perceber que devemos preservar o máximo possível do que já temos nestes espaços e não deixar que esta modernização de matérias, acabamentos e formas de construção levem à descaracterização deste tipo de aldeias. E por isso, é necessário cumprir com o plano de pormenor e salvaguarda. Estes planos sevem como regra, para manter estes locais o mais fiel à sua origem e não deixarem que estas características tão marcantes se percam no tempo.

2.5. Funções do Edificado

No percorrer do centro histórico determinou-se a função do edificado, podemos encontrar, habitação, comércio, serviços, indústria, entre outros.

Face à análise feita, concluiu-se, que uma grande parte do edificado tem como função habitacional, com uma percentagem de 73% dos edifícios. Os serviços são a segunda função em maior percentagem, nunca chegando ao nível da habitação, com 14%, tendo o comércio e uma indústria a menor percentagem, respetivamente, 13% e > 1%. Sendo que na maioria dos casos, os edifícios com função de comércio e ou serviços estão localizados no rés do chão nos edifícios de habitação. A indústria é a função menos presente no centro histórico e tem tendência a que desaparecer.

Face aos resultados obtidos, conclui-se que é necessário continuar a manter este tipo de atividades, como o comércio e serviços, para garantir que o centro se mantenha vivo, mas também para que a população se fixe, pois sem a população a aldeia histórica só viveria do turismo.

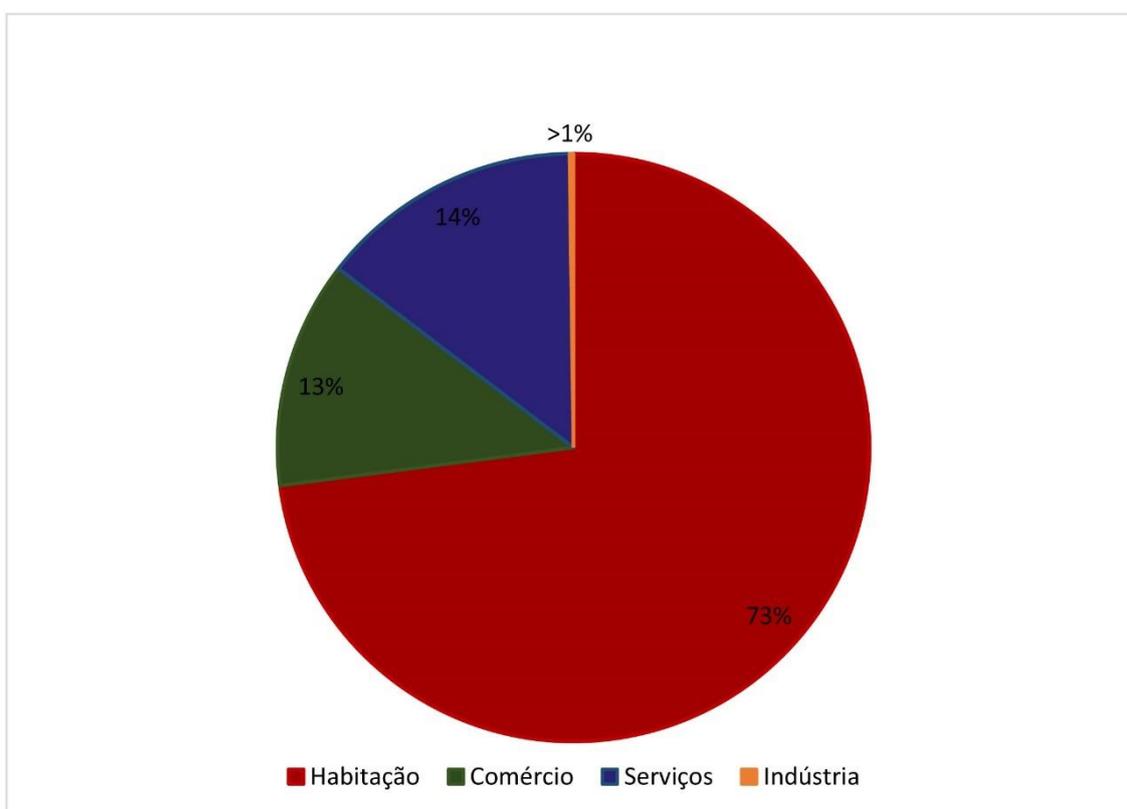


Gráfico 2 Percentagem de cada função do edificado. Fonte: Autora, 2019.

2.5.1. Função – Habitação



Fig. 174 Imagem de representação dos edifícios que são habitação. Fonte: Autora, 2019.

2.5.2. Função – Comércio



Comércio

Fig. 175 Imagem de representação dos edifícios que são comércio. Fonte: Autora, 2019.

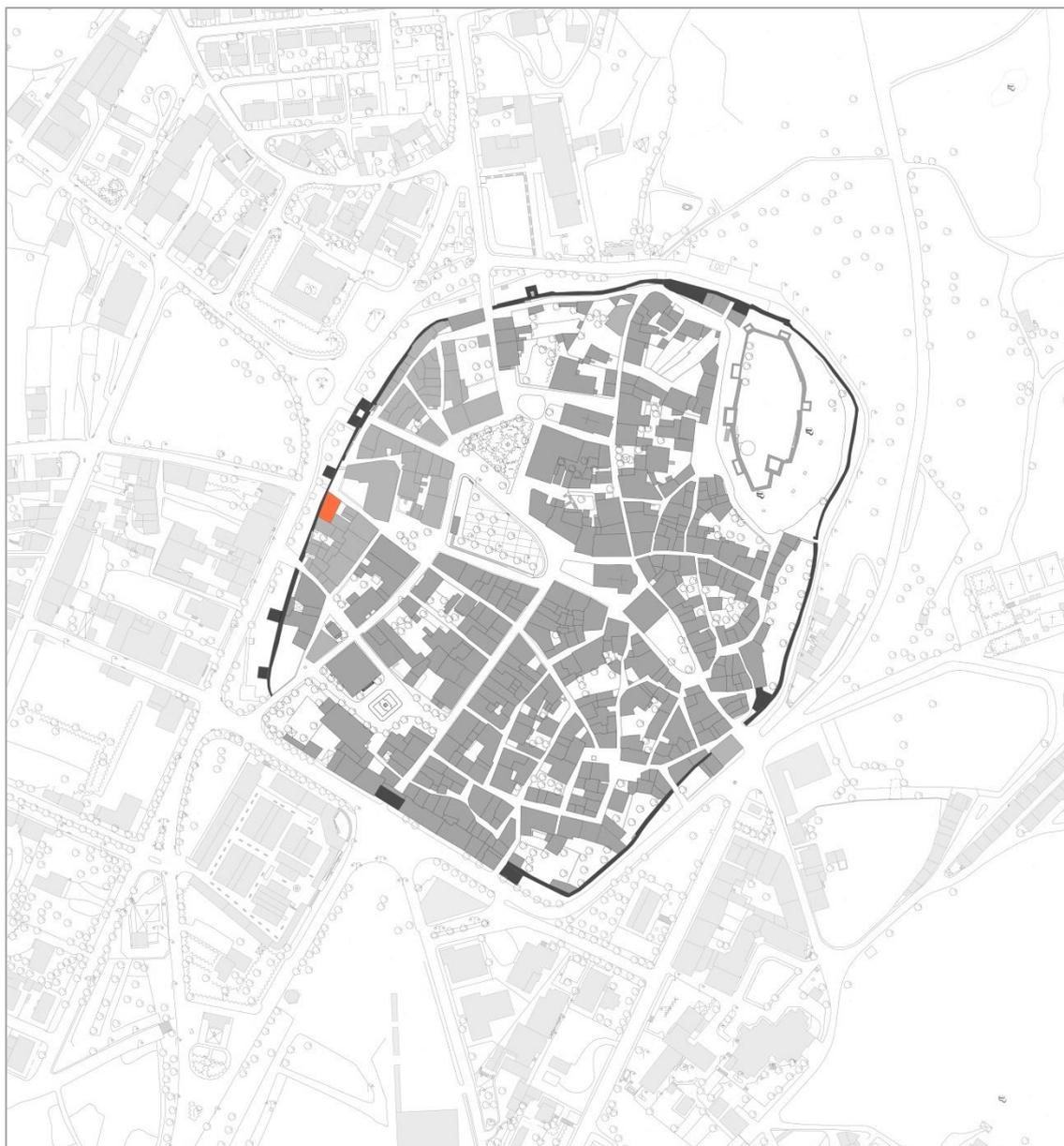
2.5.3. Função – Serviços



 Serviços

Fig. 176 Imagem de representação dos edifícios que são serviços. Fonte: Autora, 2019.

2.5.4. Função – Indústria



 Indústria

Fig. 177 Imagem de representação dos edifícios que são indústria. Fonte: Autora, 2019.

2.6. Altura do Edificado

Depois do estudo feito à função do edificado, analisou-se a sua cêrcea. E encontrou-se uma grande variedade de alturas nos edifícios. No interior das muralhas é possível ver edifícios que vão de 1 a 4 pisos. No entanto, a grande maioria dos edifícios que constitui este centro histórico tem 2 pisos, como se pode ver na imagem seguinte. Também se pode observar que a rua principal é maioritariamente constituída por edifícios com 3 pisos. Edifícios de 4 pisos é o número menos recorrente, tendo apenas 4 edifícios em todo o centro.

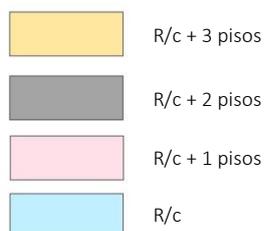
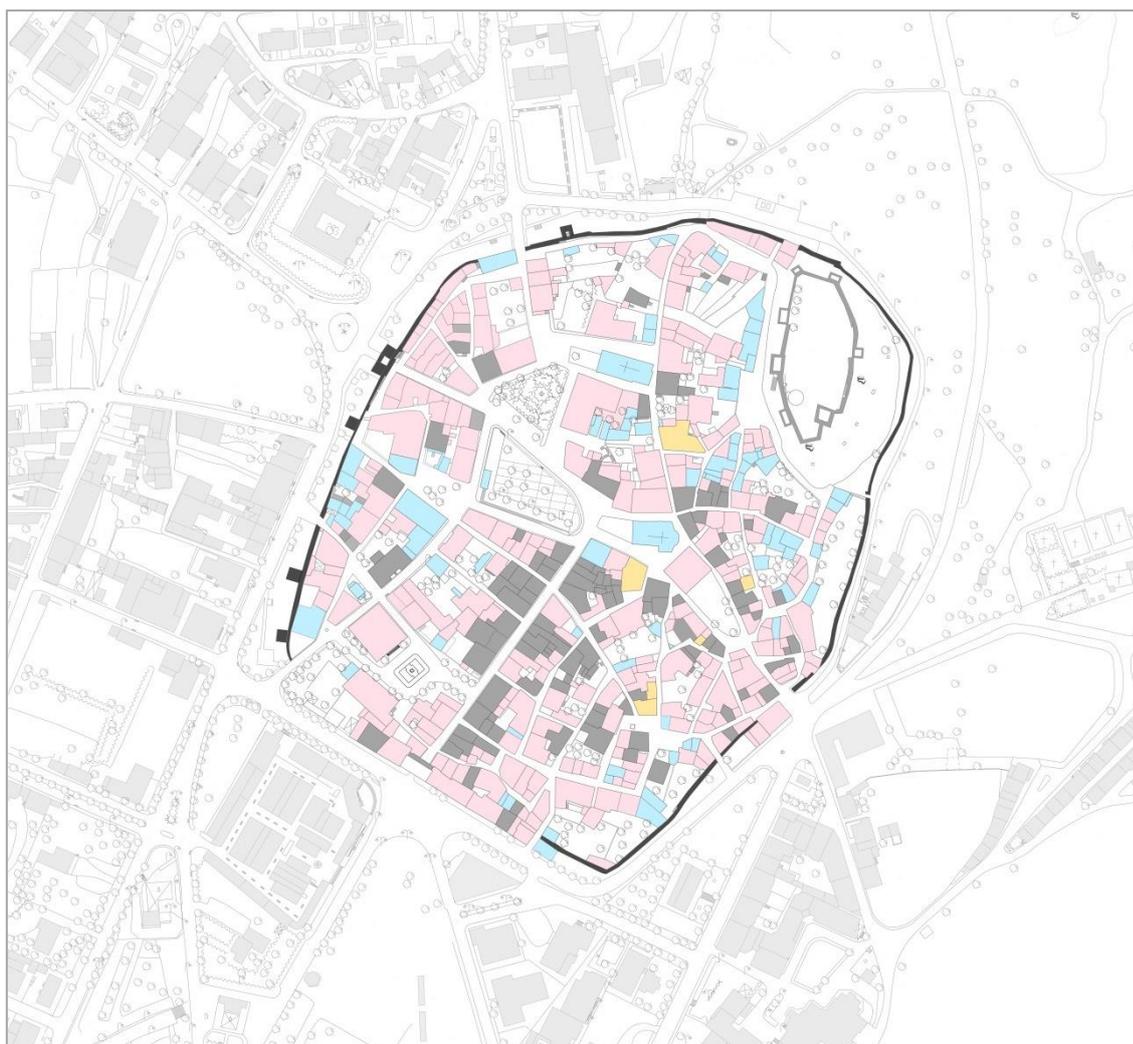


Fig. 178 Imagem de representação do número de pisos de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.

2.7. Materiais de Construção

Neste ponto analisou-se os diferentes tipos de materiais de portas e janelas, mas também os materiais de revestimento das paredes dos edifícios e quais os materiais mais presentes nas portas, janelas e paredes do centro histórico.

Trancoso localiza-se numa zona rica em granito, e por isso muitas das construções presentes no centro da cidade são construídas em blocos de granito, no entanto, ao longo dos anos alguns desses edifícios foram reabilitados e com a modernização perderam um pouco da sua essência.

Em todo o centro pode-se encontrar edifícios cujo o seu revestimento é feito em azulejo ou em reboco, mas também, e sendo o mais original, em blocos de granito. Embora observando o gráfico seguinte pode-se perceber que o material mais presente no edificado são as paredes revestidas em reboco. Em alguns casos existem edifícios com diferentes tipos de revestimento no mesmo edifício, em blocos de granito e reboco. Este tipo de situações provavelmente são fruto de reabilitações e ou ampliações. O revestimento em azulejo só existe em dois edifícios, pois não é uma técnica característica desta região. No caso das portas o material mais presente é a madeira, existindo também portas em alumínio, ferro ou vidro. Contrariamente com as portas, o material mais usado em janelas é o alumínio, tendo também janelas em madeira ou ferro.



Fig. 179 Edifício em blocos de granito. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 180 Edifício revestido a reboco. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 181 Edifício revestido a azulejo. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 182 Edifício revestido a blocos de granito e reboco. Fonte: Autora, 2019.

2.7.1. Material revestimento do edificado



Fig. 183 Imagem de representação do tipo de material da fachada de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.

2.7.2. Material das portas



Fig. 184 Imagem de representação do tipo de material das portas de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.

2.7.3. Material das janelas

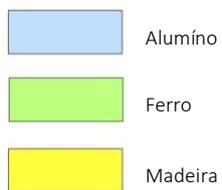


Fig. 185 Imagem de representação do tipo de material das janelas de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.

2.8. Estado de conservação

Outro ponto bastante importante para a análise feita, foi perceber em que estado de conservação se encontra o edificado. A análise baseou-se no estado das fachadas, janelas, portas e cobertura, tentando perceber em 4 níveis (bom estado, estado razoável, mau estado ou ruína) da realidade do estado de conservação do edificado do centro histórico.

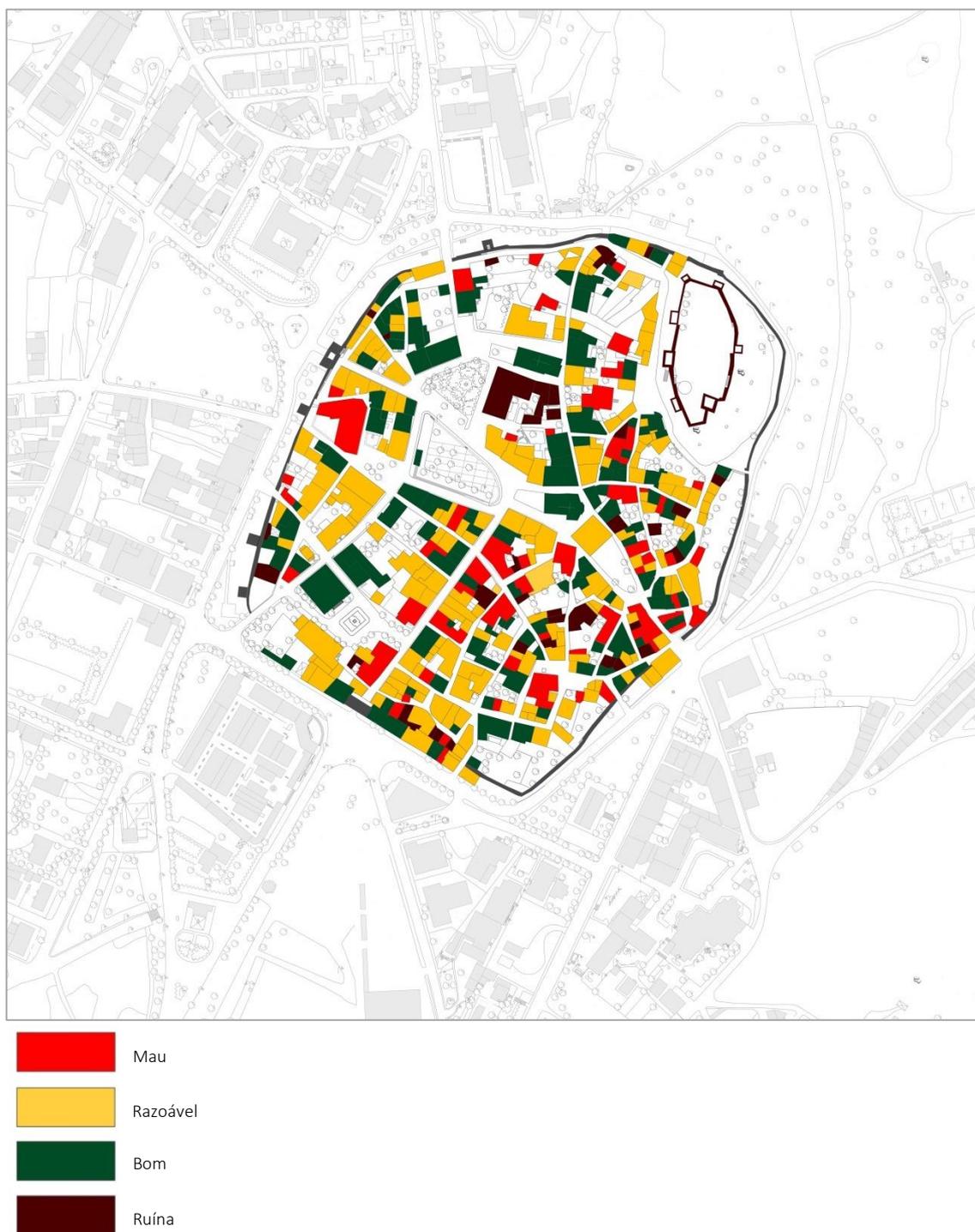


Fig. 186 Imagem de representação do estado de conservação de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.

Depois de fazer a análise e olhando para a imagem anterior, foi possível verificar que em maior número estão os edifícios classificados como em bom estado, resultado obtido através de algumas reconstruções e reabilitações feitas ao longo dos anos. No entanto, e quase na mesma quantidade encontram-se edifícios em mau estado de preservação, devido ao facto do baixo poder económico da população residente, mas também a idade avançada dos que habitam dentro das muralhas, onde as reabilitações ou reconstruções das suas habitações não serão uma prioridade nesta fase da vida.

De forma a conseguir avaliar o estado de conservação de cada edifício e utilizando os 4 parâmetros acima referidos (Bom estado, Estado razoável, Mau estado e Ruína), em cada um dos parâmetros foram avaliados os estados das fachadas, vãos, estrutura e cobertura, percebendo que os que estão em bom estado não necessitam de qualquer manutenção ou conservação. No entanto, os em estado razoável carecem de algum tipo de manutenção. No parâmetro em mau estado são edifícios que precisam de alguma alteração ou substituição do que está em más condições de conservação.



Fig. 187 Edifício em mau estado de conservação. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 188 Edifício em razoável estado de conservação. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 189 Edifício em bom estado de conservação. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 190 Edifício em ruína. Fonte: Autora, 2019.

2.9. Valor arquitetônico

E por fim, neste último ponto da análise morfológica e sendo talvez um dos mais relevantes, procurou-se perceber e classificar o valor arquitetônico de cada edifício. Por isso foi fundamental a elaboração de 6 níveis que permitissem classificar cada edifício presente no centro histórico. Estes critérios avaliam um conjunto de fatores, tais como valores históricos, culturais e sociais, mas também ao nível de materiais utilizados e a morfologia de construção.

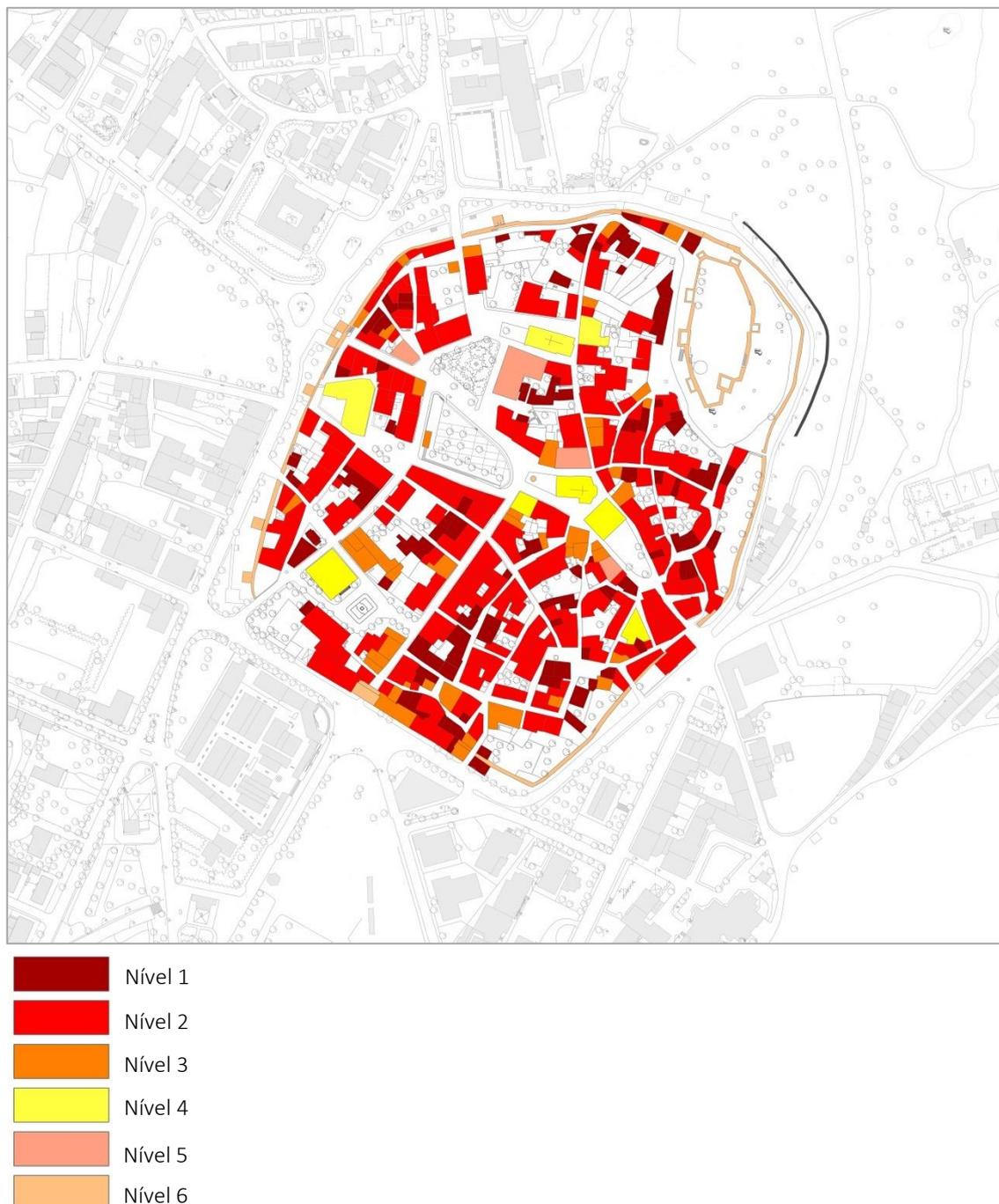


Fig. 191 Imagem de representação do valor arquitetônico de cada edifício. Fonte: Autora, 2019.

Os 6 níveis:

Nível 1 – Edifícios que no seu conjunto estão em desarmonia com o resto do edificado, onde os materiais e a arquitetura não vão de encontro com a tradição.

Nível 2 – Edifícios que se encontram em sintonia com o resto do edificado, mas que necessitam de algum tipo de adaptação ou reabilitação.

Nível 3 – Edifícios cujas construções, materiais e arquitetura estão em harmonia com os edifícios envolventes.

Nível 4 – Edifícios com o seu próprio valor arquitetónico, mas que em alguns casos não vai de encontro com a arquitetura do local.

Nível 5 – Edifícios com carácter histórico/cultural/social, mas que não são reconhecidos como monumento nacional.

Nível 6 – Edifício com carácter histórico/cultural/social, que é reconhecido como monumento nacional.



Fig. 192 Edifício no nível 1. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 193 Edifício no nível 2. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 194 Edifício no nível 3. Fonte: Autora, 2019.



Fig. 195 Edifício no nível 4. Fonte: Autor, 2019.



Fig. 196 Edifício no nível 5. Fonte: Autor, 2019.



Fig. 197 Edifício no nível 6. Fonte: Autor, 2019.

Desde a pré-história o ser humano tem evoluído, e junto com ele o mundo, o modo de vida e tudo o que o rodeia. Também é o caso dos edifícios, que na pré-história começaram como uma simples gruta ou cabana e que têm evoluído ao longo dos tempos, onde no início era apenas um espaço que protegia o ser humano dos perigos exteriores, mas também do clima. No entanto, os edifícios já não têm só essa função, eles continuam a servir de habitação, mas também servem para a cultura, o comércio, serviços e a indústria. O edifício tem evoluído de tal forma que muitas vezes nos esquecemos de como foi a construção do antigamente. É importante evoluir, mas é ainda mais importante não esquecer o que foi feito.

Ao longo desta análise conseguiu-se perceber que alguns dos edifícios construídos ou reabilitados não seguiram o padrão da construção, onde o típico edifício é totalmente construído em blocos de granito, que normalmente tem 2 pisos e as janelas e portas são em madeira. Esta falta de preocupação em seguir os padrões, descaracteriza o edifício, que pode levar a que perca o valor arquitetónico que alguma vez teve.

Parte IV – Futuro

1. Intervenções em Espaços Urbanos

1.1. Reabilitação Urbana em Portugal

“A reabilitação urbana assume-se hoje como uma componente indispensável da política das cidades e da política de habitação, na medida em que nela convergem os objetivos de requalificação e revitalização das cidades, em particular das suas áreas mais degradadas, e qualificação do parque habitacional, procurando um funcionamento globalmente mais harmonioso e sustentável das cidades e a garantia, para todos, de uma habitação condigna.” (DL n.º 307/2009, de 23 de Outubro)

Ao longo dos tempos, a Arquitetura no geral vem se desenvolvendo, transformando e adaptando à realidade de cada época. Dessa forma palavras como reabilitação, requalificação revitalização e renovação são o tema da atualidade. Ainda mais hoje, em que as palavras de ordem já não são construir de novo, mas sim recuperar o que já foi novo e dar uma nova vida.

No entanto, alguns destes termos já eram utilizados no século passado. Em Portugal, só terão começado a surgir a partir da segunda metade do século XX, os primeiros passos na reabilitação e salvaguarda do património, no entanto, noutras partes da Europa, estes conceitos já eram usados em consequência das inúmeras cidades destruídas devido à II Guerra Mundial (Lopes, 2011).

Apesar de só ter sido na década de 60 do século XX que começou a grande preocupação em torno da reabilitação urbana (Lopes, 2011), em 1865 foi elaborado a Plano Geral de Melhoramentos devido ao crescimento urbano de cidades como Lisboa e Porto. Já no século XX, em 1920, com o objetivo de agir no restauro e conservação do património histórico e arquitetónico, foi criada a Administração Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (AGEMN), no final desta época, 1929, foi formada a Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), com a finalidade de reunir todo o edificado num só organismo (edifícios nacionais e edifícios particulares). Em 1934, foi aprovada a primeira legislação de ordenamento territorial, através dos Planos Gerais de Urbanização, dando às câmaras a devida autoridade para intervir de forma dinâmica nas cidades, com a ressalva, de que nos centros históricos deveriam só intervir em monumentos históricos isolados (Marques, 2013). “A preocupação em torno da realidade urbana em Portugal até meados dos anos 60 resumiu-se praticamente à recuperação de

monumentos isolados com o objetivo de enaltecer as grandes riquezas patrimoniais.” (Lopes, 2011, pág.21).

É então, na década de 60, que se começa a reconhecer a verdadeira importância da reabilitação urbana, quando em 1961, no Colóquio sobre o Urbanismo, o arquiteto Manuel Laginha expõe o conceito de Renovação Urbana, no qual dizia que no processo da renovação urbana teria de haver uma avaliação no edificado, percebendo quais os seus valores (económicos, físicos, históricos e estéticos) (Lopes, 2011). Também na mesma década houve alguns estudos relativamente a este tema, como o Estudo de Prospeção e Defesa da Paisagem Urbana do Algarve, feito pelo arquiteto Joaquim Cabeça Padrão, no qual este estudo destacava espaços públicos, urbanizações e arquitetura tradicional; onde propunha uma diferente metodologia de intervenção. Também o estudo coordenado pelo arquiteto Fernando Távora, o Estudo de Renovação Urbana do Barredo, no qual serviu de projeto-piloto, onde mais tarde foi posto em prática (Marques, 2013).

Em 1970 é aprovado o Decreto-Lei nº 576/70, de 24 de Novembro, no entanto mais tarde, em 1976, este DL é substituído na íntegra pela Lei dos Solos. Em 1971, são publicados os Decreto-Lei nº560/71 e Decreto-Lei nº561/71, onde são criados planos de auxílio ao planeamento urbanístico, o Plano Geral de Urbanização (PGU) e o Plano de Pormenor (PP). Estes planos auxiliavam na recuperação de áreas com excesso construtivo e sem condições habitacionais. No final da década de 70, foi aprovado através do Decreto-Lei nº 704/76, de 30 de Setembro, o Programa para a Recuperação de Imóveis Degradados (PRID), com o objetivo de criar fundos para financiar a recuperação e conservação de imóveis habitacionais degradados (Lopes, 2011; Marques, 2016).

No ano de 1980, é criado o Instituto Português do Património Cultural (IPPC), uma entidade dedicada unicamente à proteção e salvaguarda do património cultural. Esta instituição dividia-se em várias entidades, das quais, as que mais se destacava era o Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico (IPPAAR), que mais tarde foi alterado para Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR) (Marques, 2016).

Em 1985, o PRID é substituído pelo Programa de Reabilitação Urbana (PRU). Este programa teve uma duração de 3 anos, com o objetivo de apoiar técnica e financeiramente as câmaras municipais, promovendo a criação de Gabinetes Técnicos Locais (GTL). O PRU é então substituído 3 anos depois (1988), pelo Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas (PRAUD). Este programa teve uma duração de 16 anos, no qual durante todos esses anos foi o único programa de reabilitação urbana em Portugal. O seu principal objetivo era recuperar o património construído e áreas ambientais degradadas (Lopes,2011).

No final da década de 80, em 1988, é criado através do Decreto-Lei nº 4/88 o Regime Especial de Comparticipação na Recuperação de Imóveis Arrendados (RECRIA), tendo como objetivo apoiar a execução e obras de reabilitação e conservação de edifícios habitacionais em estado degradado (Lopes,2011; Marques,2016).

Durante a década de 90 foram criados outros três programas de apoio ao desenvolvimento da reabilitação urbana, o REHABITA, RECRIPH e o SOLARH, no entanto, estes programas não cumpriram o seu papel na totalidade, devido a problemas financeiros, ao grande e elevado estado de degradação do edificado e às limitações jurídicas e legais (Lopes,2011). As Sociedades de Reabilitação Urbana (SRU) foram decretadas pelo Decreto-Lei nº104/2004, de 7 de Maio, com o objetivo de intervir e reabilitar as cidades, tendo “competências de forma a poder expropriar, realojar, fiscalizar e licenciar as obras de reabilitação urbana” (Lopes, 2011, pág.28). Entre 2007 e 2013 esteve em vigor o programa POLIS XX, com o objetivo principal de intervir urbanística e ambientalmente, dando uma nova imagem, mais atrativa e moderna a cada cidade intervencionada.

1.2. Conceitos

A intervenção urbana é um tema muito abordado na atualidade, onde o seu principal objetivo é desenvolver estratégias de forma a melhorar os espaços públicos e a interação com as pessoas, permitindo também que esses espaços públicos beneficiem a nível social, ambiental e económico (Ribeiro, 2015). Como a intervenção urbana é um tema bastante abrangente, engloba conceitos mais específicos, como Reabilitação, Requalificação, Revitalização e Renovação. Estes conceitos diferenciam-se na forma de intervir no espaço urbano (Ribeiro, 2015).

- 1.2.1. **Reabilitação Urbana:** Segundo a DGOTDU, na reabilitação urbana o “(...) processo de transformação do espaço urbano, compreendendo a execução de obras de conservação, recuperação e readaptação de edifícios e de espaços urbanos, com o objetivo de melhorar as suas condições de uso e de habitualidade, conservando, porém, o seu carácter fundamental.” (DGOTDU, 1998, pág.153). No fundo a reabilitação urbana no seu procedimento, nunca destrói o existente, mas usa as estruturas existentes e reajusta a novas situações, tornando o espaço urbano adequado e atual.
- 1.2.2. **Requalificação Urbana:** Ribeiro diz que a requalificação urbana “visa restituir a qualidade de um determinado espaço a partir da melhoria

das condições físicas dos edifícios e/ou espaços urbanos, podendo ser alterada a função primitiva de forma a dar respostas às exigências da época.” (Ribeiro, 2015, pág.25) O conceito de requalificação urbana é semelhante com o de reabilitação urbana, no entanto, a requalificação possibilita a construção de infraestruturas e espaços públicos.

1.2.3. Revitalização Urbana: De acordo com a DGOTDU a revitalização urbana consiste em “(...) intervenções pontuais de recuperação dos edifícios existentes em áreas degradadas, com as intervenções mais gerais de apoio à reabilitação das estruturas (...) locais, visando a consequente melhoria da qualidade de vida nessas áreas ou conjuntos urbanos degradados.” (DGOTDU, 1998, pág. 153) O objetivo de revitalização urbana é tratar de edifícios degradados, com mau aspeto, e dar uma nova vida, tornando-os mais atrativos.

1.2.4. Renovação Urbana: Como afirma a DGOTDU a renovação urbana é aplicada em áreas degradadas e desocupadas “(...) às quais não se reconhece valor como património arquitetónico ou conjunto urbano a preservar, com deficientes condições de habitabilidade, de salubridade, de estética ou de segurança, implicando geralmente a substituição dos edifícios existentes.” (DGOTDU, 1998) No fundo a renovação urbana permite a demolição do edificado que já não tem valor reconhecido e posteriormente é substituído por uma nova construção adequada à época.

1.3. Intervenções em Espaços Urbanos em Trancoso

Trancoso, dispõe de uma herança cultural muito relevante, assim como um edificado de grande valor histórico para o nosso país, isto por ter sido cenário de importantes factos históricos, como casamentos reais e batalhas importantes para a independência de Portugal. Por ser um local de grande relevância para a história e cultura do nosso país, foi e é importante, preservar, salvaguardar e intervir no património que nos foi legado. E por esse motivo o centro histórico, mas também a restante cidade foi submetida a inúmeras intervenções nos espaços urbanos, de modo a poder garantir a sua preservação, embora adequado à época.

Alguns dos espaços/estruturas que sofreram intervenções foram: o Castelo, as Murallas, a Praça D. Dinis, o Largo Luís de Albuquerque, a Casa do Gato Preto, o piso de quase todo o centro histórico, o Convento dos Frades, a Fonte da Vide, entre outros. As intervenções foram fundamentais para dar ao centro histórico uma nova vida e para torná-lo mais atrativo, não só para quem vem de fora, mas principalmente para quem cá habita.

Intervenções no Castelo – São notórias as intervenções realizadas tanto no exterior do castelo como no interior, mas também ao seu redor.



Fig. 198 Vista do Castelo em 1920.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 199 Vista do Castelo em 2019.
Fonte: <https://aldeiahistoricasdeportugal.com/local/barbaca/>.



Fig. 200 Interior do Castelo por volta de 1940.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 201 e 202 Interior do Castelo em 2019. Fonte: Autora, Dezembro de 2019.



Fig. 203 Entrada do Castelo por volta de 1940.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 204 Entrada do Castelo em 2019.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.

Intervenções nas Muralhas – As Muralhas foram intervencionadas em bastantes partes do seu perímetro. Demoliram os edifícios encostados ao longo da muralha e intervieram no espaço junto às Portas d’El Rei e em todo resto do perímetro da cerca.



Fig. 205 Portas d’El Rei por volta de 1920.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 206 Entrada do Castelo em 2019.
Fonte: Autor, Dezembro de 2019.



Fig. 207 Zona exterior da Muralha no lado oeste por volta de 1920.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 208 Zona exterior das Muralhas no lado oeste 2020. Fonte: <https://www.google.com/maps/@40.7779499,7.3514204,3a,75y,49.37h,98.95t/data=!3m6!1e1!3m4!1s2petVHLWiUo0MjF7uC3AWw!2e0!7i13312!8i6656?hl=pt-PT>.

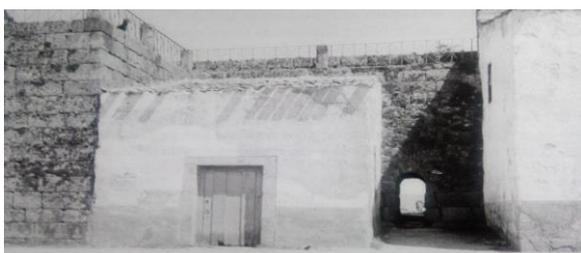


Fig. 209 Lado exterior do Boeirinho em meados do século XX. Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.

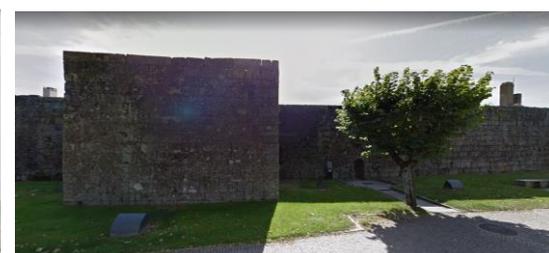


Fig. 210 Lado exterior do Boeirinho em 2019.
Fonte: <https://www.google.pt/maps/@40.7790784,-7.3507717,3a,75y,124.27h,91.23t/data=!3m6!1e1!3m4!1s3Gc3Rpvo-Z9UrYyq6uO6kQ!2e0!7i13312!8i6656>.

Intervenção na Praça D. Dinis – Onde hoje se localiza a praça D. Dinis em tempos existiu o Convento de Santa Clara. A praça hoje tem uma zona de estar, zona verde e um serviço.

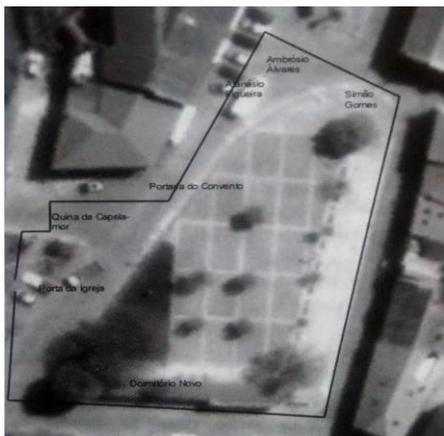


Fig. 211 Demarcação da possível planta do Convento de Santa Clara.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 212 Praça D. Dinis em 2019. Fonte: <https://www.google.pt/maps/@40.7784792,-7.3489553,3a,60y,291.16h,94.07t/data=!3m6!1e1!3m4!1suFg-6zAEezwZHMkmUxw8w!2e0!7i13312!8i6656>.

Intervenção no Largo Luís de Albuquerque – O largo foi transformado num espaço público com estacionamento de automóveis e zona verde.



Fig. 213 Largo Luís de Albuquerque.
Fonte: Disponível no facebook do Município de Trancoso, consultado a 24 de Junho de 2020.



Fig. 214 Largo de Luís de Albuquerque em 2019.
Fonte: Autor, Dezembro de 2019.

Intervenção na fachada da Casa do Gato Preto – O que hoje, no piso inferior, é uma janela, antes da intervenção era uma porta.



Fig. 215 – Casa do Gato Preto no século XX.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 216 Casa do Gato Preto em 2019.
Fonte: Autor, Outubro de 2019.

Intervenção no Convento dos Frades – O convento dos Frades sofreu uma intervenção tanto no interior como no espaço exterior. Hoje é um auditório para espetáculos.



Fig. 217 Convento dos Frades por volta de 1950.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 218 Convento dos Frades em 2019.
Fonte: Autor, Outubro de 2019.

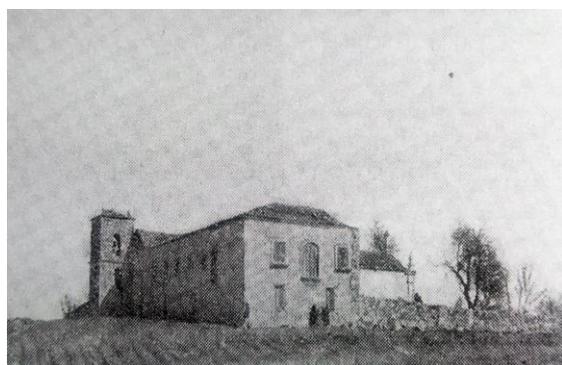


Fig. 219 Convento dos Frades.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 220 Convento dos Frades em 2019.
Fonte: Autor, 2019.

Intervenção na Fonte da Vide – A fonte está praticamente como em 1917, no entanto o espaço em volta sofreu uma intervenção.

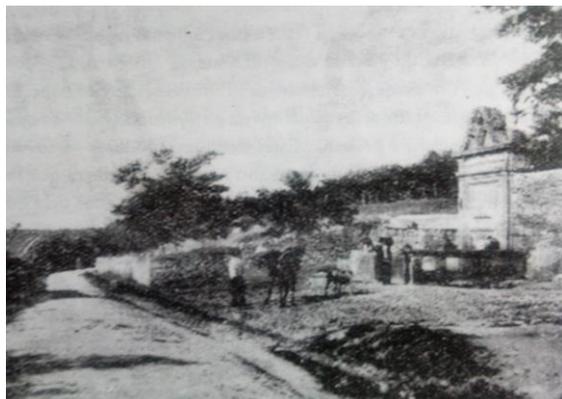


Fig. 221 Fonte da Vide por volta de 1917.
Fonte: Disponível no livro Trancoso – Uma Monografia, Saldanha, 2016.



Fig. 222 Praça D. Dinis em 2019.
Fonte: Disponível no Google Maps, consultado a 24 de Junho de 2020.

2. Memória Descritiva

Posteriormente a um estudo sobre a história, o património e a estrutura urbana desta bela vila amuralhada, foi claro entender qual seria o local mais interessante para intervir e com algumas necessidades de reabilitação.

O espaço escolhido para a intervenção é o Largo Dr. Eduardo Cabral. Situa-se no interior das muralhas, na zona norte, no qual está rodeado pelo Solar dos Costas, Lopes e Tavares / Palácio Ducal, a Igreja de Santa Maria de Guimarães, o Solar Sampaio e Melo, o Quartel-General de Beresford e a Praça de Dom Dinis.



Fig. 223 Imagem aérea de Trancoso, com a marcação do local de intervenção.

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Trancoso/@40.7784202,-7.349802,504m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd3c938bf06d5ffd:0xdcc7aeea5a0da11!8m2!3d40.7787604!4d-7.3491442?hl=pt-PT>.

Nas várias visitas ao local foi perceptível a pouca utilização do espaço por parte de quem lá passava. É fundamentalmente um lugar de passagem, que raramente é atravessado.

Tal como foi abordado anteriormente, alguns dos problemas que este largo apresenta são o esquecimento do local por parte da população. As “zonas verdes” tem uma aparência pouco cuidada, a zona de estar é formada por apenas quatro bancos em madeira, a zona dos passeios é interrompida frequentemente por árvores ao longo da sua extensão, dificultando constantemente a passagem de peões. Por fim, a zona de estacionamento junto ao largo é ocupada por árvores entre os estacionamentos, estacionamentos estes, nem sempre ocupados por automóveis. É possível ver todos os estes pontos no levantamento fotográfico efetuado no local.



Fig. 224 Largo Dr. Eduardo Cabral. Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 225 Largo Dr. Eduardo Cabral.
Fonte: Autora, Outubro de 2019.



Fig. 226 Largo Dr. Eduardo Cabral
Fonte: Autora, Outubro de 2019.

A intervenção no local tem como principal objetivo dar uma nova leitura ao espaço, tornando-o mais apelativo e atual, sem nunca esquecer o passado.

2.1. Conceito

Na sequência de um maior conhecimento sobre Trancoso, entendeu-se que o principal conceito que melhor retrata a cidade, é o Património. Devido a toda a sua história, à sua arquitetura civil e religiosa, à influência da presença judaica e à importância da rede das Aldeias Históricas de Portugal na cidade.

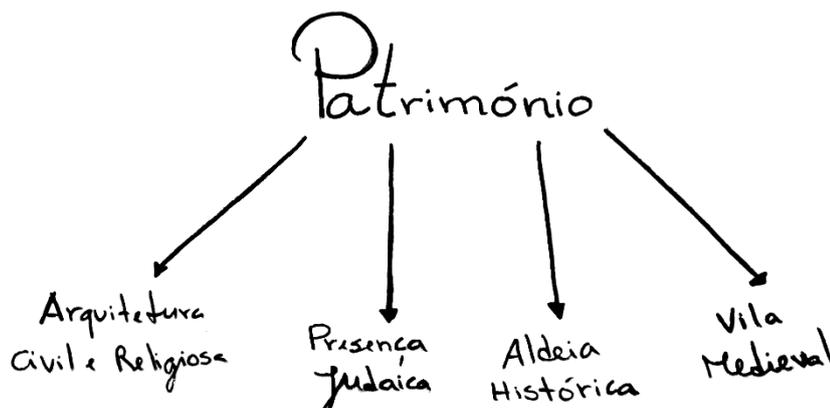


Fig. 227 Esquisso conceptual. Fonte: Autora, Junho de 2020.

O projeto assenta em três ideias chave: uma zona verde, uma zona de contemplação/reflexão e uma zona de percurso/direção. A ideia do desenho final surgiu através da configuração já existente, sempre com o pensamento em tornar o local num espaço contemporâneo e apelativo, num contexto histórico.

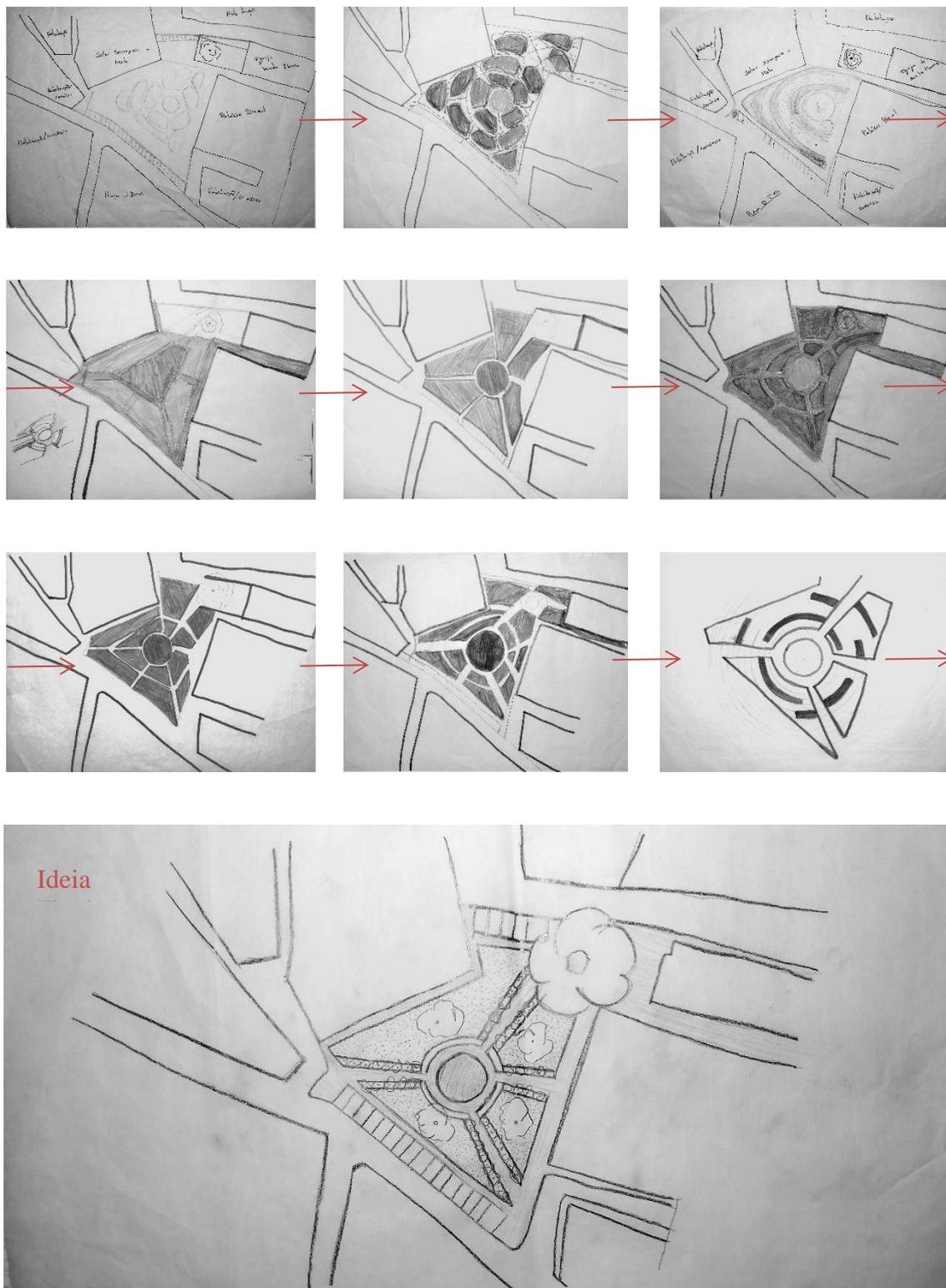


Fig. 228 Esquisso da evolução da ideia. Fonte: Autora, Junho de 2020.

Desde o início foi clara a intenção de levar o momento de reflexão/contemplação a uma cota mais baixa, cavando o terreno para revelar as “fundações do património”, tornando o local mais íntimo e reservado, próximo das raízes do passado.



Fig. 229 Esquissos conceptuais. Fonte: Autora, Junho de 2020.

No centro da zona de reflexão/contemplação encontra-se um espelho de água, que representa o Património. Tudo se desenvolve em volta deste centro, a contemplação/reflexão, a direção/percurso, a vivência/passagem/permanência. Tal como o Património no passado, no presente e no futuro vai moldando a cidade; a água, da mesma forma, molda a pedra por onde passa.

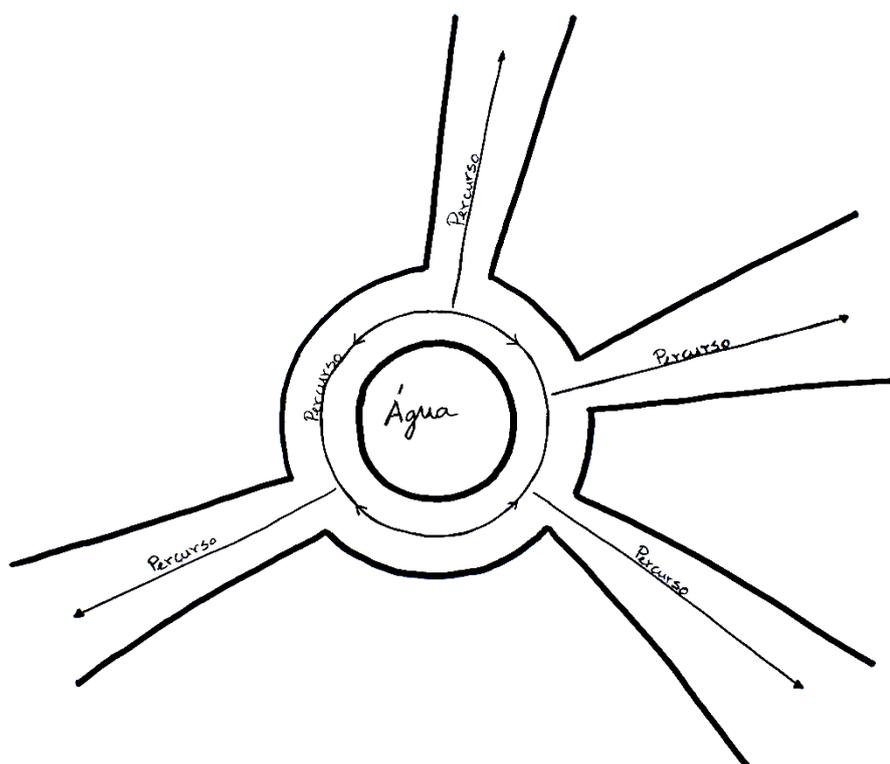


Fig. 230 Esquisso conceptual. Fonte: Autora, Junho 2020.

Os percursos que partem do centro estão propositalmente direcionados, levando o visitante do espaço a diferentes pontos de interesse, no interior da muralha. A “zona verde” é composta por quatro carvalhos, uma árvore típica da região, por hortências, que delimitam os contornos dos percursos e nos fazem lembrar algumas das ruas do centro histórico.

Para terminar, todo o pavimento da intervenção será revestido com um material mais predominante na cidade, blocos em granito, neste caso com ranhuras. O material para revestir os muros dos percursos e da zona de contemplação/reflexão será em aço corten, dando um aspeto mais antigo ao espaço. A zona de reflexão é completada com um segmento de bancos em granito, interrompidos apenas pelo início dos percursos.

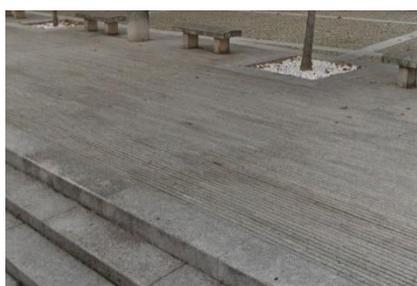


Fig. 231 Exemplo de material.

Fonte: https://www.google.com/maps/@40.7785194,-7.3493875,3a,60y,330.63h,85.66t/data=!3m6!1e1!3m4!1sTKCxmJtGp7L_ZzyzP35YFA!2e0!7i13312!8i6656?hl=pt-PT.



Fig. 232 Exemplo de material.

Fonte: https://www.archdaily.com/622956/a-rememberance-site-parc-des-glacis-2-3-4/55385c61e58ece7357000102-a-rememberance-site-parc-des-glacis-2-3-4-photo?next_project=no.



Fig. 233 Exemplo de material. Fonte:

<https://www.marlin.co.ao/produtos/espacos-construcoes-publicas/>.

A intervenção é o ponto de partida para conhecer todo o património existente em Trancoso, que tem tanto para oferecer.

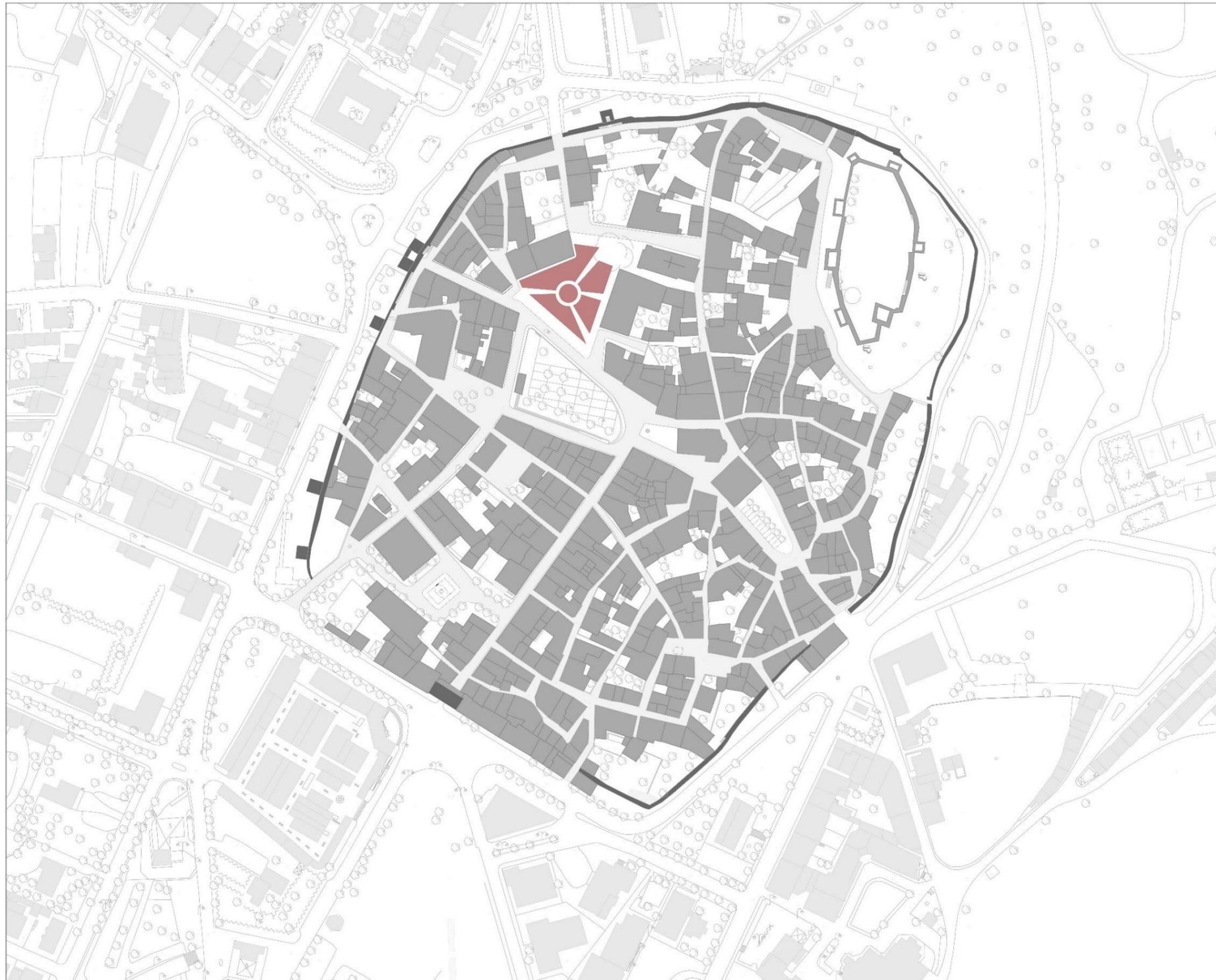


Fig. 234 Planta de localização da intervenção. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.

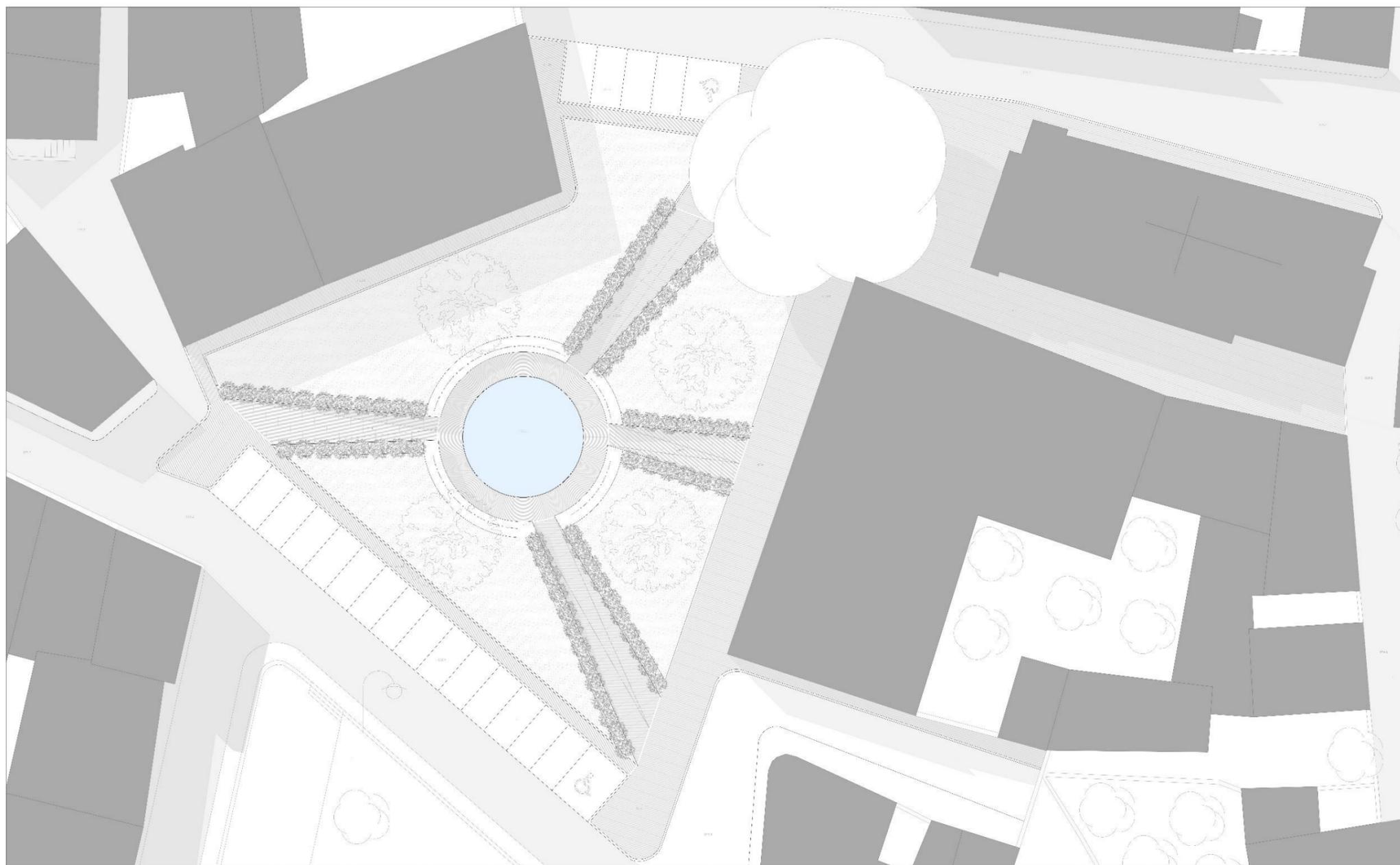


Fig. 235 Planta. Sem escala. Fonte: Autora.

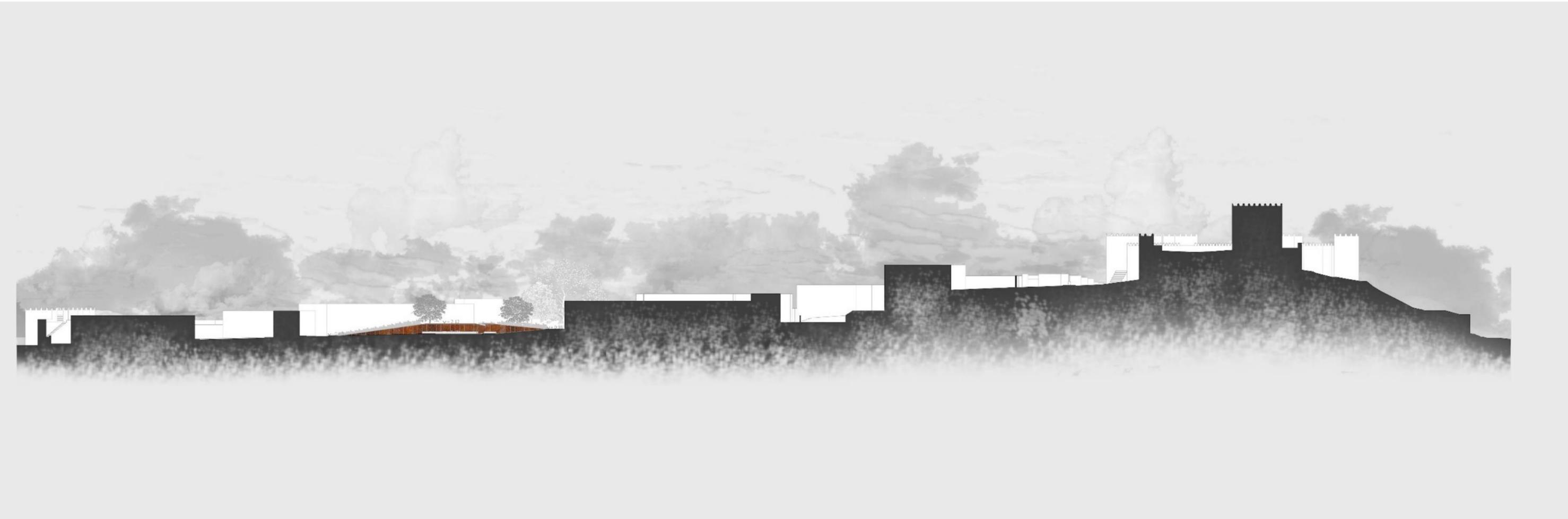


Fig. 236 Ilustração do corte AA'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.

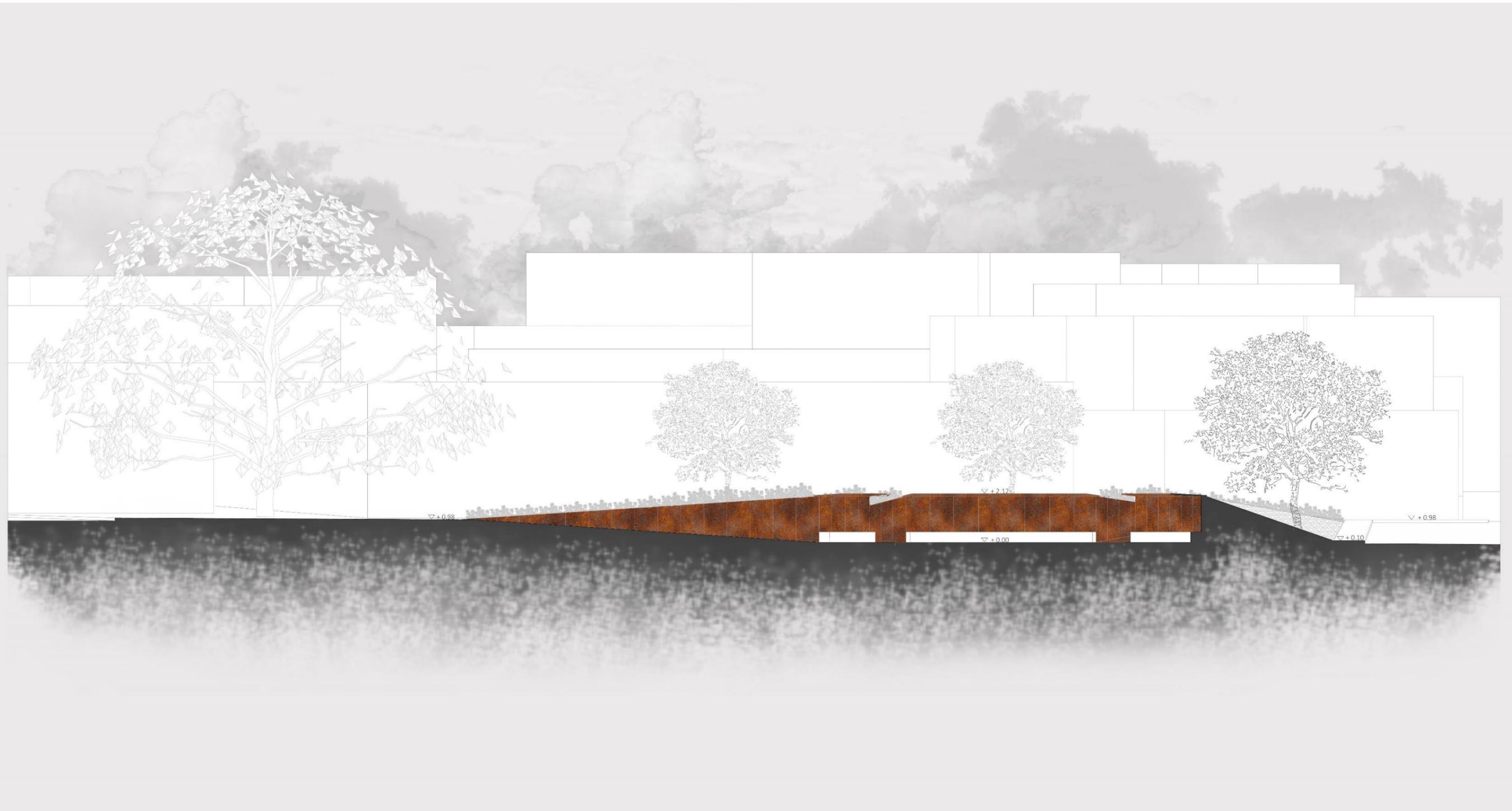


Fig. 237 Ilustração do corte BB'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.



Fig. 238 Ilustração do corte CC'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.

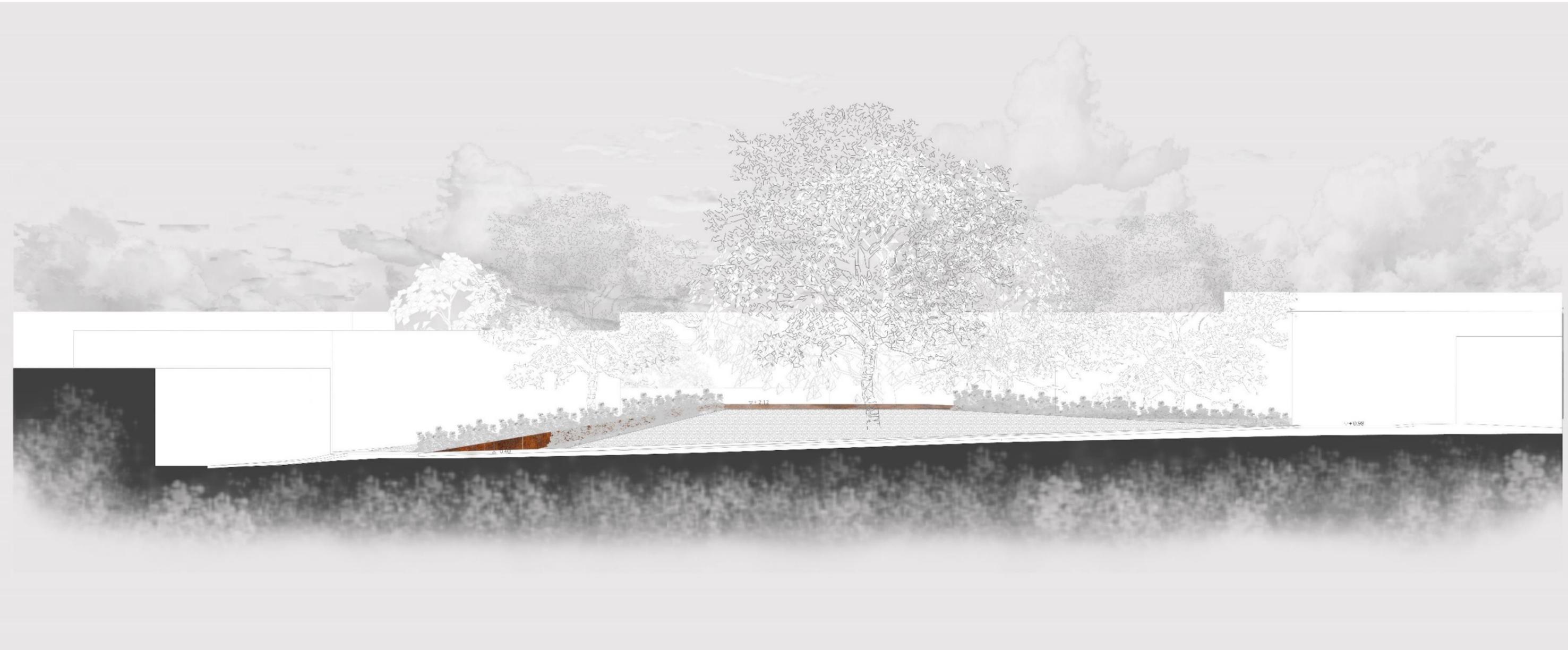


Fig. 239 Ilustração do corte DD'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.



Fig. 240 Ilustração do corte EE'. Sem escala. Fonte: Autora, 2020.

Conclusão

Ao longo do percurso como pessoa, temas como património, passado, herança, tradições e costumes, são de alguma forma assuntos que sempre nos fascinaram. Desde muito cedo sempre existiu o interesse por saber mais sobre como tudo tinha chegado até aos dias de hoje, e o porquê de as coisas serem desta forma.

Por esse motivo, no fecho de mais uma etapa do percurso, fez todo o sentido quando surgiu o tema explorado na dissertação, Trancoso, aldeia histórica, vila medieval e cidade contemporânea. O conhecer da história, das tradições, das lendas e das vivências. Foi mais um degrau no sentido da procura por temas que cativam. Apesar do nome “Trancoso” ser desconhecido até então neste caminho, foi imediato o fascínio por este lugar quando se começou a conhecer. Na primeira visita à cidade, cada rua, cada janela, cada pormenor, cada história, fizeram querer tornar esta cidade também como parte desse caminho.

Ao iniciar com o passado, na procura pela história, foi possível perceber que Trancoso destaca-se na história por ter sido palco de atos históricos, como batalhas e casamentos reais; mas também, por ter sido berço de personalidades que se destacaram, como o sapateiro-profeta Gonçalo Anes Bandarra ou Fernando Isaac Cardoso, o famoso médico judeu.

Quando se fala de património, inevitavelmente, nos lembramos de Trancoso. A cidade respira Património. Por essa razão foi necessário explorar o seu conceito e concluir o que é, e o que a ele faz parte. Decerto, concluiu-se que, a cidade está rodeada de inúmeros bens de interesse cultural, histórico, arquitetónico, arqueológico, natural e artístico. Outro ponto de bastante interesse na cidade é o facto de Trancoso ter sido “a casa” de uma comunidade judaica. A presença de judeus, em Trancoso, influenciou em muito a cidade, a sua história, a cultura, os hábitos, a relação na sociedade, e até mesmo a forma de construção. É algo que dificilmente será apagado da memória desta terra.

Depois de estudar o passado, foi indispensável explorar o presente, no qual se compreendeu onde esta vila medieval se localiza e em volta de quê, passando por analisar os acessos, os tipos de pavimento, o espaço não edificado e o espaço edificado. Apesar de ser um lugar repleto de património, ao longo da análise foram detetados alguns problemas que descaracterizam a aldeia histórica, tanto no espaço não edificado como no espaço edificado. Exemplos como a excessiva presença de automóveis ou a aplicação

de materiais nos edifícios que não correspondem às características pretendidas no interior do centro histórico.

Estes pontos levam-nos à próxima parte, o futuro, no qual, se explorou conceitos como reabilitação urbana, requalificação urbana, revitalização urbana e renovação urbana. E o quanto estas temáticas são importantes, principalmente nos dias de hoje que são abordadas constantemente. Em Trancoso, estas ações foram necessárias para tentar garantir a sua preservação, tentando tornar os espaços, que sofreram intervenções, atuais, mas sem nunca esquecer as raízes do passado.

Para concluir, Trancoso é uma cidade repleta de histórias, cultura e património, no entanto, todo este potencial muitas vezes não foi aproveitado da melhor forma. Contudo, com a ajuda da rede das Aldeias Históricas de Portugal, Trancoso, voltou a estar no mapa como um lugar de interesse e que os turistas querem visitar.

É um lugar com História.

Bibliografia

Abel, António. (1995). Vilas de fundação Medieval no Alentejo. Contributos para o estudo da morfologia urbana. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico na Universidade de Évora.

Atas das Primeiras Jornadas do Património Judaico da Beira Interior. (2008).

Afonso, Daniel. (2012). A rua na construção da forma urbana medieval: Porto, 1386-1521. 2º Ciclo de Estudos em História da Arte Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ARRUDA, J.J.A. história antiga e medieval. 16ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1993.

BENEVOLO, Leonardo. (1995). A Cidade na história da Europa. 1ªed. Lisboa: Editorial Presença Lda.

Boura, Isabel. (2004). Património e Mobilização das Comunidades Locais: das Aldeias Históricas de Portugal aos contratos de Aldeias. Cadernos de Geografia nº 21-23. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Cameijo, Alcina & Saraiva, António. (2014). Judeus, Judiarias e Cristãos-Novos na Beira Interior. Edição: Agência para a Promoção da Guarda.

Caramelo, Amado. (2002). Monografia de Trancoso. G.C. – Gráfica de Coimbra, Lda. Guarda.

Coutinho, Carlos. (2013). Marvila. Da Ruína à Aldeia Histórica. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura da FCTUC.

Costa, Joana. (2014). Requalificação Urbana e Qualidade de Vida no Centro Histórico de Trancoso. Relatório de estágio para obtenção do grau de Mestre em Estudos Urbanos no Instituto Universitário de Lisboa.

Costa, Santos. (2017). Breve Monografia de Trancoso. Edição: Sete Vidas, uma chancela de Fernando Jorge dos Santos Costa.

Cunha, Rui & Sacadura, João. (1999). Património da Humanidade em Portugal. Editora Verbo.

DGOTDU (1998) Vocabulário Urbanístico, DGOTDU, Lisboa.

Diário da República, 2.^a série — N.º 65 — 2 de abril de 2015.

Diagnóstico Social (2018) Conselho Local de Ação Social de Trancoso.

Ferreira, Bruno. O Judaísmo.

Ferreira, Pedro. (2011). Programa de Recuperação de Aldeias Históricas em Portugal. Um balanço. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Figueiredo, Jorge. (1997). Trancoso – Dez Anos de Cultura (1986-1996). 1^a Edição - Trancoso Câmara Municipal de Trancoso.

GASPAR, Jorge. (1969). A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média.

GASPAR, Jorge. A cidade portuguesa na Idade Média. Aspetos da estrutura física e desenvolvimento funcional. Universidade de Lisboa.

GREGÓRIO, MARIA. (2009). Perceção do Centro Histórico de Trancoso: Cenários de Intervenção Urbana. Dissertação de Mestrado em Ordenamento da Cidade da Universidade de Aveiro.

GOITIA, Fernando. (1992). Breve história do urbanismo. 3^a ed. Lisboa: Editorial Presença.

Gonçalves, Eduardo. (2016). Museu Judaico de Belmonte. Memória e Identidade Criptojudáica. Dissertação de mestrado em História na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

IPPAR. Património Arquitetónico e Arqueológico. Informar para Proteger. Jornadas Europeias do Património.

Lopes, Daniel. (2011). A Reabilitação Urbana em Portugal Importância Estratégica para as Empresas do Setor da Construção Civil e Obras Públicas. Dissertação de Mestrado em Economia e Gestão das Cidades da Faculdade de Economia na Universidade do Porto.

Lousada, Maria. (2008). Antigas vilas, aldeias velhas, novas aldeias. A paradoxal identidade das Aldeias Históricas de Portugal. Publicado em Turismo, Inovação e Desenvolvimento, CEG, Lisboa, 2008, pp.143-174.

Malheiro, Ângela. (2015). Património(s): Objeto e Testemunho da História. Uma Euforia da Sociedade Atual? Doutoramento em História Seminário de Problemáticas em História.

Marques, Raquel. (2013). (Re)Pensar um centro esquecido - a ação da Porto Vivo, SRU no processo de reabilitação urbana do Morro da Sé. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura na Universidade do Porto.

Morais, Inês. (2014). Turistas da Memória - à procura das raízes judaicas na cidade do Porto. 2º Ciclo de Estudos em Turismo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Munford, Lewis. (1998). A Cidade na História. São Paulo, Martins Fontes.

Oliveira, Mário. (2014). Uma Cidade Medieval Portuguesa. História Urbana Medieval na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Paiva, Ana. (2015). As barreiras urbanas no tecido da cidade: o processo de crescimento do Porto. Dissertação de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Fernando Pessoa.

Pinto, Ana. (2015). Judeus, “joia da coroa transmontana” – Proposta de criação de uma Rota Cultural dos Judeus em Trás-os-Montes. Dissertação de Mestrado do 2º ciclo em Gestão de Programação do Património Cultural na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Pinto, Gonçalo. (2013). Desenho urbano medieval. Uma interpretação gráfica da urbe e do território. Dissertação de Mestrado de Arquitetura na Universidade do Minho.

Projeto de Lei n.º 523/IX. (2004). Elevação da Vila de Trancoso à Categoria de Cidade.

Ribeiro, Andreia. (2015). Possibilidades de reabilitação urbana em bairros sociais. Estudo de caso: Bairro Social de Santa Tecla, Braga. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil na Universidade do Minho.

Ribeiro, Maria. (2016). Serviço Hoteleiro e Cultura Judaica: Caso do Hotel Turismo de Trancoso. Dissertação de Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo na Universidade de Aveiro.

RIBEIRO, SIMÃO. (2016). A Reabilitação como Estratégia de Requalificação Urbana (Re)Pensar Belém. Dissertação de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, especialização em Urbanismo na Universidade de Lisboa.

Saldanha, Pedro. (2016). Trancoso – Uma Monografia. A Vila, o seu Campo, o Seu Aro e as suas Freguesias.

Santos, Carla & Ballesteros, Carmen. (2004). Arqueologia Judaica no Concelho de Trancoso. Cadernos de Estudos Sefarditas, nº 4, 2004, pp. 9-40.

Saraiva, Bárbara & Carvalho, Paulo. (2013). Património Judaico e Turismo Cultural em Trancoso.

Silva, Carlos. (2013). Judiarias, Judeus e Judaísmo. 1ª Edição. Edições Colibri. Câmara Municipal de Torres Vedras.

Tavares, Maria. (2000). Os Judeus em Portugal no Século XIV. Edição: Guimarães Editores.

Webgrafia

Aldeias Históricas de Portugal. Consultado em Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/aldeia/trancoso/>.

Arch Daily. Centro de Interpretação da Cultura Judaica Isaac Cardoso / Gonçalo Byrne Arquitectos + Oficina Ideias em linha. Consultado em Abril de 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-168137/centro-de-interpretacao-da-cultura-judaica-isaac-cardoso-slash-goncalo-byrne-arquitectos-plus-oficina-ideias-em-linha?ad_medium=gallery.

Câmara Municipal de Trancoso. Trancoso Município. Consultado em Junho de 2019. Disponível em: <https://www.cm-trancoso.pt/>.

Lei do Património. Consultado em Março de 2020. Disponível em: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=844A0002&nid=844&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=&nversao=#artigo.

SIPA. Sistemas de Informação para o Património Arquitetónico. Consultado em Setembro de 2019. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2.

Anexos

Anexo 1 - Descrição das peças desenhadas

Anexo 2 – Levantamento do edificado: Representação e Tabelas

Anexo 1 – Descrição das peças desenhadas

Painel	Representação	Escala
I	Planta de Implantação	1:1000
II	Planta	1:100
III	Planta com marcação de cortes	1:500
AA'	Corte	1:500
AA'	Corte	1:100
BB'	Corte	1:100
CC'	Corte	1:100
DD'	Corte	1:100
EE'	Corte	1:100

Tabela 1 - Descrição das peças desenhadas.

Anexo 2 – Levantamento do edificado: Representação e Tabelas

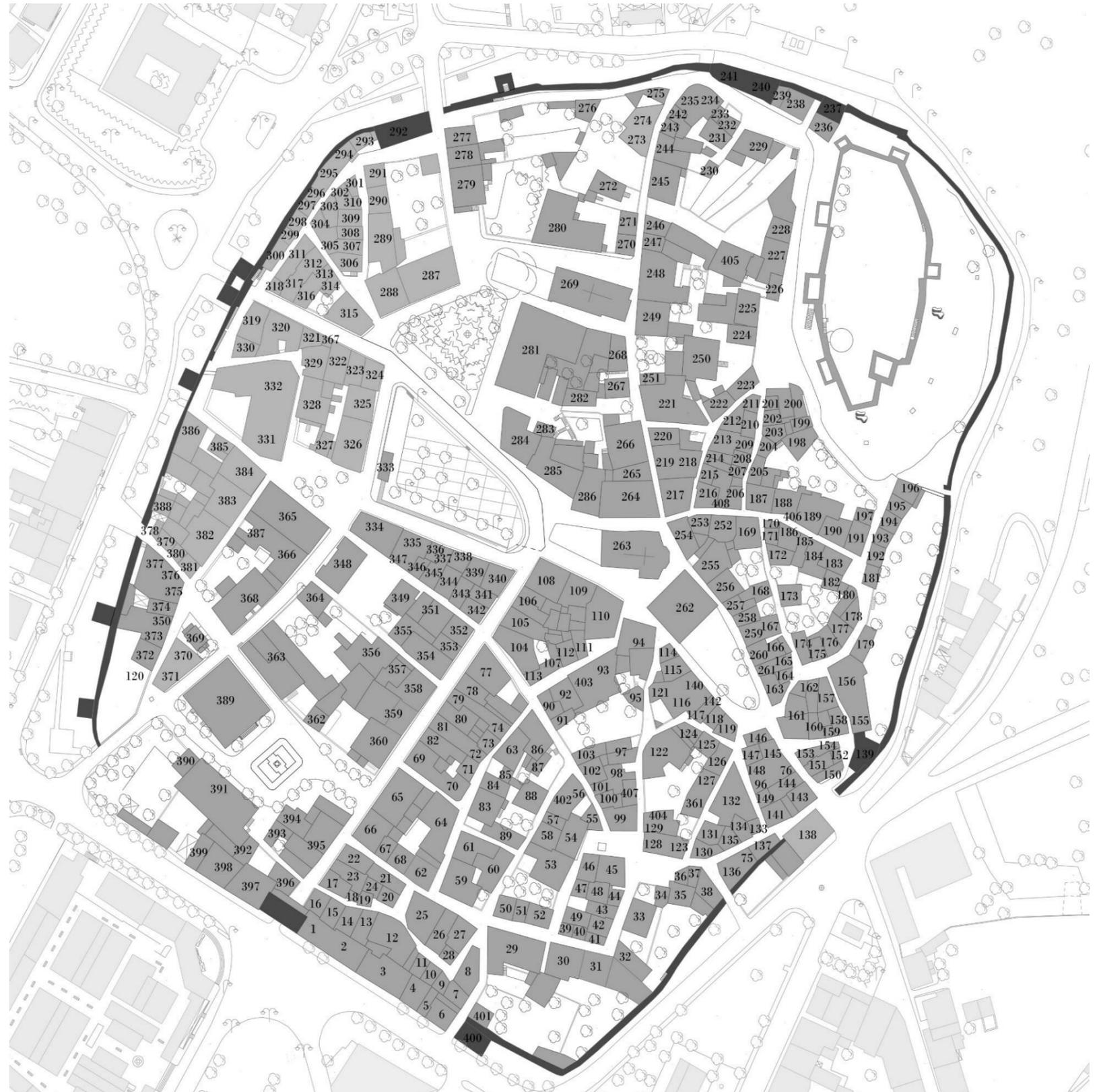


Fig. 241 Planta com a numeração do edificado. Fonte: Autora, Agosto de 2020.

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
1		X	X		2		X			X				X						X	3
2	X		X		2		X			X			X	X						X	3
3	X	X			2		X			X	X		X	X					X		2
4	X		X		3		X			X				X						X	2
5		X			2	X				X				X				X			1
6	X	X			2		X			X	X			X	X				X		3
7	X	X			2		X			X				X					X		3
8	X				2				X	X				X					X		2
9	X				2	X					X				X		X				1
10	X				3	X						X				X		X			1
11	X				1	X					X				X		X				1
12	X		X		2				X	X				X					X		2
13	X				3		X				X				X		X				1
14	X				2	X						X				X		X			1
15	X				2		X			X				X						X	3
16	X		X		2				X			X	X			X			X		2
17	X	X			3	X						X		X					X		2
18	X				2		X						X						X		3
19	X				2		X					X				X		X			2
20			X		2		X					X				X			X		3
21	X		X		3	X							X	X					X		1
22	X		X		3				X			X	X	X					X		2
23	X	X			3				X	X				X	X				X		2
24	X				2		X					X								X	1
25	X				2		X					X				X			X		3
26	X				2		X					X		X				X	X		2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
27	X		X		2				X	X	X			X					X		2
28	X				2				X	X				X						X	1
29	X		X		2		X			X		X				X				X	3
30	X				2				X	X				X						X	2
31	X				2				X	X				X					X		2
32	Garagem				1				x		x			X					X		1
33	X				3				X	X				X					X		1
34	Garagem				1	x					x						X				1
35	X				2		X			X				X					X		2
36	ARMAZEM				1				X		X								X		1
37	Garagem				1	X					X								X		1
38	X				2	X						X			X			X			2
39	ARMAZEM				1				X	X					X				X		2
40	X				2				X	X				X					X		2
41	X				2				X	X				X					X		2
42	X				2		X			X				X						X	3
43	X				2				X			X				X		X			2
44	X				2				X	X				X					X		2
45	X	X			3	X				X				X				X			1
46	X				2	X				X				X				X			1
47	X				2	X				X	X				X			X			1
48	X				3	X				X				X				X			1
49	X				1				X			X		X					X		2
50	X		X		2		X			X				X						X	2
51	X				2		X				X				X			X			2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
52	x				2				x	x						X			X		2
53	X				3				X	X	X	X		X						X	2
54	X				2				X		X	X		X					X		2
55	X				3				X		X			X						X	2
56	X				2				X			X		X						X	2
57	X				3		X			X				X					X		2
58	X				3		X				X				X			X			2
59	X				2		X				X			X					X		2
60	X				3		X				X			X					X		2
61	X				2		X			X				X					X		2
62		X	X		2				X			X	X	X						X	1
63	X				3	X					X	X		x				X			2
64	X				2	X	X					X		X					X		1
65	X	X			3				X			X		X						X	2
66	X	X	X		3	X				X	X	X	X	X	X				X		1
67	X		X		3	X					X				X				X		1
68	X	X			3	X				X			X	X				X			1
69	X	X			2				X				X	X					X		2
70	X				3	X						X				X		X			1
71	X				2				X	X	X			X					X		1
72	X				2		X			X	X			X					X		2
73	X				2		X					X		X					X		2
74	X				3	X						X				X	X				2
75	X				3				X			X				X			X		2
76	X				2		X			X				X				X			2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
77	X	X			2				X		X	X	X			X		X			2
78	X	X			3				X				X	X						X	2
79	X	X			3		X	X		X					X			X			2
80	X	X			3		X					X	X			X			X		2
81	X	X			3				X	X					X				X		2
82	X		X		2				X				X	X					X		2
83	X				2	X					X	X		X						X	1
84	X				3	X				X				X					X		1
85	X				3				X	X				X						X	2
86	X				3		x			x				X						x	2
87	X				3				X	X	X			X						X	2
88	X				2		X				X	X		X					X		2
89	X				2		X			X				X						X	2
90	X				3				X	X				X						X	2
91	X				2		X					X			X	X					2
92	X				2		X				X	X			X	X		X			2
93	X		X		2		X				X			X					X		2
94	X	X			3		X					X				X		X			3
95	GARAGEM				1		X				X									X	1
96	X				2	X					X				X		X				1
97	X				2	X					X				X		X				1
98	X				2				X			X							X		2
99	X				4				X	X				X	X				X		2
100	X				3	X										X	X				2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
101	X				2	X					X				X			X			1
102	X				2				X			X				X				X	2
103	Garagem				1	x					X								X		1
104	X	X			3	X			X		X		X		X		X				2
105	X	X			3				X		X			X			X				2
106	x	X			3		X				X	X	X							X	3
107	X				2	X					X			X		X					1
108			X		1				X		X			X				X			4
109		X			2				X			X			X				X		2
110		X	X		4				X		X				X				X		2
111	X				3		X				X				X				X		3
112	X				3	X					X			X			X				1
113	X		X		2	X					X			X			X				2
114	X				3		X				X		X							X	3
115	X		X		2		X		X						X					X	3
116	X				3				X		X		X						X		2
117	X				4				X		X				X				X		2
118	X				3	X			X				X							X	1
119	X				3	X					X				X				X		1
120	ARMAZEM				1		X				X	X				X					2
121	X				2	X					X		X							X	2
122	X				2	X					X			X		X					2
123	X				2		X		X				X							X	2
124	X				3	X			X				X						X		1
125	X				2		X				X			X			X				2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
126	X				2		X				X				X			X			2
127	X				2		X				X			X	X			X			2
128	GARAGEM				1				X		X							X			1
129	X				2		X				X				X			X			2
130	X				2		X				X		X							X	3
131	X				2	X											X				2
132			X		2		X						X	X						X	4
133	X				2		X			X			X						X		2
134	X				3				X		X		X						X		1
135	X				2		X				X			X			X				2
136	X				2		X			X			X							X	2
137	X				2		X			X		X	X							X	2
138	X		X		2		X			X		X	X						X		2
139	X				2	X					X			X				X			2
140	X				2		X				X		X						X		5
141	X				2		X				X	X					X				2
142	X				2		X				X		X						X		2
143	X	X			3	X				X		X	X						X		2
144	X				2				X		X			X				X			2
145	X				2		X				X			X				X			2
146	X				2				X		X		X		X			X			2
147	X				2		X				X			X					X		2
148	X				2				X		X						X				2
149	X				3				X		X		X							X	2
150	X				2	X					X			X				X			2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
151	X				2		X			X				X						X	2
152	X				2				X	X				X						X	2
153	X		X		3				X	X	X				X			X			2
154	X				3				X		X				X			X			2
155	X				2		X				X				X				X		2
156	X				2		X			X					X				X		2
157	X				2	X					X				X				X		1
158	X				3		X			X				X						X	2
159	X				3	X						X				X		X			2
160	X				2		X			X				X						X	2
161	X				2				X			X		X						X	2
162	X				1	X					X				X				X		1
163	X				2		X			X				X						X	2
164	X				3				X			X				X				X	2
165	X				2		X				X	X			X				X		2
166	X				3				X					X				X			2
167	X				3	X					X			X	X			X			2
168	X				2		X					X		X						X	2
169	X				2	X					X					X		X			2
170	X				2	X					X			X				X			1
171	X				3	X					X			X					X		1
172	X				2				X	X				X					X		2
173	X				1		X					X					X				2
174	X				2	X						X		X					X		1

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
175	X				3	X				X	X					X		X			1
176	X				1		X					X					X				1
177	X				2				X	X				X						X	2
178	X				2		X				X			X						X	2
179	ARMAZEM				1		X				X						X				1
180	X				2				X		X				X				X		2
181	GARAGEM				1		X				X				X				X		2
182	X				1		X				X								X		2
183	X				1				X		X				X		X				2
184	X				1				X			X								X	2
185	X				1	X					X				X			X			1
186	X				2		X			X				X						X	2
187	X				2		X			X				X					X		2
188	X				2				X		X				X					X	2
189	X				3		X				X				X				X		2
190	X				2	X				X				X					X		1
191	X				2	X				X				X					X		1
192	X				2	X				X				X					X		2
193	X				2	X				X				X					X		1
194	X				2	X				X				X					X		1
195	X				1	X					X				X		X				2
196	X				1				X			X								X	2
197	X				2	X				X				X				X			1
198			X		1		X			X				X					X		1
199	X				2	X					X				X					X	1

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
200	X		X		2	X	X			X				X						X	2
201	x				2	X					X				X					X	1
202	X				2				X			X		X						X	2
203	X				1		X				X									X	2
204	X				1		X				X									X	2
205	X				1		X					X								X	2
206	X				3		X			X				X						X	2
207	X				2		X				X				X			X			2
208	X				2		X			X				X						X	2
209	X				1		X					X				X		X			2
210	X				1		X				X				X			X			1
211	GARAGEM				1		X					X								X	3
212	X				2		X				X				X		X				2
213	ARMAZEM				1		X				X							X			1
214	X				1		X				X							X			2
215	X				2				X	X				X						X	2
216	X				3				x	X				X						X	2
217	X				3				X			X		X						X	2
218	X				1		X					X								X	2
219	X		X		2		X						X			X				X	3
220	X				2		X					X			X					X	3
221	X				4				X			X		X						X	2
222	X				2				X			X			X					X	2
223	X				2		X				X	X			X					X	3
224	X				1		X				X									X	2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico	
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B		
225	X				1		X			X				X						X	2	
226	X				1	X				X				X						X	1	
227	X				1	X				X				X						X	1	
228	X				1	X				X				X						X	1	
229	X				2				X	X				X						X	2	
230	GARAGEM				1		X			X											X	1
231	X				2				X	X				X							X	1
232	GARAGEM				1	X				X								X				1
233	X				1		X				X					X						1
234	X				2	X				X				X		X						1
235	X				2		X				X		X		X					X		3
236	X				2	X				X				X		X						1
237	X				2	X				X				X		X						1
238	X				2		X				X					X					X	3
239	X				2		X			X						X						1
240	X				2				X	X	X			X						X		2
241	X				2	X				X				X							X	1
242	X				2		X			X				X						X		2
243	X				2	X				X	X			X						X		1
244	X				2				X			X									X	2
245	X				2				X	X				X							X	2
246	X				2		X				X			X						X		3
247	X				2		X			X				X							X	2
248	X				2		X				X			X							X	4
249	X		X		3				X			X		X						X		2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
250	X				2		X						X				X			2	
251	X				2				X	X					X			X		2	
252	X				2	X					X			X			X			1	
253	X				3		X				X				X				X	3	
254	X				3				X	X			X						X	2	
255	X				2		X				X		X						X	3	
256	X				3				X		X				X	X				2	
257	X		X		2		X				X		X					X		2	
258	X				2		X		X				X						X	2	
259	X				3	X					X		X	X			X			2	
260	X	X			3		X		X				X					X		2	
261	X				3	X				X				X			X			1	
262			x		2				X		X				X			X		4	
263	igreja				1				X		X			X					X	4	
264			x		2				X		X		X						X	5	
265	X				2				X		X				X				X	2	
266	X		X		2				X	X	X		X						X	2	
267	ARMAZEM				1		X			X				X	X	X				1	
268	X				3				X		X				X	X				2	
269	I GREJA				1				X		X			X					X	5	
270	GARAGEM				1				X		X							X		2	
271	GARAGEM				1				X		X							X		2	
272	X				3	X					X		X				X			1	
273	X				2				X	X	X		X						X	2	
274	X				2	X					X		X		X			X		1	

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico	
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B		
275	GARAGEM				1				X			X							X		1	
276	X				2		X				X				X				X		2	
277	X				2		X				X				X				X		3	
278	X				2		X			X		X		X					X		2	
279			X		2		X			X		X	X	X							X	2
280	X				2				X			X		X						X		2
281	PALÁCIO DUCAL				2				X			X			X	X					5	
282	X				1		X				X				X		X				1	
283	X				2	X					X				X			X			1	
284	X	X			2				X	X	X			X							X	2
285	X	X			3				X	X			X	X		X				X		2
286	X	X	X		2		X					X	X	X		X				X		3
287	X				2				X			X		X							X	3
288			X		3				X			X		X							X	4
289	X				2		X				X			X							X	2
290	X				2				X			X		X						X		2
291	X				2		X				X			X							X	2
292		X			1				X	X	X			X						X		2
293	X				2				X			X			X	X				X		2
294	X				2		X					X			X						X	3
295	X				2				X			X			X						X	2
296	X				2		X				X				X						X	2
297	X				2		X				X						X					2
298	X				2		X				X			X							X	2
299	X				2		X				X			X							X	2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
300	X				2		X					X			X			X		3	
301	X				2		X			X				X					X	2	
302	X				2				X	X				X					X	2	
303	X				2		X			X				X					X	2	
304	X				2				X	X				X					X	2	
305	X				2		X					X			X	X				1	
306	X				3				X	X				X					X	2	
307	X				2				X	X				X					X	2	
308	X				3	X				X				X					X	1	
309	X				2	X				X	X				X				X	1	
310	X				2		X			X				X					X	2	
311	X				2	X					X			X	X				X	1	
312	X				2	X				X				X	X				X	1	
313	X		X		2				X	X		X		X					X	3	
314			X		2				X	X						X			X	2	
315	X	X			2				X		X	X		X	X				X	5	
316			X		2				X	X				X					X	2	
317	X	X			2				X	X				X					X	2	
318	X	X			2				X	X			X						X	2	
319	X		X		2				X	X					X	X			X	2	
320	X		X		2				X	X				X					X	2	
321	X		X		2	X				X				X					X	1	
322	X	X	X		2				X	X				X					X	2	
323	X	X			2		X			X	X			X		X			X	2	
324	X	X			3		X			X				X					X	3	

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico	
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B		
325	X	X			2		X			X		X		X						X	2	
326	X	X	X		2		X			X				X						X	2	
327		X			1		X			X				X						X	1	
328	X				3		X			X				X							X	2
329	X				2		X			X	X	X		X							X	2
330	X				2	X					X				X				X			1
331	X				2				X			X				X		X				4
332	CAPELA				1				X			X				X		X				4
333			X		1		X			X				X							X	3
334	X	X			2				X		X	X				X					X	2
335	X	X			2				X	X	X			X							X	2
336	X				3				X	X				X							X	2
337	X		X		2	X				X				X						X		2
338	X		X		2				X	X		X				X		X				2
339	X				2		X			X				X							X	2
340	X	X			3				X		X			X						X		2
341	X	X			3				X	X				X							X	2
342	X		X		3				X	X				X						X		2
343	X				3		X			X				X						X		2
344	X				2	X					X	X				X		X				1
345	X		X		2				X	X	X			X						X		2
346	X				2		X			X				X						X		2
347	X				2		X				X			X							X	2
348			X		2				X			X		X							X	2
349	X				2				X		X				X						X	2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
350	X				2				X		X				X				X		2
351	X		X		3	X					X			X					X		1
352	X	X			3				X	X				X						X	2
353	X	X			3				X	X				X						X	2
354	X	X			3				X	X		X		X						X	2
355	X				3	X				X					X			X			1
356	X				2	X				X				X					X		1
357	X				2				X	X				X					X		2
358	X		X		3		X			X		X		X	X				X		3
359	X	X			3				X		X					X			X		2
360	X	X	X		3				X	X		X		X			X				2
361			X		2				X			X				X				X	2
362		X			1				X			X				X			X		1
363	X	X			2		X			X			X	X						X	3
364	GARAGEM				1				X			X				X				X	2
365		X			1				X	X				X					X		2
366	X				1				X							X			X		1
367	X				2				X		X			X	X	X			X		2
368			X		3				X			X		X					X		2
369			X		1	X				X				X					X		1
370	X	X			2	X				X				X						X	1
371	X	X			2	X					X			X			X				1
372	X				2				X			X				X				X	2
373	X				2		X			X				X						X	2
374			X		2		X			X				X						X	2

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
375			X		2		X					X			X				X	2	
376	X				2		X				X			X					X	3	
377	X	X			2				X	X				X					X	2	
378		X			1		X			X				X				X		1	
379	X				2	X					X		X				X			1	
380			X		3		X			X				X					X	2	
381	X		X		3				X			X			X			X		2	
382	X		X		2				X		X	X			X			X		2	
383	X				2				X			X			X			X		2	
384	X				3				X	X				X					X	2	
385	X				2				X	X				X					X	2	
386				X	1		X			X	X			X				X		2	
387	X				2				X			X			X			X		1	
388	X				2	X					X			X			X			1	
389			X		2				X			X			X				X	4	
390	GARAGEM				1				X		X							X		1	
391	X		X		2				X			X		X				X		2	
392	X				2				X			X			X			X		2	
393	X				2				X		X			X			X			2	
394	X		X		2				X	X				X				X		2	
395	X	X			2				X	X		X	X		X		X			4	
396	X	X			2	X				X			X		X			X		2	
397	X				2				X			X		X					X	2	
398	X	X			3				X	X		X		X	X			X		2	
399	X				2				X	X				X				X		2	

	Habitação	Comércio	Serviços	Indústria	Nº de pisos	Material das fachadas				Material das portas				Material das janelas			Estado de conservação				Valor arquitetónico
						R	P	A	M	A	F	M	V	A	F	M	R	M	R	B	
400	ARMAZEM				1		X			X				X				X		1	
401	X				1		X				X								X	1	
402	X				2	X					X				X	X				2	
403	X				2				X		X				X			X		2	
404	X				2		X			X				X		X				2	
405	X				2		X				X				X		X			2	
406	X	X			2		X		X				X						X	2	
407	x				4				x	x				x	x				x	2	
408	x				3		x			X				X					x	2	

Material das fachadas:**R – Reboco****P – Pedra****A – Azulejo****M – Misto****Material das portas:****A – Alumínio****F – Ferro****M – Madeira****V – Vidro****Material das janelas:****A – Alumínio****F – Ferro****M – Madeira****Estado de conservação:****R – Ruína****M – Mau****R – Razoável****B – Bom**

